

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA
NA AMAZÔNIA

FESTA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO NA COMUNIDADE DE TERRA
PRETA DO RIO MAMURU EM PARINTINS

GILCIANDRO PRESTES DE ANDRADE

PARINTINS-AM

2016

GILCIANDRO PRESTES DE ANDRADE

**FESTA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO NA COMUNIDADE DE TERRA
PRETA DO RIO MAMURU EM PARINTINS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais, sob a orientação do professor Doutor Alexandre Santos de Oliveira.

PARINTINS-AM

2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A553f Andrade, Gilciandro Prestes de
Festa de São José Operário na Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru em Parintins : Festa de Santo - Comunidade - São José Operário - Manifestações Simbólicas - Sociabilidade / Gilciandro Prestes de Andrade. 2017
113 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Alexandre Santos de Oliveira
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Festa de Santo. 2. Comunidade. 3. São José Operário. 4. Manifestações simbólicas. 5. Sociabilidade. I. Oliveira, Alexandre Santos de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

GILCIANDRO PRESTES DE ANDRADE

**FESTA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO NA COMUNIDADE DE TERRA
PRETA DO RIO MAMURU EM PARINTINS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais, sob a orientação do professor Doutor Alexandre Santos de Oliveira.

Aprovada em:// 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira – Presidente

Prof. Dr. Julio Claudio da Silva – Membro da Banca

Prof. (A) Dra. Rosemara Staub de Barros Zago – Membro da Banca

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e aos moradores da Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru/AM, pelo apoio e colaboração para realização da dissertação e, sobretudo, por ajudar a conquistar um sonho pessoal, com vocês compartilho a minha felicidade e alegria nesse momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelas Bênçãos alcançadas e pela proteção que me dar todos os dias de minha vida, pela fé em acreditar em mim mesmo, por ajudar a ultrapassar as barreiras que enfrentei nessa minha empreitada, do ano de 2014 até a atual data.

Agradeço ao meu Orientador Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira, pelas orientações pertinentes, sempre tentando me redirecionar para as leituras interdisciplinares, fazendo com que tivesse um olhar mais abrangente sobre meu objeto de estudo, pela paciência, disciplina cobrada, revisões e ajudas nos artigos científicos de final de disciplina e pela revisão e orientações da Dissertação. Ao senhor meus sinceros agradecimentos.

Ao meu filho Francisco Almeida Andrade, que sem saber me fortalecia nas noites em claro quando estava escrevendo ou lendo e, ao está cansado e com sono, olhava para ele e me dava forças para acreditar que poderia vencer mais essa etapa de minha vida.

A Raiony Pires de Almeida, por ajudar-me incentivando que poderia realizar meus sonhos e com sua força de vontade e responsabilidade, cuidava de meu filho, me substituindo às vezes, pois estava atarefado com os afazeres profissionais e acadêmicos.

Agradeço aos meus pais Manoel Soares de Andrade e Raimunda Graciete Prestes Andrade por cuidar de mim quando criança, pelos incentivos com os estudos, acreditando sempre que poderia ter mais conquista na vida acadêmica e pelo orgulho que têm de minha pessoa. Amo vocês!

Aos meus irmãos Gilcinei, Gilcifran, Gilson, Gisele e Alessandra que sempre acreditaram e me incentivaram, pela amizade e companheirismo. Sem vocês meus irmãos, tenho certeza tudo seria mais difícil, pois como sabemos o quanto foi árduo vencer, pois viemos de família humilde do interior de Parintins. Obrigado a todos!

A minha avó Genilde Batista Prestes por ter nos amparado em sua casa quando nossa família estava em processo de transição do interior para a cidade, sem condições financeiras, a senhora nos ajudou abrindo sua casa e nos dando seu carinho.

Agradeço a Maynessa Simas pelos incentivos que sempre me dava nos momentos difíceis, acreditando que poderia alcançar meu objetivo, obter o título de mestre, pelas

transcrições de entrevistas, pois trabalhava com carga horária de 40 horas semanais na SEDUC-AM e estava em alguns momentos sem tempo para fazer essa tarefa. Obrigado!

Ao professor Dr. Júlio Cláudio da Silva do curso de História da UEA-Parintins, pelos incentivos, leituras indicadas e pelos debates nas tardes de sábado, no interior da instituição, possibilitando crescimento acadêmico e profissional. Obrigado! Pelos convites em participar e coordenar alguns eventos, contribuindo bastante para a entrada como professor colaborador do PARFOR, no curso de 2º Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas.

Agradeço em especial ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia pela interiorização, uma vez que, nos possibilitou a entrada no mestrado que era um sonho desde a conclusão da graduação, mas que por falta de condições econômicas e particulares não conseguia realizá-lo e, com a vinda para Parintins entrei e concluir mais essa etapa de minha carreira acadêmica.

Agradeço aos moradores da Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru pelo acolhimento e carinhosa recepção, por abraçarem e acreditarem no êxito da pesquisa, tirando tempo de seu trabalho e nos cedendo as próprias casas para gravarmos as entrevistas, pelos cafezinhos, pela amizade construída e fortalecida durante os dias de pesquisa. Sem vocês não conseguiria realizá-las e nem a conhecer melhor o objeto de estudo. Obrigado a todos de coração! E que Deus possa iluminá-los sempre com sucesso a realização dessa linda festa a São José Operário e, que também proteja todas as famílias da localidade.

A festa de santo é um momento em que atuam de um lado a ordem e o respeito e de, outro, a informalidade, a camaradagem, o gesto festivo, o encontro, a não obediência as regras formais, pode-se inferir que é pela neutralização entre essas partes componentes que se caracteriza a festa.

Isidoro Alves

RESUMO

Esta dissertação é resultado de pesquisa desenvolvida na Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru, na zona rural do Município de Parintins - AM, onde se estudou a festa do seu santo padroeiro. O objetivo foi compreender através da história da festa a São José Operário, a dinâmica das práticas festivas e, os sentidos que os participantes atribuem ao ato. Elegemos como objetivos específicos: A) Investigar a origem da comunidade de Terra Preta e os seus santos de devoção; B) Realizar revisão de literatura para compreensão ampliada dos conceitos sobre festa de santo; C) Investigar os sentidos que devotos, moradores e visitantes atribuem a festa de São José Operário. O método empregado tomou como ponto de partida a história oral temática, através de entrevistas semi-estruturadas, tendo como fonte a memória de devotos, moradores e visitantes. Utilizou-se da técnica observação participante para perceber o não dito pelas entrevistas e conhecer melhor a festa de santo. A perspectiva interdisciplinar norteou a construção dos fundamentos teóricos da pesquisa, almejando visões mais completas sobre o objeto. A principal suposição que comprovamos é que a festa de santo é entendida como forma de religiosidade e, ao mesmo tempo de sociabilidade. Assim as pessoas atribuem sentidos simbólicos a momentos e elementos festivos que podem ser compreendidos sob uma perspectiva de complementaridade na festa.

Palavras-chave: Festa de santo – Comunidade - São José Operário– Manifestações Simbólicas – Sociabilidade

ABSTRACT

This dissertation was developed in the community of Terra Preta of the Mamuru River, in the rural area of the Municipality of Parintins - AM, where the feast of its patron saint was studied. The objective was to understand through the history of the feast to Saint Joseph the Worker, the dynamics of festive practices, and the senses that the participants attribute to the act. We choose as specific objectives: A) To investigate the origin of the community of Terra Preta and its saints of devotion, relating to the feast; B) Carry out a review of the literature for an extended understanding of the concepts of holy feast; C) Investigate the senses that devotees, residents and visitors attribute to the feast of St. Joseph the Worker. The method employed took as its starting point thematic oral history, through semi-structured interviews, having as a source the memory of devotees, community residents and visitors. Participant observation technique was used to perceive the non-said by the interviews and to know better the feast of santo. The interdisciplinary perspective guided the construction of the theoretical foundations of the research, aiming at more complete views about the object. The main assumption we prove is that the feast of saint is understood as a form of religiosity and, at the same time, of sociability. Thus people attribute symbolic meanings to festive moments and elements that can be understood under a perspective of complementarity in the party.

Keywords: Feast of saint - community – Saint Joseph the Worker - symbolic manifestations - Sociability.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 01: Parte do quadro comunitário de Terra Preta.....	25
Figura 02: Times de futebol em jogo no Domingo a tarde.....	30
Figura 03: Parte da estrutura elétrica da comunidade de Terra Preta.....	32
Figura 04: São Sebastião.....	34
Figura 05: Pessoas da comunidade e devotos na celebração do Sábado.....	37
Figura 06: Imagem de São José Operário no andor.....	38
Figura 07: Devotos e comunitários dentro da igreja rezando nas novenas.....	39
Figura 08: Igreja do Sagrado Coração de Jesus (s.d.).....	46
Figura 09: Cantor de bolero de Parintins animando o baile.....	70
Figura 10: Banda da cidade de Parintins, antes de o baile começar.....	71
Figura 11: Círio da festa.....	77
Figura 12: time da comunidade no torneio, cores roxa e branca.....	79
Figura 13: Novena dentro da igreja.....	80
Figura 14: Pessoas pedindo bênçãos ao santo dentro da igreja.....	82
Figura 15: Porto da comunidade no dia de festa que tem baile e torneio.....	87
Figura 16: Torneios de futebol: esquerdo masculino e, a direito feminino.....	90
Figura 17: Disputas de pênaltis das partidas que terminavam empates.....	94
Figura 18: Pessoas depois do torneio ao lado da pensão e do bar da festa.....	95
Figura 19: Pessoas aguardando o baile começar.....	97
Figura 20: Pessoas dançando na festa dentro da sede.....	98
Figura 21: Quadro comunitário, terreno ao fundo a ser comprado.....	99

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AM	Estado do Amazonas
IFAM	Instituto Federal do Amazonas
MPB	Música Popular Brasileira
PIME.	Pontifício Instituto das Missões Exteriores
PPGSCA	Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia
SEDUC	Secretaria Executiva de Estado de Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A COMUNIDADE DE TERRA PRETA DO RIO MAMURU E OS SEUS SANTOS	22
1.1-O catolicismo na região e a comunidade	22
1.2-Characterizando a comunidade	28
1.3-Os santos da comunidade	32
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CATOLICISMO E FESTAS DE SANTO	41
2.1-Aigreja católica na Amazônia Colonial	41
2.2-O catolicismo na região de Parintins	45
2.3-As comunidades rurais e o catolicismo na Amazônia	47
2.4-As festas de santo	49
2.4.1-As festas de santo na Amazônia	53
2.4.2 - As manifestações simbólicas nas festas de santo	55
2.4.3-O sagrado e o profano no espaço festivo	59
2.4.4-A sociabilidade festiva	63
2.4.5-A festa e o lucro	65
3. A REALIZAÇÃO FESTIVA A SÃO JOSÉ OPERÁRIO	68
3.1-Dimensão histórica da festa	68
3.2-Dimensão simbólica da festa	74
3.3-Dimensão sociabilidade festiva	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICES	110

INTRODUÇÃO

A presente dissertação versa sobre a história da festa de São José Operário, dinâmica das práticas festivas e os sentidos que os participantes atribuem ao ato. Utiliza estudos voltados às manifestações simbólicas e momentos de sociabilidade que ocorrem durante as festividades. Esses eventos são atos socioculturais que ocorrem desde o período colonial no Brasil, aonde multidões festejavam os santos trazidos pelos portugueses, como forma de proteção e devoção (DEL PRIORE, VENÂNCIO, 2010).

Assim os festejos religiosos sempre estiveram presentes no território brasileiro, desde o período de colonização até a contemporaneidade sendo vivenciados por grande parte da sociedade. Essas festas sempre estiveram intimamente ligadas à religião, sendo momentos de socialização por serem atos coletivos, no qual a participação dos indivíduos era direta e indireta, diferenciando-as de um simples espetáculo (AMARAL, 1998).

Fazem parte da vida dos habitantes rurais da Amazônia, o que fez Eduardo Galvão (1976) estudar a relação e os significados que pessoas dessas localidades atribuem ao santo e as suas festas. De acordo com este autor apresentam momentos de devoção aos santos católicos, onde devotos e comunitários pedem proteção e agradecem por bênçãos alcançadas pela comunidade.

Com relação à inquietação de investigar esse tema surgiu enquanto morador e, posteriormente, pesquisador, uma vez que, fizemos parte de muitos momentos festivos, pois moramos na comunidade durante a infância e sempre procuramos conhecer melhor a manifestação. Todavia, vale ressaltar que o tema enquanto objeto de pesquisa foi incitado, principalmente por leituras acadêmicas sobre as festas amazônicas e participações na festa.

Pensar esta temática significa conhecer a realidade social, na zona rural, mas, sobretudo, mergulhar nas práticas socioculturais que a festa apresenta. Para tanto relatamos resultados da pesquisa realizada nos anos de 2015 e 2016, na comunidade de Terra Preta.

Pesquisar a comunidade onde tivemos nosso primeiro contato com festa de santo, nos faz lembrar-se de memórias do passado que foram de alegria junto à família, amigos de infância, parentes, e pessoas que não estão mais presentes entre nós. Nesse sentido Pollak (1989) aponta que a memória se constitui de

acontecimentos vividos de maneira individual e coletivo que estão sujeitos a modificações, construções e flutuações. Lembramos daqueles momentos onde estávamos juntos a amigos, nas décadas de 1980 e 1990, onde a comunidade vivia momentos de alegria e devoção ao seu santo padroeiro.

Atualmente sabemos que o ato de pesquisar nos ensina a questionar, duvidar e fazer perguntas que naquela época de infância não conseguíamos fazer. Eram apenas momentos de lazer, religiosidade, alegria e diversão com os conterrâneos. Na localidade cursamos até a 6º série do Ensino Fundamental. Em seguida devido à situação educacional que a escola São José não contemplava estudos mais elevados, nossa família resolveu alçar estudos na cidade de Parintins.

Na área urbana do município formamos no Ensino Básico, em 2002, no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, no antigo Magistério e, assim conseguimos uma vaga na zona rural, na comunidade Colônia Soares, no Rio Tracajá como professor. Naquela época devido à proximidade com a comunidade de Terra Preta e com muita vontade de rever os parentes e amigos sempre quando era possível estávamos na localidade para prestigiar os festejos a São José. No ano de 2004 passamos no vestibular de História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), vindo a formar em 2009, durante esse período, estivemos presentes na comunidade para prestigiar a festividade.

No ano de 2014 entramos no curso de Especialização em Metodologia do Ensino de História pela UEA onde tivemos contato com leituras sobre festas e religiões na Amazônia. Foi quando percebemos que a festividade em tela representava muito mais do que simples momentos de alegria, mas também manifestações religiosas que significavam bastantes a todos que participavam do ato sociocultural.

Assim o contato que sempre tivemos com o evento e leituras cada vez mais aprofundadas sobre a temática, nos levaram a acreditar que não era uma simples festa, mas um lugar onde operava a complementaridade entre as práticas religiosas e sociais (sagradas e profanas). Porém precisávamos averiguar com mais intensidade essas primeiras visões sobre a festa de São José Operário para que pudéssemos ter conhecimentos ampliados sobre o objeto de estudo.

Nesse sentido associando leituras voltadas à temática e a própria convivência com a festa de santo, veio à inquietação que nos propormos estudar no âmbito do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, a saber. De que

maneira ocorre à dinâmica das práticas festivas e quais os sentidos que participantes atribuem a festa de São José Operário?

Esta problemática envolveu outros questionamentos que ajudaram na análise dos resultados. 1 – A presença do catolicismo na região influenciou na origem da comunidade e da festa? 2- Na festa as práticas sagradas e profanas convivem harmonicamente, sem antagonismo? 3 - Quais os sentidos que devotos, moradores e visitantes atribuem a festa de santo?

Trata-se de uma festa que faz com que as pessoas aguardem ansiosamente pela sua realização, levando praticamente quase todos os moradores da localidade a participar e a organizarem, fazendo parte da vida sociocultural daquela comunidade rural. A festividade em tela ocorre todos os anos na última semana do Mês de Abril e finalizando-se, geralmente no 1ª de Maio, dia do trabalhador, que também se comemora por considerarem o santo como carpinteiro e protetor dos trabalhadores da comunidade, acompanhando assim a tradição católica.

A luz de Galvão (1976) as festas de Santo fazem parte da cultura Amazônica, sendo meios de relações sociais entre as diversas comunidades rurais, pois quando chega época de suas realizações os povoados sobem e descem os rios amazônicos para participarem desses atos e aproveitam para rever parentes, compadres e amigos que moram nessas localidades.

Ao iniciar o mestrado passamos a perceber que apenas tínhamos conhecimento prévio sobre o objeto de estudo e precisávamos aprofundar as leituras em obras de autores que fizeram estudos envolvendo a temática no Brasil e em especial na região Amazônica. É nessa época que nos aproximamos da colega Rosimay Corrêa professora do IFAM, doutoranda do referido programa (PPG/SCA-UFAM). Essa aproximação colaborou substancialmente com o trabalho, uma vez que, nos indicou autores que destacam a “festa de santo” em seus estudos que até então não conhecíamos. Dentre eles: Eduardo Galvão, Isidoro Alves, Charles Wagley, Heraldo Maués e Sergio Ivam Gil Braga, sendo referendado pelo orientador professor Dr. Alexandre Santos de Oliveira.

Através de pesquisas conhecemos as obras de Rita Amaral, Alba Zaluar, Del Priore e Boudieu visando obter maiores conhecimentos acerca da história, os símbolos e os sentidos dessas festas de santo. Esses levantamentos geralmente aconteciam à noite, pois era o único tempo que tínhamos para pesquisar na internet,

ler e escrever, uma vez que, conciliávamos estudos de mestrado e o trabalho de professor com 40 horas semanais pela (SEDUC-AM) durante a tarde e noite.

Viajamos algumas vezes até comunidade pesquisada que fica localizada aproximadamente 4 (quatro) horas via barco da sede do Município de Parintins, principalmente, nos dias festivos e em três oportunidades fora do período de realização, todas às vezes bem recebidos pelos moradores e parentes, morando na casa do casal Evanilce Prestes Paixão e Aldenor de Oliveira.

Notamos que é uma localidade declarada católica, vinculada a Diocese do município, mas precisamente a Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes. Localiza-se numa área de Terra Firme, no Rio Mamuru, não fugindo as características de comunidades amazônicas citada por (WAGLEY, 1988) como sendo um pequeno povoado onde as pessoas compartilham valores culturais, trocam relações sociais e educam seus filhos. Porém acrescentamos também a chegada de novos valores que foram inseridos pelas novas gerações que cada vez mais se relacionam com o mundo globalizado, através de rádios e televisores.

Propusemos como objetivo geral da pesquisa: Compreender através da história da festa a São José Operário a dinâmica das práticas festivas e os sentidos que participantes atribuem ao ato. Quanto aos objetivos específicos para o êxito da pesquisa: A) Investigar a origem da comunidade de Terra Preta e os seus santos de devoção; B) Realizar revisão de literatura para compreensão ampliada dos conceitos sobre festa de santo; C) Investigar os sentidos que devotos, moradores e visitantes atribuem a festa de São José Operário.

O processo metodológico baseou-se na pesquisa qualitativa que admite que não existi apenas um único método padrão, pois, a realidade é fluente e contraditória, influenciando nos valores, concepções e objetivos a serem atingidos com a pesquisa. Para tanto utilizamos como procedimento de recolha de dados como ponto de partida a História Oral temática. Para Meihy e Holanda (2011) a história oral não é apenas entrevista e fonte oral, é uma soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto dentro de um projeto estabelecido previamente. O termo temático volta-se aos estudos centrados nos acontecimentos relacionados às experiências, memórias, identidades coletivas e sociais, aproximando-se das expectativas acadêmicas.

Por suscitar problemas e não dar todas as respostas, a história oral temática precisa dialogar com outras ciências sociais, pois, sendo a realidade complexa faz-se

necessário recorrer a fontes de interpretação do real que complementem os significados captados por meio de uma metodologia que tem a história oral como principal vetor, privilegiando múltiplas e diferentes leituras do real, pois na realidade dos fatos estão algumas das explicações para os acontecimentos (FERREIRA, 2012).

Neste sentido utilizamos a memória como principal fonte de informação. A luz de Pollak (1989) o ato de memorizar é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado. Ela é uma atualização do passado ou a sua presentificação, sendo construído e transformada constantemente.

Como a história oral não pôde fornecer todos os dados, como destaca Marieta Ferreira (2012) trabalhamos com auxílio da técnica da observação participante para perceber o não dito nas entrevistas. Nesse sentido, estivemos próximos da comunidade, vivenciando o cotidiano e registrando a sociabilidade festiva no caderno de campo e máquina fotográfica, o que nos possibilitou ampliarmos nosso conhecimento acerca do objeto de estudo, como preconiza (PROENÇA, 2007).

Quanto ao universo da pesquisa foram selecionados moradores do gênero masculino e feminino que residem na própria comunidade e que participam da festa, desde as suas primeiras manifestações até a atualidade, para percebermos as transformações e permanências no ato festivo e na localidade, bem como os significados atribuídos aos santos da Terra Preta. Foram selecionados também colaboradores de outras comunidades com objetivo de entender o porquê da vinda e os sentidos da festa. Pessoas da cidade Parintins que são participantes e devotos do santo também foram escolhidos para informarem sobre a importância das manifestações religiosas e sociais e por que da vinda deles pára a festividade. Esses sujeitos mencionados foram no total de 10 pessoas que gravaram as entrevistas, a partir de um roteiro pré-definido e, com seus consentimentos utilizamos para fins acadêmicos.

Utilizando critérios metodológicos da história oral que é bastante utilizada nas pesquisas interdisciplinares, como aponta (FERREIRA, 2012) foi feita a transcrição literal das entrevistas, ou seja, a análise da fala bruta, em seguida a textualização que é retirada dos erros e barulhos e, posteriormente a transcrição, sendo o momento que melhoramos gramaticalmente e esteticamente a fala original para fazer parte da produção textual, como preconizam (MEYHI, HOLANDA, 2011).

Durante a elaboração da dissertação por ser de um programa interdisciplinar trabalhamos com a abordagem de três áreas do conhecimento humano: História, Antropologia e Sociologia. Cada uma contribuiu com seus autores para entender as características festivas.

Da história utilizamos abordagens de Mery Del priore para entendermos como as festas de santo foram introduzidas na sociedade colonial, mas também Auxiliomar Ugarte, Almir Dinis de Carvalho Junior e Francisco Jorge dos Santos para compreendermos como o catolicismo e suas práticas foram implantados na Amazônia. Da Antropologia nos apropriamos dos pensamentos de Eduardo Galvão, Alba Zaluar, Rita Amaral, Heraldo Maués, Isidoro Alves e Sergio Ivan Gil Braga para entendermos a prática de organização das festas religiosas brasileiras, o poder dos santos, as manifestações simbólicas e relações sociais existentes entre sagrado e profano nos dias festivos. Da Sociologia recorreremos a Bourdieu para nos auxiliar com os símbolos, a Roger Caillois para compreendermos o sagrado e a Nobert Elias para utilizarmos seus conceitos de sociabilidade, relações sociais e desporto durante os atos coletivos.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro intitulado “A Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru e os seus santos” apresenta a localidade, relata a chegada da Família Andrade nos anos de 1920 e o processo de fundação na década de 1960. Faz discussões acerca da importância da igreja católica de Parintins, da família Andrade e de possíveis descendentes Maués, considerados os primeiros habitantes daquela região para o processo de organização e institucionalização da comunidade. Também faz análise sobre as características da localidade, seu modo de vida, economia, costumes, educação, lazer e relação com localidades adjacentes.

Na última sessão do capítulo I estudamos os santos, São Sebastião e São José Operário, bem como seus significados para devotos e moradores. Contudo a origem da comunidade estaria ligada com a presença da família Andrade que teria chegado à região, na década de 1920, com os descendentes da etnia Maué que habitavam aquelas terras, famílias oriundas de outras localidades e, da própria presença da igreja católica de Parintins, esta última pelo que parece colaborou para a organização da localidade, impondo a troca de santo e influenciando o início dos festejos a São José Operário.

No segundo capítulo intitulado “Considerações sobre catolicismo na Amazônia e festas de santo” procura discutir teoricamente a presença da igreja

católica na Amazônia Colonial, os objetivos coloniais das irmandades religiosas que vieram para a região e as formas de tratamento da cultura indígena. Também faz uma breve análise sobre as primeiras manifestações católicas na região onde está localizada a cidade de Parintins. Procura conceituar as festas de santo no Brasil e na atual Amazônia, apresentando as características festivas, elencando como eram realizadas no período colonial da história brasileira e também na atual região. Faz discussões trazendo autores que trabalham as manifestações simbólicas, os símbolos e as relações do sagrado e profano nessas práticas socioculturais. E faz análises teóricas sobre os objetivos lucrativos e os momentos de sociabilidade festiva que são encontrados nessas festas, tanto nas relações sociais que ocorrem no momento religioso, como no social, como designam as pessoas que vivenciam esses atos quando se referem ao sagrado e profano.

É nesse sentido que as festividades religiosas aos santos católicos apresentam momentos de pura devoção nas atividades como: círio, procissão, novena e pagamento de promessas. Nelas são vivenciadas situações altamente simbólicas, pois os momentos festivos vão além de uma simples festa, pois as atividades são entendidas como se fossem para o santo protetor, que é naquele momento a ligação ao ser supremo. Mas também são atos festivos que apresentam momentos que são compreendidos como vias de sociabilidade entre os povoados da zona rural Amazônica, fortalecendo laços de amizade, parentesco e união entre as comunidades.

No terceiro capítulo procuramos analisar a festa de São José Operário da Comunidade de Terra Preta em si, dividindo em três dimensões: a histórica, simbólica e sociabilidade festiva. **Na primeira** procuramos estudar e apresentar o início da realização da festa que está ligada diretamente com a fundação da comunidade, onde a igreja de Parintins apresentou o santo e praticamente impondo aos moradores para que pudessem prestar devoção ao santo carpinteiro, nesta sessão também apresentamos as características daquelas primeiras manifestações que eram em certa medida diferentes das festas que se organizam na atualidade, principalmente a partir de 1980, quando as práticas sociais (profanas) passaram a ser mais efetivadas durante os dias festivos e até mesmo por causa da implantação de objetivos lucrativos com intuito de ajudar na estrutura da Terra Preta e na renda familiar dos moradores, e a presença de novos valores influenciados pela modernidade. **Na segunda sessão** fazemos análise sobre as manifestações simbólicas e os símbolos

festivos, tentando entender os sentidos para devotos, moradores e visitantes do ato, neste justificamos com entrevistas e observações que essas práticas simbólicas tanto religiosas: círios, novenas, missas, batizados e casamentos não são vistos com antagonismo frente às outras atividades consideradas sociais pelos participantes da festa: torneios, jogos amistosos, arraial e o baile, mas como complementares. **Na última sessão** relatamos e analisamos as relações sociais existentes durante essas práticas festivas: entre visitantes, devotos e comunitários. Percebemos que muitas pessoas que participam da festa vêm para rever amigos, criarem laços de amizades, por momentos de diversão, desporto e lazer e, para os moradores é uma forma de arrecadar recursos para ajudar na renda familiar e na estrutura comunitária com a venda de comida e bebida, não desconsiderando que a festa é de santo, assim sendo a uma forma de solidariedade entre as pessoas que se encontram nos dias festivos a São José Operário, gerando uma rede que chamamos de sociabilidade festiva.

1- A COMUNIDADE DE TERRA PRETA DO RIO MAMURU E OS SEUS SANTOS

Esse capítulo visa analisar o contexto de fundação, as características e os santos da comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru, objetivando contemplar o primeiro objetivo do trabalho. Cada sessão se baseará em teóricos que trabalham com as temáticas aqui apresentadas, dialogando com os resultados das entrevistas e com a compreensão obtida pelo pesquisador durante análise dos dados.

1.1 - O catolicismo na região e a comunidade

Desde os tempos de colonização até a contemporaneidade o catolicismo cresceu e se disseminou por diversas povoações da Amazônia, fato que não seria diferente na cidade de Parintins, no estado do Amazonas. Naquele período, esse processo ocorria por intermédio da catequese e da colonização aonde os nativos podiam sair do estágio primitivo e alcançar a civilização, de acordo com a visão eurocêntrica da época. Para tanto seria necessário convertê-los ao cristianismo, desconsiderando toda a cultura ancestral milenar dos indígenas, havendo sincretismo, pois europeus e negros assimilaram traços culturais de grupos que viviam nessas terras, formando a base cultural e social da Amazônia.

Como resultado desse processo de colonização e formação cultural surgiu vilas e missões comandadas por religiosos em várias partes da Amazônia, que receberiam fortes influências da igreja católica na região. Para exemplificar tal situação, Cerqua (2009) aponta que no Maranhão e no Grão-Pará, em 1750, haviam cerca de 60 aldeias de índios administradas por missionários, sendo que 5 eram pelos padres mercedários, 12 pelos carmelitas, 15 pelos capuchinhos e 28 pelos jesuítas. O autor argumenta que dentre esses povoados estavam aqueles que se localizavam na região da atual cidade de Parintins, como: Tupinambarana, Uaicurapá, Andirá e Abacaxis.

Ao chegarem à Amazônia nos primeiros séculos os missionários portugueses tiveram que criar uma nova língua para que pudessem catequizar os indígenas, essa ficou conhecida como língua geral, sendo uma mistura do Tupi com o português na região para que pudessem ensinar a doutrina cristã e disseminá-la entre os nativos, que aos poucos foram sendo convertidos ao cristianismo (WAGLEY, 1988). Até mesmo por que era propagado na colônia que a salvação do índio se daria a partir da incorporação desse povo aos preceitos cristãos.

Na atualidade os povoados da zona rural amazônica apresentam catolicismo marcado por devoção a santos padroeiros e santos de devoção, identificado nessas comunidades como protetores (GALVÃO, 1976). São nessas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam seus filhos, agrupam-se em associações, tem suas superstições e tabus, compartilhando valores culturais onde estão inseridos (WAGLEY, 1988).

Nesse sentido a Terra Preta do Rio Mamuru, localizada na zona rural do município de Parintins, surgiu por volta da década de 1960, sendo influenciada pela igreja católica que colaborou para a fundação oficial da comunidade rural. É importante salientar que na localidade antes da chegada dos padres havia um povoado que praticava o catolicismo popular, altamente combatido pelos princípios do catolicismo romano. Para Campos (1995) é nessa época que a Prelazia de Parintins oficializou a fundação de várias comunidades rurais, formando e fundando novos povoados com essa nomenclatura.

Em entrevista um morador relatou que a origem da Terra Preta do Rio Mamuru tem relação com a família Andrade, sobrenome que carrega aonde seus tios, pais e avós vindos de uma região próxima a cidade de Parintins, conhecida como Anhinga, teriam gostado bastante da região em uma visita, fixando moradia para os seus membros, na década de 1920. Segundo o senhor Raimundo:

O fundador quando veio passear aqui o velho Manoel Andrade pai, ele veio do Anhinga¹ pra cá, pois aqui não era terra preta, era ali do outro lado da cabeceira, quando ele viu ele se agradou dessa área aqui, na época. Ai quando ele voltou de novo para esta região ele já veio pra ficar, e nessa época, nem se pensava de formar comunidade. Depois que eles faleceram o velho Manoel e a finada da Izabel é que os filhos passaram a trabalhar nesse local, recebendo ajuda de alguns descendentes de índios que viviam aqui. (Raimundo Lima de Andrade, 64 anos, morador da comunidade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Na memória de seu Raimundo construída junta as histórias relatadas por seus pais, o início da organização do povoado foi idealizado por sua família de origem, que começou o processo de formatação da localidade, principalmente a partir da década de 1920. Décadas depois passou para a responsabilidade dos filhos que deram seguimento nos trabalhos da localidade, recebendo ajuda da igreja católica de Parintins e de possíveis descendentes indígenas da etnia Maué que habitavam a

¹ - Comunidade suburbana próxima à zona urbana da cidade de Parintins, de onde teria vindo os patriarcas desta família.

região, vindo a ser oficializada como comunidade católica, a partir da década de 1960. Nesta entrevista é importante salientar que o colaborador da pesquisa, lembra dos acontecimentos como se tivesse vivido toda a história da Terra Preta, mesmo não estando presente em alguns fatos, relatando o que Pollak (1992) chama de memória vivida por tabela, que é quando uma pessoa de tanto ouvir determinadas histórias acaba introjetando em sua mente como se tivesse vivido.

É, depois passou para os filhos, então os filhos acharam que deveriam começar um grupo, depois uma casinha de oração, onde o pessoal se reuniam sábados e domingos, uma casinha de barro com palha, era bem simples no início. Ai com o decorrer do tempo ela foi crescendo né [...], no qual foi passado para a Prelazia e com a presença do Padre Pedro que foi um dos primeiros padres que vieram aqui pela comunidade, ele e o padre João também que vieram olhar pela primeira vez à comunidade quer dizer grupo, pois não era comunidade. Ai depois eles acharam bonito e começou a fazer reuniões e encontros que nós trabalhávamos e reuníamos no Santo Antônio do Tracajá que era lá onde a gente se reunia. Ai o tempo foi passando e depois à gente resolveu criar mesmo aqui a Terra Preta, a comunidade já com o apoio da prelazia e foi assim o início. (Jósimo Alquin de Andrade, Ministro da Eucaristia e filho de fundador da comunidade, 64 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Em relato o senhor Jósimo Alquin de Andrade destaca que houve alguns fatores que foram preponderantes para a fundação da comunidade, dentre eles: a presença da família Andrade, a chegada da igreja católica e a vinda de famílias de famílias das Comunidades de Santo Antônio do Rio Tracajá e Marajó. Percebemos que nas entrevistas algumas informações não se repetiram sobre essa temática, sendo explicado pelo fato de que, quando determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala, levando ao esquecimento (POLLAK, 1992).

No início a comunidade foi organizada com o intuito de reunir membros e moradores da localidade para encontros nos finais de semana, como cultos e orações, bem como para a socialização de pessoas que aceitaram as influências e os ensinamentos dos padres católicos da antiga Prelazia de Parintins, como apontaram os entrevistados, os senhores Raimundo Lima e Jósimo de Andrade. Assim através da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, a igreja católica aproximou-se daquele povoado com objetivo de cristianizar e controlá-los com seus dogmas, situação que na época ocorria pelos interiores dessa cidade (CAMPOS, 1995).

Acontecimentos parecidos como estes já tinham ocorridos com grande parte dos povos da Amazônia quando teve contato com a igreja, durante o processo de

colonização, aonde esta modificou a vida dos nativos, fazendo crenças desaparecerem diante da existência de novos conceitos, pois as que não eram católicas eram degradadas e consideradas superstições (GALVÃO,1976). Tal fato justificava a presença do catolicismo na região para os padres, pois apresentavam projetos de evangelizar e organizar a comunidade rural, que com o passar do tempo cresceu, sendo caracterizada com a igreja no centro e as casas ao seu redor, conforme pode ser observado abaixo:



Figura 1: Parte do quadro comunitário de Terra Preta.

Fonte: Gilciandro Andrade, Pesquisa de campo, Abril de 2016

As características apresentadas na imagem acima são bastante peculiares as comunidades amazônicas, principalmente na terra firme, pois tem uma igreja e várias casas de moradores ao seu redor, modelo de povoado repassado pela igreja de Parintins, na década de 1960.

Mas então quem seriam os pioneiros da localidade? A família Andrade discorre que são eles, porém durante as entrevistas com membros dessa família salientaram que antes da vinda de seus patriarcas que teria ocorrido entre os anos de 1920 para aquela região do Rio Mamuru, já existiam pessoas vivendo na localidade, conforme relata Jósimo Andrade:

Já existiam as pessoas nessa localidade né, era habitado aqui pelos índios Maué, depois a partir de 1919, 1920 começaram a chegar as pessoas mais civilizadas² que começaram a fazer parte e se integrar no meio dos índios e, assim continuaram vivendo e até hoje em dia ainda têm algumas pessoas que são descendentes daqueles povos daquela época quando a família chegou aqui. (JósimoAlquim de Andrade, Ministro da Eucaristia e filho de fundador da comunidade, 64 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

² - Não temos a pretensão de fazer a discussão entre o termo civilizado, pois não é nosso interesse nesse trabalho de pesquisa, mas apenas de considerar como os indígenas são visto ainda por grande parte da sociedade.

Mesmo reconhecendo a presença de pessoas indígenas na região os pertencentes da família que se intitula fundadora da localidade, deixam evidentes que os fundadores da comunidade são eles, mesmo reconhecendo a possível presença dos descendentes dos índios Maués que habitavam a região, antes da chegada dos Andrades. Esses fatos levam a conflitos com relação à memória de fundação. Seriam os descendentes dos indígenas?³ A família Andrade ou a igreja?

Lembramos que esse jogo de memória e reconhecimento ocorre por que a memória coletiva de um determinado grupo é estruturada com suas hierarquias e classificações, e ao definir o que é comum a um grupo e o que diferencia de outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais, (POLLAK, 1992). É nesse sentido que os guardiões da memória de fundação da comunidade é a família Andrade e igreja que reforçam suas histórias e, não levam em consideração os indígenas que viviam na terra e as famílias que vieram de localidades adjacentes, assim reproduzem o discurso oficial de fundação das comunidades rurais de Parintins, a partir da década de 1960, por um viés altamente dogmático católico.

Porém, devemos esclarecer o que existia antes dos anos 1960 era um povoado que não era denominado de Comunidade católica, uma vez que essa nomenclatura seria oficializada pela Prelazia de Parintins, nessa década. Campos (1995) salienta que nessa época o catolicismo romano tentou se impuser as práticas do catolicismo popular, em Parintins.

Mais tarde vai surgir dai comunidades rurais alinhadas com a romanização. Mesmo tendo fortes reações por parte dos antigos membros do catolicismo popular, este sistema romanizado conseguiu se impuser, devido a constante presença dos missionários, assim como muitos líderes foram integrados nos movimentos em ascensão⁴(CAMPOS, p. 115, 1995).

É nessa época que muitos povoados passarão para o controle da antiga prelazia de Parintins aonde os padres tentavam controlar tudo, dos rituais até a questão econômica (CAMPOS,1995). Aqueles moradores que não queriam viver de acordo com os preceitos cristãos romanizados eram ridicularizados por aqueles que tinham aceitado as ideologias a partir dos ensinamentos dos religiosos, pois era

³ - Queremos elencar que os possíveis descendentes dos índios Maué que vivem na comunidade não quiseram participar das entrevistas, acreditando que não tinham muito o que contribuir com esse tema, uma vez que seus genitores que sabiam sobre essa história já tinham falecidos. No entanto, nos questionamos, será que era esse o motivo ou apenas não queriam se expor frente as outras versões, pois os Andrades consideram-se os Guardiões da Memória de fundação da comunidade.

⁴ - Congregação Mariana para os homens e Apostolado da Oração para as mulheres (CAMPOS, 1995)

necessário que todos os comunitários se adequassem ao que a antiga prelazia de Parintins pontuava sobre o ser cristão.

A comunidade de Terra Preta sobre influência dos padres vai sendo organizada em torno de uma capelinha, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Naquela época outras comunidades também passam a coexistir no interior do Município de Parintins, pois surgiram várias localidades que receberam essa nomenclatura, conforme relato do Sr. Jósimo Andrade: .

É a comunidade aqui de Terra Preta, ela se originou e foi fundada no dia 15 de Junho de 1966, tendo como Padroeiro São José Operário. A primeira diretoria foi José Silva de Andrade, Secretário Honorato Pinheiro Dray, o tesoureiro Manoel Silva de Andrade e o padre diretor era o padre Luciano Basílico, ele que comandou a organização ai de toda esta comunidade, que tinha como bispo na época da Prelazia, Dom Arcângelo Cérqua. Fazia parte dos moradores da comunidade, deste local 15 famílias, 6 eram lá do Cajual, e 2 famílias pertenciam a Comunidade do Marajó, que também estavam se formando, enquanto comunidades. Assim a participação da igreja católica foi o ponto principal da fundação para a unidade das famílias, das pessoas na fundação desta comunidade (JósimoAlquim de Andrade, Ministro da Eucaristia, filho de um fundador da comunidade, 64 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Ao refletir sobre essas entrevistas, nos questionamos. No processo de fundação da comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru a igreja católica influenciou diretamente para a sua criação e organização? Parece que sim, pois todos os entrevistados deixam claros e citam como uma liderança para esse acontecimento. Evidente que não podemos deixar de citar os membros da família Andrade e acrescentamos os descendentes dos índios Maués que são lembrados na memória de seu Jósimo e Emiliania Andrade. Também recebeu apoio de famílias oriundas de outras comunidades adjacentes, sendo controlada e acompanhada de perto por membros religiosos que eram os padres da antiga Prelazia de Parintins.

Por outro lado, é importante notar que relacionar a fundação da comunidade com a instalação e reconhecimento da igreja confirma a relação de poder que esta última ainda detém na formação de comunidades na região. Pois, observa-se um silêncio no tocante à presença dos indígenas bem como um esforço por parte dos moradores entrevistados em assinalar a presença da igreja. Talvez a questão relacionada à ausência do poder público na organização dessas pequenas comunidades abre espaço para que os moradores assinalem a igreja, enquanto instituição, como aquela capaz de demarcar temporalmente o surgimento da

comunidade, mesmo que a sua origem tenha ocorrido numa temporalidade anterior ao marco oficial e que tem a presença da igreja como marco fundador.

Assim sendo pelo discurso oficial a fundação da Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru teria ocorrido na década de 1960, quando foi construída uma igreja no centro do povoado pela Prelazia. Por esta versão a partir desse ato, os moradores da região vieram habitar o quadro comunitário ao lado da instituição católica que ficava no centro da comunidade, formalizando assim a fundação e sendo reconhecida pelos padres. Para Wagley (1988) a igreja passa ser nas comunidades rurais amazônicas o principal edifício, geralmente localizadas nos centros desses povoados, tal fato se repetiu na Terra Preta do Rio Mamuru, pois a edificação do templo católico pelo que parece é considerado o marco de fundação para os entrevistados. Porém sua origem é datada anteriormente quando já habitavam na região os índios Maués e a família Andrade que teria chegado a partir da década de 1920, formando assim um pequeno povoado chancelado de comunidade católica na década de 1960.

1.2 – Caracterizando a comunidade

O cotidiano dos moradores não é diferente da maioria dos povoados rurais da região amazônica, pois vivem da caça, da pesca, da agricultura, pecuária, pequenos comércios conhecidos como mercearias e do artesanato que vem desde a sua origem, sendo lembrado por um morador.

Na época, faziam puxirum de fazer o tecido do artesanato de chapéu, as pessoas se dirigiam pra lá ajudar que ele sabia também ai faziam aquele mutirão, fazendo chapéu, aquilo dava renda pra eles venderem e conseguirem o dinheiro, esses produtos eram as fontes de rendas dessas primeiras famílias que moravam aqui, era a fonte mas pesada o artesanato do chapéu de murumuru e isso ai eles fabricavam mesmo e era bem feito (Raimundo Lima de Andrade, morador da comunidade, 62 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

O entrevistado relembra do passado, apontando as principais fontes de renda dos comunitários e esquecendo-se de outras citadas por outros entrevistados, que na época colaboravam para o sustento de famílias do povoado. É nesse sentido que a memória não deve ser vista apenas como um repositório de dados sobre o passado, mas também como uma força ativa, dinâmica, seletiva, que define o que se deve esquecer e o que se deve lembrar (FERREIRA, 2012). Nesse caso lembrou apenas de algumas fontes de renda, deixando outras no esquecimento, como a

pecuária e o pescado que eram praticados antigamente e nos dias atuais na localidade, sendo observados no cotidiano daquelas pessoas.

Porém pela entrevista o trabalho era contínuo e realizado a cada semana para uma família da comunidade. Esse processo fazia com o que todos os membros que moravam na localidade obtivessem sua produção de mandioca, banana e outros produtos para o sustento de suas famílias, sendo complementado com a confecção de chapéu que servia para venda na cidade de Parintins, ajudando na renda familiar que era difícil, como ocorre com grande parte de quem vive na zona rural da Amazônia com relação à economia desses povos (WAGLEY, 1988; GALVÃO, 1976).

Até o final da década de 1990 a forma de trabalho conhecida como puxirum era bastante praticada na comunidade. Tais aspectos de convivência ocorrem nesses povoados amazônicos por causa dos laços de compadresco que traduzem a necessidade de cooperação entre os habitantes, gerando o conhecido puxirun, como apontou (GALVÃO, 1976). Essa prática acontece nessas comunidades rurais por que existem relações humanas entre as pessoas todos os dias, e assim ficam sujeitas aos preceitos de sua cultura, possibilitando uma melhor convivência e solidariedade entre elas (WAGLEY, 1988). Essa prática de trabalho quase caiu no esquecimento, uma vez que, os trabalhos remunerados com o pagamento de diárias e empreitas foram implantados com força na Terra Preta.

Mesmo com todas essas influências econômicas da modernidade, em observações registradas e durante as entrevistas, percebemos que muitas das práticas de trabalho do início da comunidade ainda continuam no cotidiano dos moradores, como a agricultura familiar, com ênfase na produção de farinha de mandioca; no artesanato, com destaque para cestaria, na confecção de vassouras de piaçava, chapéu, pano e peneira para produção de farinha, barquinho de molongó e; trabalhos de plantações de capim e outras atividades nas fazendas próximas. É nesse sentido que a economia da região amazônica é baseada em produtos oriundos da natureza, mesmo havendo incremento de práticas econômicas voltadas ao processo industrializado (LIMA, ALENCAR, 2005). Tal prática é observada na fala do Sr. Carlinho Andrade:

Sobre agricultura né a gente sempre procura organizar os pontos principais para que a gente possa avançar no futuro e procurar sempre conscientizar o comunitário para que ele possa fazer um bom trabalho tanto na comunidade, quanto na sua própria família e no seu próprio trabalho... E aqui nós temos o artesanato e agricultura né...isso daí faz

parte da economia aqui da nossa comunidade, mesmo que a gente compre produtos industrializados na cidade para ajudar a suprir as necessidades (Carlinho Lima de Andrade, Presidente da Comunidade na atualidade, 55 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Na entrevista percebemos que os produtos da agricultura familiar, a pesca e pecuária desenvolvida em regiões próximas, colaboram para o sustento das famílias, pequenos comércios também são encontradas na comunidade, fazendo parte da base econômica local. Tal afirmativa justifica-se, pois na Terra Preta vimos pessoas pescando, caçando à noite, muitas vezes trazendo sua própria alimentação da cidade de Parintins ou comprando nas mercearias: carne, enlatados, pão, biscoitos e outros produtos. Assim forças econômicas que penetraram na Amazônia em épocas anteriores, continuam a promover mudanças na vida do homem rural da região (GALVÃO,1976).

Dentre outras atividades é possível perceber que se trata de uma comunidade intitulada pelos moradores como católica e que durante os finais de semanas se encontram para ir aos cultos nos domingos, rever os amigos e jogarem partidas de futebol, às vezes com times adversários que vêm de outras localidades próximas para pagarem visitas, quando não os próprios times de solteiros e casados da Terra Preta, se desafiam, levando dezenas de habitantes ao campo de futebol. São nesses momentos que as pessoas vão a esses locais para rezarem, reverem os amigos e terem divertimento esportivo (WAGLEY, 1988). Na Terra Preta encontramos pessoas que são devotos de São José Operário e ao mesmo tempo de São Sebastião, os dois santos da comunidade. Nos Domingos ocorrem as missas pela manhã e a tarde fica destinada para os momentos de lazer, conforme podemos observar abaixo:



Figura 2: Times de futebol em jogo no Domingo a tarde

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, Abril de 2015.

Nessas comunidades rurais existem laços de amizades muito fortes, causados pelas mesmas situações sociais, padrinhos, afilhados e compadres fazendo com que entre eles haja uma relação de respeito recíproco, mesmo havendo às vezes desavenças, brigas causadas por vários motivos que não iremos nos aprofundar.

As famílias constituem a base da formação de pequenos grupos e estão diretamente relacionadas à organização das comunidades rurais (LIMA, ALENCAR, 2005). Porém, dentro de cada comunidade, pequenos grupos familiares freqüentemente disputam a liderança local. Esse fato também contribui para as desavenças nessas comunidades, tal fato sempre é observado pelos moradores quando ocorrem eleições para presidente da Comunidade, levando famílias a ficarem de lados opostos, como nos apontou o senhor Manoel Soares de Andrade.

No campo educacional, a comunidade tem uma Escola Municipal sendo identificada de “São José Operário” que recebeu esse nome em homenagem ao seu santo padroeiro, sendo fundada em 10/08/1968. Esta pertence à esfera administrativa municipal, oferecendo todas as etapas da educação básica. Neste referido educandário pessoas de outras comunidades vêm para estudar junto com os alunos daquela localidade, ficando até a conclusão do Ensino Médio, como nos relataram os entrevistados desta pesquisa. A partir de nossa experiência e vivência na comunidade podemos afirmar que a principal função da escola é a preparação para o vestibular, objetivando futuramente cursar faculdade na cidade de Parintins, uma vez que, muitos filhos da Terra Preta são professores e outros profissionais com diplomas universitários.

Em termos de infra-estrutura a comunidade conta com a energia elétrica oriunda da Vila Amazônia, localizada próxima a cidade de Parintins, projeto do Governo Federal intitulado de “Luz para todos” que na atual década chegou para os moradores da comunidade, viabilizando melhores estruturas e sendo um fio condutor para que possam utilizar geladeiras para conservar seus alimentos e bebidas, ventiladores, iluminação e para utilização de eletrodomésticos tais como os aparelhos de sons e televisores que são bastante usufruídos na zona rural:



Figura 3: Parte da estrutura elétrica da comunidade de Terra Preta

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, Maio de 2016.

No que concerne ao seu ciclo de festividades, trata-se de uma comunidade rural que tem duas festas de santo, a de São Sebastião realizada em Janeiro e de seu santo padroeiro São José Operário que é realizada no final do mês de Abril e início de Maio. São festividades influenciadas pelo catolicismo popular e romano. Esses acontecimentos fazem com que durante os meses de verão as comunidades celebrem inúmeras festas de santo e, para assistir as pessoas viajam para cima e para baixo nos rios amazônicos, com intuito de presenciá-las e viverem momentos de alegria e devoção, ficando conhecidas como “nossas festas”, fazendo parte da cultura do povo da zona rural da Amazônia (WAGLEY, 1988).

1.3 – Os santos da comunidade

A presença de santos na comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru vem desde a chegada da família Andrade, nos anos de 1920 na região, quando ainda era considerado apenas um povoado. Esses se fixaram levando São Sebastião para ser o protetor da família e posteriormente das pessoas que habitavam a localidade. Esta santidade permaneceria como o protetor até a década de 1960 quando a igreja católica de Parintins impôs que o antigo santo fosse substituído por uma santidade que protegesse a comunidade, vindo a ser São José Operário.

Antes de ser fundada a comunidade o meu pai e meus tios né [...]meus avós eles festejavam São Sebastião, então tinha São Sebastião ai como expressão de uma crença da igreja católica, mas depois que foi fundada a comunidade, o padre diretor Luciano reuniu ai com as pessoas e procuraram ver e encontrar quem seria o padroeiro, e ajudado pelo padre, pela paróquia foi escolhido então São José Operário para ser o padroeiro da comunidade, pois o primeiro santo era de família e não da comunidade.

(Emiliana Alquim de Andrade, fundadora da comunidade, 84 anos de idade, entrevista no dia 29 de Abril de 2016).

Para Campos (1995) é nesta época que a prelazia de Parintins tenta impor santidades que eram mais aceitas no catolicismo oficial, substituindo os santos do catolicismo popular que eram bastante cultuados nas localidades rurais deste município. Muitos devotos desses santos, como São Sebastião não ficaram satisfeitos com esta imposição.

Bem isso aí foi uma ideia dos padres né e nós gostaríamos que fosse São Sebastião, mas quando o padre Luciano veio aqui na comunidade fazer o encontro, aí ele perguntou para a comunidade se não tinha outra opção de santo padroeiro, pois, ele achava que aqui na comunidade de Terra Preta deveria ter um santo protetor, no caso São José, depois houve algum debate, aí a comunidade aprovou a ideia dele que São José se tornaria o padroeiro da comunidade, mesmo com a resistência de alguns moradores (Raimundo Lima de Andrade, 64 anos, morador da comunidade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Reforçando a ideia de que os padres trocaram o santo popular por um segundo que, de acordo com a visão dos religiosos seria mais padroeiro e protetor da comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru, uma fundadora da localidade, relatou.

Olha, São Sebastião foi desde o começo aqui cultuado, era dos pais do José,. Primeiro a gente festejava este santo, aí parou por um tempo com os festejos, com a festa, depois que os padres começaram a vir aí. Foi que Dom Arcângelo e os padres falaram que tinha que vir um santo maior e ele queria o São José, aí foi que veio, mas o São Sebastião passou a ser festejado de novo com o tempo e está até hoje aqui na Terra Preta. (Emiliana Alquin de Andrade, 88 anos de idade, fundadora da comunidade, 30 de Abril de 2016).

Para Eduardo Galvão (1976) a troca de um santo muito cultuado no catolicismo popular como São Sebastião, por outro do catolicismo oficial, São José Operário, ocorre por que esses santos de promessa têm menor importância que os padroeiros para o catolicismo romanizado, pois quando são realizados cultos e festas para essas santidades quase não há participação de padres ou alguém que seja representante oficial da igreja. Porém para quem é devoto habitante da cidade ou de comunidades rurais sempre há um respeito com esses santos e as homenagens são feitas por ladainhas, novenas e pagamentos de promessas, envolvendo grande parte de comunitários e pessoas que vêm de outras localidades interioranas.

Mas afinal, quem é este santo de devoção e promessa? Para igreja católica Santo Sebastião é um mártir, pois foi morto testemunhando o evangelho de Cristo, deu a vida pelo evangelho durante o Império Romano (BESEN, 2011). Esta santidade de acordo com os preceitos católicos foi testemunha da igreja antiga,

soldado do imperador Diocleciano que preferiu acima de tudo ser soldado de Cristo. Na região de Parintins é bastante cultuado na cidade e nas comunidades rurais, inclusive tendo uma paróquia com esse nome no Bairro de ItaúnaII e, bastante festejado como santo de promessa⁵ por devotos nas comunidades ou em casas localizadas na zona urbana desta cidade:



Figura 4: São Sebastião.
Fonte: site artes sacras (2011)

Esse santo de promessa é popular desde a antiguidade, estando profundamente inserido na liturgia da igreja católica (BESEN, 2011). É considerado um dos padroeiros da cidade de Roma, junto com os apóstolos Pedro e Paulo, onde viveu. Para devotos é protetor da peste e da guerra, patrono dos soldados, dos arqueiros, seteiros, tapeceiros, jardineiros, bombeiros e cortadores de pedra. Tal proteção é solicitada nas orações em festas de padroeiro ou de promessa deste santo, tal como é possível observar nesta oração:

ORAÇÃO PARA PEDIR UMA GRAÇA
 São Sebastião, mártir, seguidor de Jesus,
 Abençoai as pessoas desta comunidade
 E ajudai-nos neste momento de aflição,
 Vós, que sóis protetor contra as doenças contagiosas,
 Livrai-nos desse mal.
 Hoje vos pedimos, desse modo especial,
 Por uma pessoa que nos é muito querida
 (dizer o nome da pessoa),
 Para que Lea possa dar graças a Deus,
 na simplicidade e na alegria de seu coração.
 São Sebastião, amparai os menores da rua,
 Livrai-nos da chacinas,
 Das drogas, dos assaltos
 E das várias formas de violência.

⁵ - Segundo Galvão (1976) a pessoa promete festejar um determinado santo em troca de um favor, quando são cultuados em famílias são considerados santos de promessas

Livrai a todos nós da ganância,
do poder, do orgulho,
do desânimo e da depressão,
para que, assim livres,
possamos nos dedicar ao bem
dos nossos irmãos mais necessitados.
São Sebastião, rogai por todos nós. **Amém!**
(BESEN, P.39, 2011).

Esta oração é feita nas festas de padroeiro e, principalmente de promessa, como é o caso da festividade realizada na Comunidade de Terra Preta, aonde uma vez por ano faz-se homenagem a São Sebastião, como sendo um dos momentos religiosos a essa santidade do catolicismo praticado neste povoado rural. Nela expressam sentimentos de agradecimentos pelas bênçãos alcançadas, pedem proteção para as mais diversas situações que podem ocorrer no dia a dia e para que interceda junto de Deus pelos devotos.

Para Galvão (1976) o tratamento dado pela igreja oficial a esses santos de promessa acontecem também por que as pessoas que dirigem os cultos não têm nenhuma relação direta com os padres, conhecidos como leigos, fazendo com que muitos líderes dessas práticas sejam vistos como hereges. Neste sentido podemos questionar: Seria esse o verdadeiro motivo para que os padres na década de 1960 impusessem a troca de São Sebastião, santo de devoção da família Andrade para São José que seria um santo padroeiro? De acordo com Campos (1995) podemos dizer que sim, pois haveria uma maior aproximação entre comunidade e igreja da Prelazia de Parintins, fazendo com que os padres tivessem maior controle eclesiástico sobre a comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru.

Porém, com toda essa imposição da igreja o santo de devoção é cultuado até hoje pelos moradores da localidade e sua imagem está localizada dentro da igreja junto a São José, aonde no mês de janeiro de todos os anos é realizada uma festa para homenageá-lo, tendo inclusive um time de futebol feminino com o seu nome na comunidade “Sebastianas”, referência e respeito a santidade.

Quanto à presença do santo São José Operário neste povoado é datado da década de 1960, época em que a Prelazia de Parintins iniciava um trabalho de fundação oficial das comunidades rurais com as características que conhecemos na atualidade. Antes na localidade existia um povoado, mas que não era considerada uma comunidade católica, mencionados anteriormente. Esse fato exemplifica o projeto de romanização do catolicismo que era pregado pelos padres nessas zonas rurais, naquela época (CAMPOS, 1995). Assim sendo o santo padroeiro foi fruto de

imposição da igreja católica de Parintins, destacada nas entrevistas anteriores, que acabou por influenciar a Terra Preta do Rio Mamuru como comunidade cristão-católica.

Provavelmente esta imposição é relatada por dona Emiliana Andrade, uma das fundadoras da comunidade que teria se deslocado de uma região próxima a cidade de Parintins, bem antes da década de 1960. Ela conta que quando trouxeram o primeiro santo São José, a sua imagem teria caído e quebrado por não colocarem com segurança a primeira imagem, posteriormente trouxeram o segundo santo de papel que com o tempo foi se deteriorando, sendo substituído por um pequeno até chegar à imagem que está presente dentro da igreja, na atualidade, que recebeu ajuda de uma missionária italiana conhecida como Emanuela que morou por alguns meses na localidade, na década de 1990, bem como da idosa que deu dinheiro para comprar a imagem da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, responsável atualmente pela evangelização da região. Sobre esses fatos a Sra. Emiliana relata:

Quando os padres começaram a voltar pra cá que começou a primeira igreja, na década de 1960, veio a primeira imagem de São José que acabou caindo e só assim é que fizeram a parede da igreja, e não colocaram o arame onde botaram o santo. Aí quando foi secando o (...), caiu com tudo, quebrou, escangalhou, aí foram lá de novo e trouxeram outra imagem desse santo, Depois aí levou uns três anos e começou a cair, levaram pra lá, foram ver, ele era feito só de papel. Aí trouxeram um pequeno, aí tava aí, foi o tempo que a Emanuela chegou no final dos anos de 1990 e ela conversava muito comigo. Um dia ela me chamou e disse: - Dona Milica, será que não pode ver outro Santo? Eu disse que podia sim, a questão é que nós procurássemos, ela disse que iria ver ali. Eu disse: - E lá nos padres? Não tem um santo maior que esse?. Ela disse que tinha um, mas não era grande, mais era maior que esse zinho, mas eu queria um maior. Eu disse: - Será que eles vendem Emanuela?. E ela disse que eles vendiam. Aí eu disse: - Então tu vai pra lá e pergunta pra ele se eles vendem?. Ela disse: -Tá!. De lá ela telefonou pra mim, que ela já tinha falado e eles vendiam, aí eu mandei o dinheiro pelo Joca, ela pagou pra lá, aí entregaram pra ela e ela mandou pelo Joca. E é esse São José que tá aí dentro da igreja (Emiliana Alquin de Andrade, 88 anos de idade, fundadora da comunidade, 30 de Abril de 2016).

Percebemos na entrevista que ocorreram desde a imposição de São José Operário, por parte da igreja de Parintins para ser o padroeiro da comunidade, que existiram algumas imagens que com o tempo acabaram se deteriorando ou quebrando, sendo trocadas por outras, que acabaram simbolizando a importância do santo como protetor para os moradores da Terra Preta. Essas substituições de imagens ocorreram por que dona Emiliana, umas das fundadoras da comunidade, juntamente com a missionária italiana Emanuela não mediram esforços para conseguirem uma imagem maior do santo, que atualmente está dentro da igreja

mostrada na imagem abaixo, que recebe devotos e comunitários alguns dias da semana, Domingos e Sábados.



Figura 5: Pessoas da comunidade e devotos na celebração do Sábado.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, Abril de 2015.

Sobre a troca de santo na comunidade, onde um se tornaria o de primeiro (São José) e outro de segunda (São Sebastião), como aponta (GALVÃO,1976), o senhor Raimundo Lima, um dos filhos remanescente da família Andrade, ressalta:

Olha!eu participo a 35 anos direto, desde o início quase a gente participa ainda quando era o primeiro santo que é São Sebastião que foi o primeiro santo que veio aqui para a comunidade, ai depois já com a presença de São José que é o padroeiro, então desde esse período ai a gente já participa dessa comunidade e da festa também. Um dos motivos para a troca do santo né... foi que os padres diziam que existiam muitas comunidades que tinham esse santo como seu padroeiro, e sugeriam que fosse trocado para São José Operário. (Raimundo Lima de Andrade, 64 anos, morador da comunidade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Como é destacado na entrevista acima existia outro motivo que os padres alegavam para que ocorresse a troca dos santos e, essa justificativa seria pelo fato que já existiam muitas comunidades com o santo São Sebastião padroeiro. Fazendo reflexões sobre esse tema, sabemos que não era esse o único motivo para a troca dos santos na Terra Preta, mas agrega-se o interesse da igreja católica de Parintins em amenizar as práticas do catolicismo popular na década de 1960, em consonância com a consolidação do catolicismo romano nessa cidade e nas áreas rurais, liderada pela Prelazia, através do Bispo Dom Arcângelo Cérqua e dos padres do PIME.

Mas quem é São José Operário para a igreja católica? De acordo com Besen (2005) essa santidade é um dos símbolos de pai, pois é considerado pelo catolicismo como o homem que criou e educou Jesus Cristo, sendo uma figura central da família

católica e modelo para todos os genitores, mesmo sendo adotivo. Teve a incumbência de ensinar o conhecimento e a interpretação das palavras de Deus a Cristo. Para o autor, José nasceu em Belém de Judá, a cidade de Davi. Era membro da nobre família de Davi, foi marido de Maria a mãe de Jesus.

São José foi inserido no calendário litúrgico Romano em 1479. Sua festa é celebrada no dia 19 de março, como acontece em muitas comunidades rurais de Parintins, sendo santo protetor dos carpinteiros, ofício que teria ensinado a Jesus de Nazaré (BESEN, 2005). De acordo com este autor no ano de 1870, São José foi declarado oficialmente como o Patrono Universal da Igreja pelo Papa Pio IX. O Papa Bento XV declarou São José como o patrono da justiça social. Essas qualidades e o próprio poder de intercessão de São José como “trabalhador” para os católicos fez com que o Papa Pio XII instituiu-se uma segunda festa em homenagem a ele, a festa de “São José Operário”. Esta acontece no (01) primeiro de maio, dia que é comemorado na comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru, iniciando no final de Abril, e terminando no dia do trabalhador comemorado em todo o Brasil

Para Besen (2005) na arte cristã ele é representado tendo um lírio na mão, significando a vitória dos santos. Algumas vezes aparece também com o menino Jesus nos braços, ou ensinando a ele a profissão de carpinteiro, como se verifica na figura abaixo, retirada de dentro da igreja da Comunidade de Terra Preta, nos dias festivos:

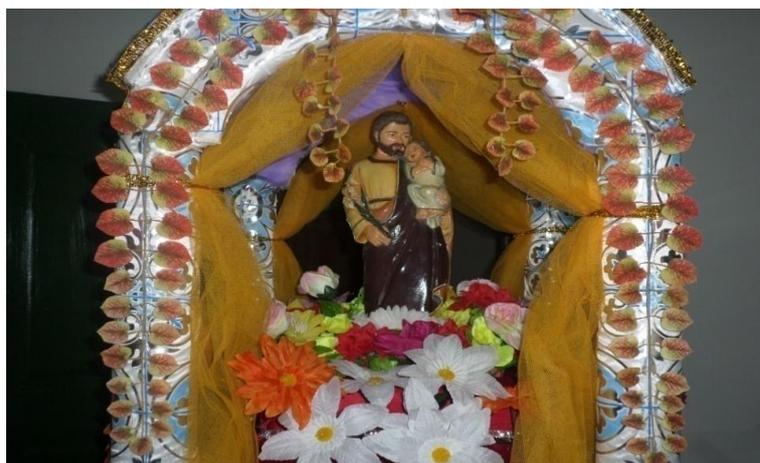


Figura 6: Imagem de São José Operário no andor.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, Maio de 2016.

Esse santo da imagem é bastante cultuado e homenageado pelas comunidades rurais e nas próprias cidades da Amazônia, dando nomes as Paróquias e até mesmo aos meninos que são filhos de pessoas que são seus devotos. Ele representa muito

para os católicos, pois pela tradição é o pai e centro da família de Jesus e Maria (BESEN, 2011).

A imagem do santo São José tem poderes bastante expressivos sobre as pessoas da comunidade e devotos de Terra Preta, fazendo com que aqueles que acreditam nele tenham o maior respeito e carinho pela sua imagem e deixam isso transparecer no pagamento de promessa, fazendo do santo uma inspiração e exemplo para ser seguido por todos os cristãos e suas famílias, como aparece na entrevista do Ministro da Eucaristia:

A imagem representa para mim a santidade do ser humano por que todo ser humano que se dedica, todo ser humano que assume a sua responsabilidade de filho de Deus e, acredita mesmo nas palavras de Jesus Cristo que quando disse ser de santos como eu sou e meu pai, somos santos então, aí isto representa tudo na minha vida. São José é tudo para mim, ele intercede junto de Deus por bênção a serem alcançadas para todos os comunitários aqui da Terra Preta (JósimoAlquim de Andrade, Ministro da Eucaristia e filho dos fundadores da comunidade, 64 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Esses sentimentos parecem ser florescidos nos dias de festas do santo na comunidade de Terra do Rio Mamuru, pois as pessoas devotas levam flores, velas acesas na procissão e no círio, pagam promessas, participam de novenas e evocam muitas orações pedindo proteção para suas vidas e famílias, bem como forma de agradecimento por bênçãos alcançadas nos anos que se passaram. A Figura a seguir ilustra esses momentos de religiosidade e respeito ao santo nos dias de festa:



Figura 7: devotos e comunitários dentro da igreja rezando nas novenas.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, Abril de 2015.

É importante salientar que as pessoas da zona rural praticantes do catolicismo não reduzem a figura da santidade apenas com imagens materiais, mas que os verdadeiros santos estão no céu, sendo que suas imagens foram deixadas por Deus na terra como suas semelhanças. Entretanto, para elas, as próprias imagens têm poderes de origem divina (MAUÉS, 2011). São por esses e outros motivos que Alba Zaluar (1983) afirma que os santos são homenageados por meio de novenas, ladainhas, festas ou danças. Eles são poderosos por serem os padroeiros de localidades importantes ou por serem santos de devoção bastante conhecidos e respeitados na zona rural, cada um com seu dia de festa.

Contudo na comunidade de Terra Preta os dois santos são cultuados em meses diferentes pelos seus devotos, sem atrito, mesmo que a localidade exalte em primeiro plano o santo padroeiro que teria sido imposto pela igreja, na década de 1960, transformando-se em protetor dos trabalhadores e de todos que fazem parte da comunidade. É nesse sentido que possivelmente os moradores param para realizar para São Sebastião em Janeiro e São José na transição de Abril e Maio as suas festas, evidente que os pedidos e agradecimentos não se resumem a essas datas, mas por todos os dias do ano.

2- CONSIDERAÇÕES SOBRE CATOLICISMO E FESTAS DE SANTO

Este capítulo apresenta os resultados da revisão de literatura que ajudou na compreensão dos seguintes conceitos: catolicismo, festa de santo, manifestações simbólicas e formas de sociabilidades, contemplando o segundo objetivo da dissertação.

2.1- A igreja católica na Amazônia Colonial

Os processos de conquista e colonização na Amazônia, no Estado do Grão-Pará e Maranhão, não foram diferentes daquele proposto no Estado do Brasil, durante a colonização. Marcado por disputa entre as potências européias a região sempre chamou a atenção de ingleses, franceses, holandeses, portugueses e espanhóis. Estes últimos foram detentores juridicamente da região, de acordo com o Tratado de Tordesilhas de 1494⁶, até a expansão portuguesa ser reconhecida pelo Tratado de Madri em 1750, que reconheceu a Amazônia lusitana (SANTOS, 2002).

No início vieram os espanhóis interessados em iniciar essas conquistas no século XVI, posteriormente, os portugueses com seu aparato administrativo/religioso, estes últimos de certa forma conseguiram seus objetivos, explorando a região economicamente, fazendo imposições político-administrativas e cristianizando colonos e, principalmente nativos que habitavam a região. Porém nas primeiras expedições do século XVI houve tentativas de modificações das culturas nativas impondo dogmas católicos, principalmente, das etnias do Alto Amazonas pelos primeiros europeus que viajarem na região (UGARTE, 2006).

No entanto, as primeiras tentativas de cristianização dos missionários espanhóis, no século XVI, não se efetivaram, marcando apenas o início do cristianismo na região, sendo concretizada apenas com a chegada dos religiosos portugueses, no século XVII. A luz de Reis (2008) é possível compreender que os lusos vieram depois da expedição de Pedro Teixeira, abandonando os trechos imediatamente próximos ao Presépio, e se distanciando do delta para atingir aqueles rios que dão águas para a calha central do Amazonas. Tal afirmação indica que o

⁶- Para Del Priore e Venancio (2010, p. 90) “Sabia-se, desde o início da colonização, que as linhas imaginárias do Tratado de Tordesilhas não eram uma fronteira concreta: a ocupação é que a definiria. A aventura começa com Pedro Teixeira, que, entre 1637 e 1639, subiu o Amazonas e atingiu Quito, no vice-reinado do Peru, pelas águas do Napo e do Aguarico. De lá baixando em direção a Belém, deu início à monumental irradiação que resultou, ao norte, na fundação do povoado de Franciscana, fronteira das duas monarquias ibéricas, novamente independentes em 1640. Nesse fim da Amazônia, ambas as coroas assinalaram, pacificamente, as fronteiras de seus domínios”.

processo de catequização indígena na Amazônia acompanhou de perto as expedições que tinham por interesses militares expulsarem ingleses e, principalmente, franceses na França equinocial, no atual Estado do Maranhão para em seguida fazerem a colonização em outras áreas da região.

Naquele contexto colonial o contato nem sempre era amistoso, aonde muitas vezes missionário e nativo combatiam-se, pois esses últimos recusavam-se a fazer o processo de descimento para os aldeamentos, resistindo aos resgates, gerando o enfrentamento e as conhecidas guerras justas que foram respaldadas pela igreja católica, sendo formas também de aprisionamentos e escravidão indígena na Amazônia (SANTOS, 2002).

Porém é válido salientar que as tentativas de transformarem as culturas milenares nativas em cristã, não foram aceitas por milhões de nativos, como apontam (UGARTE, 2006; CARVALHO JUNIOR, 2013). Nesse sentido nos questionamos. Por que tais práticas culturais eram tão combatidas por espanhóis e portugueses? Para compreendermos melhor o não reconhecimento, devemos entender que as práticas nativas sempre foram avaliadas pelo prisma da negatividade.

Seguindo essa linha de raciocínio, Ugarte (2006) aponta que tais práticas indígenas eram consideradas demoníacas e conhecidas como feitiçarias ao olhar eurocêntrico. Logo, os europeus que eram católicos e vieram impregnados de ideologias medievalistas olharam para essas culturas, a partir do prisma da inferioridade, tornando o evangelho na principal arma de ataque e defesa, e a igreja na nova fortaleza (UGARTE, 2006). É nesse sentido que os religiosos cristãos se constituíam como solução para resolver a problemática cultural, tentando retirar os rituais nativos e substituindo-os pelos ritos católicos, conhecidos como civilizados.

Nesse contexto de conquista e colonização os europeus consideravam-se superiores culturalmente aos povos que não tinham sua origem e, certos de que eram superiores no campo religioso, também, não hesitaram em atacar suas religiosidades (UGARTE, 2011). Ao chegarem a Amazônia os brancos cheios de visões preconceituosas, espantavam-se diante de tudo que viam (UGARTE, 2006; CARVALHO JUNIOR, 2013).

É nesse sentido que afirmamos que espanhóis e portugueses ignoraram identidades indígenas, acusando-os de povos sem religião e de desconhecerem a agricultura. Assim consideravam como seres inferiores, o que dava-lhes a

justificativa para explorar e catequizarem os índios no território que tempos depois seria o Brasil.

Nos séculos de colonização os portugueses passaram a acreditar que os nativos não tinham fé, lei e nem rei, situações que eram vistas com certa condescendência, transformando-se em justificativas de desprezo. Essa visão mostra como o olhar eurocêntrico sobre o indígena era de forma verticalizada, apontando para um processo que consideravam “civilizador”. Nesse contexto formavam-se as religiosidades daquele que viria ser brasileiro séculos depois. Para Del Priore e Venancio (2010, p. 18).

Ao misturar Tupã com Nossa Senhora, a doutrina cristã com crenças indígenas, cruzeiros com ídolos de madeira e que juntava índios, mamelucos e brancos em seitas cujos cultos dirigiam-se a ídolos híbridos – um Jesus Comprido, Jesu Pocu.

Na atualidade percebemos que o que ocorreu naquela época foram misturas de valores religiosos entre indígenas, negros e europeus que vieram fortemente influenciados pelo cristianismo que foi transmitido às vezes de forma pacífica e, em outras ocasiões utilizando-se da força, contribuindo assim para a formação cultural da sociedade brasileira.

Na época da colonização a religião era considerada uma forma de identidade e de inserção num grupo social por parte dos habitantes do território colonial. De acordo os historiadores Del Priore e Venancio (2010) a colonização das almas indígenas não se deu apenas porque o nativo era potencial força de trabalho a ser explorada, mas também porque não tinha conhecimento de Deus e nem do Céu, fato que justificaria para europeus a cristianização desses povos.

Com a conquista territorial portuguesa reconhecida oficialmente pela Espanha, em 1750, ano que foi assinado o Tratado de Madri⁷, a igreja católica portuguesa começou cada vez mais a ganhar prestígio e poder para disseminar o cristianismo na região, combatendo as práticas religiosas nativas, consideradas maliciosas e negativas e, inserindo novos valores culturais, até acontecer à expulsão dos Jesuítas, na segunda metade do século XVIII (GALVÃO, 1976).

Para Eduardo Galvão (1976), nas aldeias e vilas, os indígenas eram habituados aos modos de vida europeus, sobre pressão de severa disciplina. Por

⁷ - Tratado assinado em 1750, entre os dois países ibéricos, aonde dois séculos e meio depois do início da colonização Portugal perdeu a margem esquerda do Prata, mas, ganhou toda a bacia amazônica (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010).

exemplo, as línguas nativas foram substituídas pela língua geral, criada pelos jesuítas com o intuito de facilitar a comunicação, dentre outras imposições feitas pela coroa portuguesa. Para realizar essas atividades de catequização e colonização, os missionários, principalmente, os jesuítas obtiveram privilégios reais que lhes davam poder secular, político e religioso sobre os índios.

Das ordens religiosas que vieram para a Amazônia os jesuítas destacaram-se pela organização e pela educação rigorosa aplicada aos indígenas. Os missionários contribuíram para o desenvolvimento da educação na Amazônia por meio da construção de colégios, nos quais os filhos dos colonos eram educados, (MAUÉS, 1995).

Porém esses missionários defendiam a liberdade indígena e combatiam a escravidão, vivendo intensos conflitos com os colonos que lucravam com o comércio da mão de obra indígena (SILVA, 2004), fatos que levariam tempo depois a entrarem em confronto com os colonos que encontravam-se no projeto de colonização da Amazônia, e com a política pombalina implantada na metade do século XVIII.

A partir de 1759 o Diretório Pombalino expulsou os religiosos de Inácio de Loiola da região, diminuindo também os poderes de outras ordens religiosas sobre as antigas missões, passando a administração para diretores leigos. A luz de Carvalho Junior (2013, p. 36) "este domínio se dava com o consentimento da casa real lusitana até a investida fundamental do ministério de Pombal que mudou radicalmente o "status" da companhia em todo o Império português". Porém queremos chamar atenção que essas mudanças não ocasionaram muitos efeitos no processo de conquista espiritual cristã dos indígenas, pois mesmo com a expulsão das ordens muitos indígenas tinham se tornados fiéis e seguidores, disseminando essa prática religiosa aos seus descendentes, sendo consolidada nos séculos posteriores.

Contudo podemos salientar que dessa maneira ilustrada que ocorreu à conquista espiritual dos indígenas na Amazônia brasileira, obtendo momentos de intensos conflitos e outros harmônicos. Porém percebemos de acordo com os estudiosos da temática que a visão eurocêntrica tentou impor seus valores, tratando os indígenas como seres inferiores, às vezes conseguindo a cristianização e em outros momentos não. Essas trocas culturais são notadas na contemporaneidade, pois na Amazônia a presença do catolicismo nas cidades e comunidades rurais é muito forte, sem desconsiderar também que estão presentes nessas localidades os valores nativos,

sendo resultado da miscigenação cultural desses povos. Assim é importante salientar que com todas essas tentativas de extermínio cultural indígena, durante o período colonial, os nativos mantiveram suas tradições, sendo claramente percebidas na sociedade amazônica.

2.2. O catolicismo na região de Parintins

A presença da igreja católica na região de Parintins está relacionada com a chegada dos primeiros padres jesuítas junto aos índios tupinambás que teria ocorrido por volta do final da década de 1650 (CÉRQUA, 2009). De acordo com o autor é na década seguinte que houve a fundação das primeiras igrejas na localidade, que passaria a chamar-se São Miguel de Tupinambarana, por volta de 1669.

Para Cérqua (2009) os primeiros padres que se ocuparam dos Tupinambaranas foram Manuel Pires e Manuel Souza em 1658. Para o autor esses jesuítas vieram com objetivo de catequizar as almas indígenas, pois levantaram cruzeiros, catequizaram e rezaram missas para os Aruaques na aldeia, situada entre os rios Nhamundá e Urubu. Esses religiosos fizeram a catequese habitual, batizando e convertendo indígenas na região, pois não consideraram a religião nativa dentro dos valores aceitáveis do cristianismo. No ano de 1669 o Padre Betendorf visitou os padres jesuítas e missões que eram fundadas na região, continuando a catequização dos nativos que habitavam o território e fundando a missão que atualmente a cidade de Parintins (SOUZA, 2003).

É importante salientar que na região que é atualmente a Parintins muitos indígenas também se recusaram a aceitar o cristianismo, na época, fato que fez com que as autoridades do Grão-Pará e os jesuítas promovessem guerras justas contra os indígenas, acontecimentos que faziam parte do cotidiano daqueles que viviam na região.

Para Bittencourt (2001) a região da atual cidade de Parintins recebeu o nome de núcleo de Tupinambarana com a chegada do Capitão José Pedro Cordovil, no ano de 1796, que posteriormente receberia a denominação de Vila Nova da Rainha, por volta de 1803. Nessa época o capitão Cordovil vivia em atrito com o missionário do núcleo e com José Preto Rodrigues, capitão do município de Maués. No lugar que atualmente moram os parintinenses frei José teria realizado seus trabalhos missionários com muitas dificuldades, pois era constantemente denunciado pelo capitão responsável de exploração de trabalho indígena, (CORRÊA, 2011), sendo

resultado da política pombalina na Amazônia. Em 1806, frei José Chagas que era Carmelita renunciou e foi transferido para outra missão, vivendo seus últimos dias na cidade de Borba-AM.

A localidade de Vila Nova da Rainha tornou-se importante centro de encontro missionário por sua localização geográfica. Ao destacar a temática Cerqua (2009, p. 18) afirma:

A aldeia tornou-se centro das Missões Jesuítas na região; de lá se atendia Curiatós e Condores (do Nhamundá) para baixo e Andirázes e Maraguares (Maués) para cima. Era "uma aldeia pobre, mas bem governada [...] Os missionários que por ali passavam se edificavam do zelo deste primeiro grande apóstolo dos Tupinambaranas.

A luz de Bittencoul (2001) depois da Independência do Brasil, Vila Nova da Rainha foi elevada a categoria de freguesia com denominação de Tupinambarana, pelo Decreto de 25 de Julho de 1832, pelo governo do Pará. Em seguida recebeu o nome de Vila Nova da Imperatriz, no ano de 1848 por seu desenvolvimento econômico. E por último ao ser elevada a categoria de comarca e cidade, recebeu a denominação de Parintins, mas precisamente em 1880, pela Lei nº499 de 30 de outubro, daquele ano perdurando até os dias atuais.

A primeira Igreja de Parintins teria sido construída a pedido de Frei José das Chagas, em honra a Nossa Senhora do Carmo que era patrona da Ordem dos carmelitas, de quem esses missionários na época faziam parte, permanecendo no local até 1895, quando a imagem da santa foi transferida para a igreja na Praça do Sagrado Coração (PEZZELLA, 2002; BITTENCOUR, 2001):



Figura 8 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus (s.d.)

Fonte: PIME

Contudo é na segunda metade do século XX que foi fundada a prelazia de Parintins, mas precisamente no dia 13 de novembro de 1955, abrangendo os municípios de Parintins, Barreirinha, Maués e, atualmente Nhamundá e Boa Vista do Ramos. Alguns anos depois, o então superior do Pontifício das Missões Exteriores no Brasil (PIME), no Amazonas D. Arcângelo Cerqua foi ordenado bispo da prelazia, no dia 14 de maio de 1961 (PEZZELLA, 2002). Daquele período até hoje várias Igrejas católicas foram construídas na cidade e na zona rural, com o objetivo de catequizar as comunidades que surgiam, principalmente, na década de 1960, influenciando a religiosidade do povo que vive na zona urbana e rural do Município (CAMPOS, 1995).

2.3- As comunidades rurais e o catolicismo na Amazônia

A história da Amazônia nos mostra que desde a chegada dos primeiros europeus e com a formação do Brasil, sempre se buscou influenciar e mudar as religiosidades dos indígenas, devido à negação da identidade cultural desses povos pelos europeus, que acusavam de não terem religião ou de desconhecem suas culturas que eram consideradas “civilizadas”, promovendo o etnocentrismo frente a essas sociedades. Tal visão foi utilizada como meio para justificar a exploração e a catequese obrigatória de tribos inteiras (DEL PRIORY; VENÂNCIO, 2010), o que viria colaborar para modificar a religiosidade do homem amazônico, sem perder as raízes indígenas que se misturaram com o catolicismo e com as religiões de matriz africana.

Nesta perspectiva surgiram povoados pela Amazônia, resultados dos aldeamentos e resgates praticados por religiosos e colonos portugueses durante o período de colonização do vale amazônico, sendo habitado por indígenas e europeus (GALVÃO, 1976). Tal situação levaria esses locais a formarem-se e, a obterem culturas diversificadas. Esses locais passaram a ser chamados de aldeamentos missionários e vilas coloniais que serviam de entrepostos comerciais de mão de obra indígena, que eram utilizados nas mais diversas atividades econômicas na região que tempos depois se tornariam vilas e cidades.

Atualmente muitos locais lembram as características de aldeamentos coloniais, ficando às margens dos rios amazônicos, sendo conhecidas por comunidades rurais de várzea ou de terra firme (LIMA, 2005), mesmo acrescentada novas características. A autora aponta ainda que o termo “comunidade” refere-se às

concentrações populacionais da área rural, termo esse muito utilizado para referir-se a esses povoados.

Para Charles Wagley (1988) nessas comunidades as pessoas vivem relações humanas de indivíduo para indivíduo e, nelas todos os dias as pessoas compartilham a cultura local, seja na economia, religião, política e outros aspectos culturais que são reproduzidos diariamente pelos membros comunitários de determinados povoados da Amazônia que vivem nessas áreas rurais.

Nas localidades mais próximas das cidades as pessoas vão a áreas urbanas quase que todos os dias, outros que habitam locais mais distantes visitam esses núcleos citadinos de dez em dez dias aproximadamente, para comprar alimentos, passear, trabalhar ou vender seus produtos frutos do trabalho (WAGLEY, 1988). No domingo vão as igrejas para assistir as missas ou cultos quando não se têm a figura do padre na comunidade, bem como para visitar amigos e parentes. Para o autor é no verão que esses povoados rurais promovem inúmeras festas de santos, fazendo com que os as pessoas migrem de comunidade para comunidade para participarem dos atos festivos

Nos dias de hoje, quase que em todas as extensões do vale amazônico o caboclo cultiva pequenas roças em locais altos, livres de enchentes, utilizando facões, enxadas, e machados para a derrubada e plantio (GALVÃO, 1976). Nesses locais é cultivada a mandioca para fazer a farinha e outros produtos derivados, acontece a pesca e a criação de gado para complementar a alimentação ou para vender o peixe e a carne nas cidades mais próximas, e utiliza-se bastante a canoa como meio de transporte das pessoas.

Quanto ao catolicismo praticado nessas comunidades rurais, Maués (2011, p.7), aponta que na Amazônia rural “o catolicismo não tem peias, restrições, privações”. Para o autor esta situação particular faz com que o comportamento das pessoas nos festejos e no próprio dia a dia da comunidade seja mais liberto, fazendo uma oferenda ao santo, e ao mesmo tempo bebendo sua cachaça, soltando foguetes nas procissões, divertindo-se no arraial e nos bailes durante os dias de festa para o santo protetor da localidade.

Para Brandão (1988) tal fato ocorre, pois muitos praticantes do catolicismo consideram-se pecadores, mas que fazem suas orações. Para ele existe o católico praticante que vai a igreja e reza, faz suas orações e se doutrina pelo catolicismo

oficial. Por outro lado, existe aquele que por tradição se auto-identifica, mesmo sabendo que não pratica rotineiramente a sua religiosidade.

Percebe-se que os elementos do catolicismo tradicional trazidos no período colonial mesclaram-se e adaptaram-se aos elementos da cultura regional como aponta (GALVÃO, 1976), resultando assim numa religiosidade que influenciou na construção do catolicismo na Amazônia, sendo manifestada no cotidiano e nas festas de santos na região, que são momentos extraordinários nesses povoados rurais.

Para Maués (2011) são nessas festas de santo que o catolicismo popular faz parte na Amazônia, apresentando um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente. O que confere à categoria festa uma importância toda especial para quem é devoto e organiza essas festividades que homenageiam essas santidades.

A luz de Galvão (1976) no ato da realização festiva a devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre as imagens dos santos, os devotos acreditam que essas santidades são consideradas patronos e protetores dos homens da zona rural. Os religiosos e devotos acreditam que essas imagens tenham poderes especiais capazes de realizarem milagres, curas de doenças, soluções para problemas financeiros, agrícolas e de maravilhas que outras entidades não possuem.

Por fim, nessas comunidades rurais da Amazônia percebe-se a prática do catolicismo popular mesclado com o catolicismo oficial romanizado, demonstrado no cotidiano com as rezas, missas e cultos ou nas práticas festivas de santo. Essas festividades estão intimamente ligadas à devoção a um santo, seja particular ou padroeiro de determinadas localidades rurais. Nelas fuge-se muitas vezes do catolicismo romanizado pregada pela igreja católica, pois é notório que nas manifestações de santos, acontecem venda de bebida alcoólica, torneios esportivos com várias modalidades, tanto feminino quanto masculino, sendo momentos que apresentam atividades sagradas e, ao mesmo tempo profanas, não como forças antagônicas, mas complementares e, sendo também momentos de sociabilidade entre as pessoas.

2.4- As festas de santo

Compreender as festas de santo praticadas nas cidades e comunidades rurais é voltar ao tempo da colonização, remetendo-nos a chegada dos religiosos e colonos portugueses que com suas práticas culturais influenciaram na vida dos nativos. Era

um contexto histórico de conquista que envolvia disputas ideológicas e territoriais, entre os católicos e protestantes na Europa. É nesse sentido que naquela época havia tentativas de acabar com idolatrias e heresias, entre católicos e protestantes no Velho Mundo, somando-se à necessidade de pregar a palavra de Deus, evangelizando, catequizando e impondo novos valores culturais ao novo mundo (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010)

É nessa conjuntura histórica que vieram os primeiros colonos, obedecendo a alguns critérios de seleção impostos pela coroa. Dentre eles estavam os “direitos e deveres que constava não lesar a população, aceitar impostos em espécie, pagar a coroa o quinto sobre pedras preciosas encontradas e pertencer à religião católica” (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 17). O último critério fez com que o catolicismo prevalecesse na colonização do território do Estado do Brasil e, posteriormente nas terras amazônicas que pertenciam ao Estado do Grão-Pará, sendo disseminado pelos religiosos espanhóis e portugueses.

Esses acontecimentos citados acima, nos reportam que o Brasil nasceu à sombra da cruz, aonde a religiosidade católica foi bastante forte entre colonos e missionários que habitavam o território, ou seja, a religiosidade do brasileiro começava a ser formada, com a presença de elementos religiosos do catolicismo, indígena e africano (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010).

As igrejas foram auxiliadas pelas associações que promoviam a vida social desempenhando tarefas, substituindo as vezes o governo português, dentre as quais: a fundação e manutenção de abrigos de meninos pobres, recolhimento de meninas órfãs e hospitais, denominados Santas Casas da Misericórdia, aonde tinha como finalidade específica promover a devoção a um santo (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010).

Durante esse projeto de implantação religiosa foram sendo colocadas às práticas festivas, que passaram a acontecer pelas duas colônias na América portuguesa, principalmente quando se tratava de homenagear uma santidade padroeira de comunidades, vilas e missões.

Em torno das festas, do culto e da capela do santo, um grupo de pessoas, fossem brancas, mulatas ou negras, se organizava. O que caracterizava a irmandade era justamente a participação de leigos no culto católico, participação que não implicava necessariamente a constante presença de padres e religiosos. Confrarias e irmandades demonstravam toda a força por ocasião da festa do padroeiro: ruas e igrejas eram decoradas com ervas perfumadas e tapetes iluminadas por tigelinhas de barro

contendo óleo de baleia. Irmãos vestidos de capa vermelha, tocheiros à mão, abriam a procissão, que era seguida de carros alegóricos ricamente enfeitados, atrás dos quais volteavam músicos e bailarinos (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010, p. 23).

Assim depreende-se dessas afirmações que as festas religiosas ocorriam nas duas colônias, independentemente de ter a participação de padres nos atos festivos, pois muitas vezes quem comandava eram pessoas leigas que organizavam ruas, cidades e praças por onde passavam as procissões que homenageavam santos considerados padroeiros dessas localidades, envolvendo pessoas de classes e raças diferentes para festejarem suas santidades de devoção. Porém, é notório que naquele período havia certo controle eclesiástico e estatal com relação às festas que eram realizadas na América portuguesa, porém às vezes fugiam ao controle dessas duas instituições.

Durante a colonização nos aldeamentos os meninos levantavam-se à noite para cantar e dançarem com taquaras que eram canos grossos que davam no chão e com o som produzido, estes faziam os cantos (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010). Para os autores é bem possível que a sensibilidade musical dos indígenas fizesse com que os jesuítas acreditassem que tocando e cantando entre eles, estes os ganhariam, pois se viesse um gaiteiro, não haveria cacique que recusasse seus filhos à escola jesuítica.

Para Rita Amaral (1998) a prática de festejar santos católicos não é recente, pois durante o Brasil Colonial, gente de todas as raças desfilava lado a lado, levando cruces, estandartes e pendões, sacudindo e agitando ao som do trovejar e de fogos de artifícios. Naquela época quando as festas aconteciam nas cidades, os seus habitantes preparavam-se com todo o entusiasmo para realizar com primor e alegria as festividades religiosas que homenageavam as mais diversas santidades que tinham sido impostas aos nativos e negros no território colonial.

Ao tratar das atividades que fugiam de atos religiosos nas festividades, as músicas entram nesse contexto. A diversidade de instrumentos musicais não ficava atrás da pompa coreográfica dos cortejos. Havia uma mistura de momentos profanos e peças religiosas (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010). Eram momentos em que os músicos negros vestidos de seda e cobertos de plumas, tocavam (címbalos, pífaros)⁸

⁸ - Significam: instrumento musical de percussão composto por dois discos de metal que devem ser batidos um contra o outro; Tipo simples de instrumento de sopro de madeira que se assemelha à flauta. Para obter sonoridade, o músico sopra por uma abertura existente na extremidade superior do instrumento, respectivamente.

e trombetas misturando-se aos brancos que tocavam seus clarins. Assim uma imensa variedade de sons rasgava o ar, enquanto fiéis, piedosamente, desfilavam estandartes e imagens religiosas, tanto no Estado do Brasil, quanto na Amazônia Colonial.

É neste sentido que Amaral (1998) aponta que as músicas sacras das festas religiosas mesclavam-se com as músicas populares oriundo de Portugal, mostrando que não estavam bem definidas as fronteiras entre o sagrado e o profano, o erudito e o popular durante esses atos festivos, reforçando que essas dualidades dentro do ato festivo não são práticas de dias atuais, mas antigas que remontam aos primeiros séculos de colonização, perpassando até a atualidade.

Foi assim que os europeus trouxeram suas práticas culturais, dentre eles as festas católicas que serviam como modo de atuação da coroa portuguesa, ajudando a conquistar os indígenas para a catequese, tentando sociabilizá-los. Pode-se inferir que foram momentos culturais transplantado do modelo social europeu para a América portuguesa até os últimos momentos coloniais, quando a igreja católica imperava politicamente e as procissões e festas de santos eram intermináveis (AMARAL, 2003), recebendo aqui influências culturais indígenas e negras.

No período colonial existiam festas oficiais controladas pelo Estado e pela igreja e, aquelas ditas como populares sendo organizadas e participadas pelas pessoas que não tinham privilégios (AMARAL, 1998). No entanto aos poucos tal situação foi sendo modificada, pois as práticas festivas foram tornando-se práticas culturais aonde todos poderiam participar, diminuindo o controle por parte das duas instituições, citadas anteriormente.

Fazendo um recorte temporal, durante o século XIX as festas ganharam grande espaço e valor na vida das pessoas no Brasil, chegando muitas vezes a ocupar grande parte do tempo da vida e dos projetos dos brasileiros (AMARAL, 1998). No século XX esses atos culturais festivos foram apropriados pelo popular, aonde índios e negros na sociedade brasileira praticavam suas festas sem precisar da chancela do Estado e da igreja, fato que ocorria nos séculos anteriores nas duas colônias portuguesas na América, quando estes tinham bastante influência e controle sobre as festas de santo.

Vale ressaltar que as festas por toda a história do Brasil foram sendo espaços de força contra as dificuldades do cotidiano enfrentadas por negros e índios, para aliviar as tensões contra os representantes do estado português e da igreja católica e,

sendo momentos de construções culturais e consolidação de costumes, como aponta Rita Amaral (1998), em sua obra que fez sobre as festas que acontecem no país.

2.4.1 – As festas de santo na Amazônia

Ao fazer referência sobre a religiosidade e as festas de santo do homem amazônico não podemos deixar lembrar-se de influências das ideologias européias trazidas pelos espanhóis, no século XVI, e pelos portugueses, a partir do século XVII. Nesse jogo de acontecimentos coloniais este trouxe sua cultura cristã que fora sendo disseminada por onde passavam, fundando missões e povoados.

Na Amazônia, cartas régias fixaram a atuação de cada ordem: franciscanos de Santo Antônio, as missões do cabo do Norte, Marajó e norte do rio Amazonas; Companhia de Jesus, as dos rios Tocantins, Xingu, Tapajós e Madeira; Carmo, as dos rios Negro, Branco e Solimões; franciscanos da Piedade, as do Baixo Amazonas; mercedários, as do Urubu, Uatumã e trechos do Baixo Amazonas (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 21).

Como podemos verificar quase todas as regiões que os rios amazônicos cobriam foram implantados povoados com fortes características culturais cristãs no período colonial, aonde nativos recebiam influências de católicos e estes por sua vez, assimilavam as culturas nativas, transformando-se em povoados miscigenados com forte presença do catolicismo e raízes indígenas.

Essas práticas culturais foram disseminadas na colônia do norte. Dentro dessas práticas estavam às festas de santo, intimamente ligadas à religião. Não eram simples situações rotineiras, pois aconteciam em locais e tempos específicos, tornando-se eventos diferenciados e únicos para seus participantes (AMARAL, 1998). As pessoas esperavam praticamente o ano todo por aqueles dias festivos, que homenageavam os santos católicos, fazendo parte da sua cultura e da própria existência dos grupos que a organizavam as festas.

Assim como no Estado do Brasil, essas festividades na Amazônia Colonial também resultaram das influências culturais do negro, branco e índio (BRAGA, 2007), elas podem ser festas de santos padroeiros, boi, sairé, danças, ritmos musicais, lendas, valores e costumes religiosos. Essas festividades religiosas se iniciaram no contexto colonial e ainda são muito forte na sociedade amazônica, sendo passada de geração para geração.

Ao destacar a temática, Roberto Da Matta (1997) conclui que são situações que pressupõem caráter religioso e político, sendo construtoras de identidades e ao

mesmo tempo, reflexos da vida social e cultural, uma vez que envolvem momentos de religiosidade, onde quem participa paga promessa, frequenta as novenas e ao mesmo tempo se envolve em situações que fogem a sacralidade, sendo momentos de lazer e sociabilidade também.

É importante salientar que esses eventos sempre apresentaram manifestações de fé, agradecimentos pelos benefícios alcançados, promessas aos santos, e socialização (GALVÃO, 1976). Acontecem nas cidades e em áreas rurais geralmente promovidas pelos próprios moradores, aonde são constituídas por dois momentos que se entrelaçam e, complementam-se (ALVES, 1980). Um é o sagrado que apresenta os círios, procissões, novenas, batizados e casamentos. Outro é o profano com a festa dançante, torneios esportivos, bingos, namoros, vendas de bebidas, leilões e outros.

Com relação ao tempo de duração dessas festas de santo, podem durar “[...] semanas, vários meses, entrecortados por períodos de repouso de quatro ou cinco dias [...]” (CAILLOIS, 1988, p. 96). É nesse sentido que esses atos festivos às vezes duram algum tempo dependendo da organização da festa, variando de 3 a 10 dias, fazendo com que a comissão organizadora se planeje para que tudo saia de acordo com o elaborado pelos líderes festivos, pelos comunitários e devotos do santo festejado.

Quanto ao tempo de suas realizações as festividades recebem influências dos aspectos geográficos da região, como indica Wagley (1998, p.194) “todos os anos, em maio e junho, quando, no Vale Amazônico, os rios voltam aos seus leitos e as chuvas diminuem, começam a estação seca; realizam-se então inúmeras festas”. Assim são realizadas com mais frequência no meio do ano, principalmente na área de várzea, devido à dificuldade de acesso e por causa dos espaços e locais festivos que ficam inundados pelas cheias.

Por outro lado Braga (2007) destaca que as festas de santo amazônicas são realizadas de acordo com o calendário festivo da igreja católica, fazendo alusão na sua grande maioria ao dia da morte do santo festejado. É nessa perspectiva que algumas comunidades rurais realizam essas festividades de santos padroeiros, de acordo com o calendário católico que faz homenagem a determinadas santidades.

No que diz respeito à localização espacial é possível afirmar que essas festividades de santo são realizadas em áreas urbanas e rurais, sendo promovidas pelos próprios moradores e seus colaboradores (patrocinadores). Geralmente tem a liderança de uma comissão escolhida pela comunidade, sendo acompanhada de perto

pelos padres de paróquias e, muitas vezes pelos próprios bispos das dioceses às quais as comunidades pertencem (ALVES, 1980), delegando atribuições às diretorias que escolhe outras comissões que são responsáveis pelo desenrolar dos festejos.

Nessas festas de santo padroeiro as práticas do catolicismo configuram-se e fazem parte dos festejos, pois apresentam características sagradas que são traduzidas na seriedade e no respeito diante das coisas do santo (ZALUAR, 1983), bem como na informalidade e no divertimento que seriam as coisas profanas.

Para Galvão (1976) nas festas religiosas os santos recebem cultos e deles o “caboclo” se aproxima através de orações, promessas e atos festivos, acreditando que protejam a comunidade e o indivíduo, envolvendo quase todos os comunitários que realizam o evento. Nesse momento a sociedade “sai do ordinário de sua rotina cotidiana para viver anualmente o extraordinário de eventos ritualizados” (ALVES, 1980, p. 21), pois os acontecimentos fazem parte da sua própria existência, não sendo qualquer momento cotidiano, mas situações que fogem da vida rotineira dessas sociedades.

Contudo, segundo Galvão (1976, p. 59) nas festas de santo padroeiro é difícil afirmar qual a parte mais importante dos festejos “se as rezas, o baile [...] muita gente atenderá ao festival se não houvesse a dança. Suprimir as ladainhas seria transformar a festa em baile profano, e faltar com respeito ao santo”. Neste sentido, todas essas práticas fazem partes da estrutura da festa de santo padroeiro, sendo difícil pontuar aquilo que seria mais importante para devotos e visitantes, pois vêem os dois momentos como forma para celebrar e realizar os festejos aos santos protetores de comunidades rurais da Amazônia.

2.4.2 - As manifestações simbólicas nas festas de santo

As festas religiosas por serem fortemente influenciadas por ideologias católicas cristãs são constituídas de vários símbolos que apresentam diferentes sentidos para devotos e participantes dos festejos. Assim esses momentos não são apenas um simples momento de lazer e entretenimento, mas de fé e religiosidade, cheios de simbologias para as pessoas que organizam e participam deste tipo de festa de santo. Neste sentido os símbolos desempenham funções perante a sociedade de:

Instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...] eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a

reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição de integração moral (BOURDIEU, 1989, p. 10).

A partir desta conceituação apresentada por Bourdieu é possível compreender que os símbolos têm a função de manter a coesão de uma determinada sociedade, sendo elementos que também contribuem para que esta tenha regras morais de convivência e de respeito para com as divindades. Esse poder invisível só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989). Têm poderes que são perceptíveis no campo religioso, influenciando diretamente a sociedade, sendo transmitido por ideologias que tem como função a imposição de sistemas de classificação além de religiosos, políticos, filosóficos, e jurídicos.

Através do uso de símbolos, os agentes estão referindo-se a importantes noções abstratas — tais como solidariedade grupal, poder, autoridade, dependência, reciprocidade social etc. — para as quais podem não possuir termos precisos que facilitem sua comunicação. Um objeto pode ser um símbolo de algo mais do que ele mesmo, assim como animais, ideias abstratas — como a ideia de santo — e determinadas ações sociais (ZALUAR, 1983, p. 33)

Assim pode-se inferir que os símbolos podem materializar-se em imagens de santos, de Cristo, ideologias católicas, um homem ilustre para um determinado grupo, dependendo onde estão inseridos, tem diferentes sentidos, pois não representam o mesmo para todos e tem funções diferentes para pessoas inseridas em determinados grupos.

Assim não podemos ser ingênuos em afirmar que os símbolos são algo unânime em sentidos para as pessoas. A luz de Zaluar (1983) os símbolos são testemunhas não apenas do "consenso" ou da não diferenciação das sociedades em que surgem, mas, em outro nível, de suas contradições, as quais são mascaradas na unidade aparente que os símbolos representam. Isto significa dizer, que sua percepção pelos agentes sociais envolvidos é variável e relativa, tem variantes em grau de indivíduo para indivíduo e de contexto para contexto. Assim os símbolos guardam sempre certa ambiguidade, também relativa ao contexto em que é usado e a sua própria importância, com relação aquilo que representam.

Mesmo com essas diferenciações de sentidos, os símbolos têm a capacidade de conter representações discrepantes, tendem a absorver conflitos entre normas e impulsos, entre sociedade e indivíduo e entre determinados grupos (ZALUAR, 1983). Tal fato acontece, pois as discrepâncias conceituais de entendimento não são

mencionadas em grupos, pois se ocultam com objetivo de manter a coesão. Essas diversas interpretações dadas pelos participantes e até mesmo pelo pesquisador com relação aos sentidos dos símbolos, mostra que está ligada as visões que são relativas às posições que ocupam e os conflitos entre essas diversas categorias e grupos a que pertencem.

Para Boudieu (2007) no campo religioso há uma luta entre os três protagonistas centrais: os padres e os profetas que se constituem como agentes a serviço da sistematização e racionalização da ética religiosa e, os leigos que são alvos dos dois primeiros.

Estamos agora no âmbito mesmo da atividade simbolizadora que se traduz em primeiro lugar por uma classificação que separa o sagrado do não sagrado, impondo tal divisão à crença dos grupos leigos, seus destinatários. Demais, cabe ao Sacerdócio produzir os instrumentos e os meios adequados à transmissão e a inculcação de sua doutrina: manuais, livros canônicos, dogmas etc. (BOURDIEU, 2007, p. 59).

O autor aponta que existe uma força simbólica que opera entre os padres que são os representantes oficiais da igreja sobre os leigos que geralmente são fiéis e devotos de um determinado santo protetor. Neste sentido fazendo-se valer dessa supremacia ideológica os religiosos utilizam dos diversos meios para fazer com que o segundo torne-se conhecedor dos dogmas e guardião dos ensinamentos do catolicismo.

Com relação à presença dos símbolos nas festas religiosas existem lugares que devotos e participantes atribuem sentidos e representações pela fé. É nesse sentido que esses espaços festivos representam muito mais do que referências geográficas ou físico-espaciais; configuram-se como centros também no plano simbólico, pois remetem a um tempo de criação, de origem das coisas sagradas (PAULINO, 2011).

Existem tempos sagrados durante realizações dessas festas nas comunidades rurais. Por exemplo, as visitas dos párocos que passam pelos povoados responsáveis para realizarem batizados e casamentos de pessoas da localidade são bastante aguardados e tem muitos significados para quem aguarda (GALVÃO, 1976). Essas viagens acontecem durante um dia apenas quando as festividades são realizadas na zona rural, tem como objetivos a sagração e louvor, bem como, a tentativa de controle das festividades religiosas para que os realizadores e brincantes não ultrapassem o que é ensinado pela ideologia católica, o que não é totalmente aceito

por todos, principalmente quando os religiosos retornam para as cidades de origem das paróquias.

Outros momentos com simbologias são as procissões e os círios, onde acontecem os pagamentos de promessas por devotos do santo festejado. Estes atos religiosos respondem a uma situação de crise individual, doença, parto, casamento ou crise coletiva, estiagem prolongada, pragas nas plantações e etc. Essas promessas são cumpridas por meio de danças aos santos, rezas, novenas e procissões, como apontam (ZALUAR,1983; ALVES, 1980).

Os santos festejados variam de povoados, pois cada um tem o seu santo padroeiro. Estes são representados por imagens, sendo comuns realizações de festas em homenagem a São Benedito, Santo Antônio, São Sebastião, (BRAGA; RODRIGUES, 2009) e acrescentamos São José Operário. A devoção a santidade acontece por que devotos acreditam em suas capacidades de efetuarem milagres e intercederem junto a Deus por benefícios a serem alcançados ou por recebimento de bênçãos (GALVÃO, 1976).

Acrescentamos também que os santos tornaram-se símbolos dos laços sociais que ligam as pessoas do mesmo componente grupal ou de categorias diferentes. Quanto às imagens dos santos, podem pertencer a igreja, as irmandades religiosas, grupos ou famílias, localizando-se dentro de igrejas, capelas ou em casas de devotos (ZALUAR, 1983). Estas exercem muitos poderes sobre os devotos que lhes dirigem com respeito, pedindo proteção e pagando promessas. Nessa conjuntura em muitos casos nas comunidades rurais existem dois santos, sendo um o padroeiro indicado pela igreja oficial, e um santo de promessa que é particular⁹.

Essas devoções aos santos geram festas religiosas que acontecem em momentos extraordinários, aonde se articulam de maneira diferente elementos rotineiros da vida cotidiana, levando indivíduos participantes dos festejos a compreenderem as diferenças entre o natural e o sobrenatural, do cultural/social e as regras do poder constituídas pela religiosidade (ALVES, 1980).

Nas áreas rurais embora seja possível falar de um contrato individual com o santo, o culto é coletivo aonde todos da comunidade participam. As promessas são cumpridas por meio de manifestações altamente simbólicas, como: as novenas, rezas do terço, danças e festas, atividades essas realizadas pela coletividade (ZALUAR,

⁹ - É um santo de devoção geralmente considerado protetor de uma família, como aponta, (GALVÃO, 1976)

1983). Acredita-se que tenham eficácia, isto é, trazem benefícios para seus participantes, realizando um sistema de trocas entre devotos e os santos festejados, estabelecendo relações de reciprocidade entre o natural e o sobrenatural.

Logo, os moradores prestam devoção ao santo para receberem graças e proteção que o ser católico deve ter, de acordo com os ensinamentos da igreja. É nessa perspectiva que “os santos, recebem culto e deles o caboclo se aproxima através de orações, promessas e atos festivos” (GALVÃO, 1976, p. 4). E assim acredita-se que protejam a comunidade e seus moradores.

Todos esses atos e práticas católicas acabam sendo momentos aonde as manifestações simbólicas florescem nas festas de santo na Amazônia. Isto ocorre devido o indivíduo pedir ao santo pela cura de uma doença, que o aflige, ou alguém da sua família, por uma boa colheita, prometendo-lhe uma novena, peças de fita colorida e velas de cera GALVÃO, (1976).

Devotos e moradores de comunidade durante a realização da festa se envolvem na organização do evento sociocultural. Tal fato se explica devido à realização dos cultos de santos padroeiros, nas freguesias e sítios serem funções da coletividade, pois se acredita que determinadas imagens tenham poderes especiais (GALVÃO, 1976).

Portanto foi possível elencar nesta sessão os elementos que possibilitam acreditar que nas festas de santo há a presença de símbolos e manifestações simbólicas, operando na mentalidade de quem participa e realiza os festejos de santo padroeiro, e utilizando a cultura como elemento de sua realização, mesmo que tenha sentidos diferentes para devotos, moradores e visitantes. Assim são momentos que saem da rotina, entram num tempo extraordinário, fazendo parte do processo de sociabilidade e fé. É neste sentido que os símbolos e suas representações afirmam-se, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida pelo sobrenatural e social.

2.4.3 O sagrado e o profano no espaço festivo

As festas de santo padroeiro de comunidades rurais apresentam dois momentos: sagrado e profano que se entrelaçam. Esses atos festivos são realizados em cidades e nas zonas rurais da Amazônia, sendo promovidas pelos próprios moradores. As atividades sagradas são os círios, novenas, batizados, casamentos e as etapas do catecismo. Outras são consideradas profanas como: as festas dançantes,

torneios esportivos, bingos, namoros, vendas de bebidas e leilões, como apontam (ALVES, 1980; GALVÃO, 1976).

As danças profanas nas festas religiosas são frutos da catequese jesuítica no Brasil Colonial (AMARAL, 2003). Para a autora, a Igreja permitia que índios e negros dançassem, pois esta arte era considerada uma maneira de agradar a Deus, sendo respaldada pelo Concílio de Trento (1545-1563), aonde as danças se tornaram enriquecedoras e atraentes acrescidos aos cultos católicos.

No início da formação social brasileira, o poder das festas era tão real que mesmo as danças e músicas de escravos que eram consideradas atividades culturais inferiores e não civilizadas pelo colonizador eram permitidas nos dias festivos, o que acabou facilitando a permanência da religiosidade africana no Brasil, uma vez que esta se liga intimamente às festas para a incorporação de seus deuses no transe (AMARAL, p. 191, 2003). Assim as festas coloniais possibilitaram desse modo, o espaço necessário à construção de estratégias contra a repressão do catolicismo inquisitorial e ao mesmo tempo permitiam a absorção de valores nativos e afro-descendentes.

Para compreender melhor a relação existente entre os momentos festivos, na concepção de Eliade (1992) há uma repulsa e atração entre sagrado e profano, pois aparecem na realidade eterna e verdadeira, oposta à temporalidade. Assim o tempo passa a ser reversível, pois seu movimento cíclico permite a ritualização de um evento sagrado que deu origem às primeiras atividades e aos primeiros seres. Essa volta ao tempo permite ao profano renovar energias e alimentar desejos de possuir a eternidade divina.

Para Caillois (1988) a dialética do sagrado quanto a sentimentos ambivalentes desperta sobre o profano, pois a natureza dos mesmos tem elementos antagônicos e complementares, como medo e desejo, fasto e nefasto, puro e impuro, santo e sacrílego. Assim são estados ou qualidades que exercem temor e, ao mesmo tempo, atração diante do profano. Destaca-se ainda que, dependendo das circunstâncias, o sagrado pode liberar bênção ou maldição às coisas ou seres.

O homem religioso aponta dois meios que são complementares, um aonde pode agir sem angústia e nem temor, mas sua ação poderá comprometer apenas sua vida superficial e, outro onde o sentimento de dependência íntima é refém, se contém e dirige cada impulso (CAILLOIS, 1988). Assim o autor demonstra que existem dois momentos que se apresentam na vida humana, um que são as coisas do cotidiano,

material e pode prejudicar apenas o corpo físico e, outro que controla nossas vontades mundanas, o ser divino, podendo trazer sérios problemas de cunho psicológico e religioso, sendo algo mais sensível e, que pressupõe a fé. O autor define ainda que as coisas sagradas sejam os instrumentos de cultos, a figura do padre, imagens, espaços como as igrejas e os templos religiosos.

As festas de santo representam um paroxismo de vida, rompendo de um modo violento com as pequenas preocupações cotidianas. Assim as festa religiosas representam ao mesmo tempo alegria e angústia, uma vez que os transbordamentos e excessos de toda espécie, a solenidade dos ritos, a severidade prévia das restrições concorrem igualmente para fazer da festa um mundo de ambivalência e exceção.

As festividades de santo não tem apenas objetivo de agitar às pessoas, mas também a finalidade de renovar a sociedade envolvida e organizadora (CAILLOIS, 1988). Para o autor assim como a vegetação natural se renova todos os anos, a sociedade também precisa se renovar, inaugurando um novo ciclo, aonde tudo que existe precisa de renovação.

Nesses festejos coletivos acontece algo diferenciado, aonde sagrado e profano misturam-se, não ficando perceptíveis nas visões dos participantes como elementos dissociados e que não podem se misturar, mas, sim interligados, não havendo separação na prática festiva, como destacam (ALVES, 1980; GALVÃO, 1976; MAUÉS, 2011). Estes autores argumentam que os dois momentos não são entendidos como opostos na mentalidade de quem faz parte das festas religiosas na Amazônia, pois durante o ato a mesma pessoa que reza, pode posteriormente beber sua cerveja, dançar no baile e namorar.

A luz de Alves (1980) durante a realização dos festejos, momentos sagrados e profanos ocorrem ao mesmo tempo, sem antagonismo. Para o autor tal situação acontece por que a um só tempo estão operando, a devoção, ordem, informalidade, descontração e a alegria da festa, longe de serem opostos absolutos, constituindo momentos que se complementam, sendo neutralizados pela imagem do santo, pois a santidade aglutina os dois momentos, ou seja, como se o santo homenageado equilibrasse as práticas sagradas e profanas.

Porém, sabemos que mesmo com esse entendimento há tentativas de controle dessas festas por parte da igreja, no que tange aos momentos religiosos: círio, as celebrações e outras cerimônias, mas por outro lado, também há tentativas de controlar as coisas profanas, o que não é aceito por todos os envolvidos. Porém nas

áreas rurais o informal se apresenta nos espaços festivos, pois há situações que fogem totalmente do controle eclesiástico, talvez pela distância desses locais da cidade, como apontam (GALVÃO, 1976; ALVES, 1980).

Para Eliade (1992) as festas de santo não são apenas comemorações de acontecimentos míticos, mas ritualizações do simbólico, já que por meio dela retira-se do tempo histórico e inclui-se no tempo imaginário das causas e coisas sagradas. Estando fora do mundano, do que é vil e pecaminoso, fica-se fora do tempo real, cíclico, e entra-se na esfera da eternidade divina. Nesse sentido esses atos socioculturais representam fontes renovadoras que fornecem energia e limpeza de força para devotos e moradores dessas comunidades para enfrentarem a vida e dificuldades, com a esperança de viverem novas contingências.

Nos momentos festivos ocorrem os pagamentos de promessas há determinados santos que servem como canal de sublimação para a coletividade. O que faz com que o sacrifício seja gesto que aproxima o profano do sagrado, garantindo bênçãos, realizações de pedidos e preservando a ordem ao lugar e à sociedade (ALVES, 1980). Para o autor círios e procissões dessas festividades apresentam encadeamentos de atitudes e gestos, formando assim uma pactuação religiosa agregada em torno da imagem do santo que é prestado reverência.

Em determinadas festas de santo mantêm-se a prática de arrendamento ao redor da Igreja, onde estão também a Barraca da Santa, bar da festa e os parquinhos. Em lugares um pouco distantes do centro do arraial vendedores ambulantes expõem seus produtos e comercializam bebidas. O arraial é entendido como espaço predominantemente profano, onde reinam a informalidade, lazer, comércio e diversão (ALVES, 1980), por outro lado, tem algo de sagrado por ser a festa do santo. Assim a circulação de pessoas tanto no espaço da Igreja quanto no arraial é intensa, envolvendo todas que se fazem presentes nessas comunidades rurais que realizam estas homenagens aos santos considerados padroeiros desses povoados.

Neste sentido, elementos que seriam vistos como profanos no cotidiano guardam alguma coisa de “sagrado” no momento festivo. Assim a realização de um jogo de futebol durante as comemorações não é certamente um jogo comum, mas o torneio do santo que é homenageado na festa (MAUÉS, 2011). E o mesmo se pode dizer das brincadeiras de arraial, das comidas, dos leilões, da bebida e da própria festa dançante, pois fazem parte dessas festividades religiosas, se entrelaçando com

as práticas sagradas, envolvendo momentos altamente simbólicos para quem vivencia essas práticas socioculturais.

2.4.4 – A sociabilidade festiva

Para o sociólogo Norbet Elias (1994) o termo sociedade num primeiro momento significa todos nós juntos, ou seja, um conjunto de pessoas. Porém chama a atenção afirmando que as sociedades são diferentes, chegando a essa conclusão quando compara os indianos com os chineses, ingleses com americanos, ou grupos que viveram em épocas diferentes. Para ele entre sociedade e indivíduo não deve haver um abismo, pois a primeira é formada por indivíduos ou estes a formam. Neste sentido nenhum existe sem outro, é uma rede de relações, que gera a sociabilidade. É nesta perspectiva que:

Na vida social de hoje, somos incessantemente confrontados pela questão de se e como é possível criar uma ordem social que permita uma melhor harmonização entre as necessidades e inclinações pessoais dos indivíduos, de um lado, e, de outro, as exigências feitas a cada indivíduo pelo trabalho cooperativo de muitos, pela manutenção e eficiência do todo social (ELIAS, 1994, p. 16)

Assim quando pensamos calmamente sobre o assunto, percebemos que as duas partes (sociedade e indivíduo) só são possíveis juntas. Complementando sobre a temática, o sociólogo destaca que só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos que a compõem gozarem de satisfação suficiente; ou seja, só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito.

A vida em sociedade não é eternamente pacífica, mas cheia de contradições e conflitos. É repleta de tensões e explosões. Neste sentido a “vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa” (ELIAS, 1994, P.18). Porém quando falamos de festas religiosas, destaca-se que o próprio santo gera aparentemente harmonização naqueles que são devotos das próprias localidades, como aqueles que são visitantes, ou seja, todos sabem que a imagem da santidade tem sentidos de religiosidade para eles.

Dentro dessa estrutura social a historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta é a chave para a compreensão do que é a “sociedade”. A luz de Elias (1994) é nesse momento que a sociabilidade se evidencia, sendo inerente aos seres humanos quando se têm presente os sentidos das

relações entre as pessoas. Analisando esse conceito chegamos à conclusão que a prática festiva de santos na Amazônia apresenta uma força que torna a sociabilidade presente nas relações daqueles que participam desses festejos, levando o ato a ser uma rede de relações entre comunitários, devotos e visitantes, muitas vezes harmônicas, outras não. Tal situação gera no espectro festivo religioso uma igualdade social daqueles que se fazem presente, mesmo que momentaneamente.

Por toda história do país desde a colonização até a contemporaneidade, comemorações festivas sempre estiveram presentes, conciliando e aproximando escravos negros e índios que viam uma possibilidade de se igualar aos poderosos, na época, podendo ser considerada como meio de mediação simbólica entre os diferentes povos, servindo como meio de comunicação.

É nesse contexto de formação cultural da sociedade brasileira que as festas vão surgir. Para Rita Amaral (1998, p. 57) eram “formas de sociabilidade, desde o período de colonização, marcadas pelas trocas culturais, estando ambas estreitamente relacionadas à realização de festas”. Esta afirmação leva-nos a compreender que essas práticas culturais faziam com que as pessoas vivessem momentos de trocas culturais, sendo fortemente influenciadas pelas culturas que formam a base cultural e social do povo brasileiro.

Na atualidade essas práticas festivas fazem parte da vida de pessoas que vivem nas cidades e na zona rural da Amazônia. Apresentam suas particularidades e diferenciam-se, dependendo do lugar aonde acontecem, bem como similaridades festivas, que envolvem religiosidade e sociabilidade, pois acontecem confraternizações de familiares, amigos, conhecidos e até mesmo daqueles que não se conheciam durante os dias de realização desses atos.

Esses festejos apresentam devoção a uma determinada santidade, sendo comemorações coletivas de uma crença que ultrapassa a individualidade, chegando a congregar todos os membros da comunidade, em torno daquele santo. Tal fato faz com que haja uma sociabilidade festiva em torno do evento sociocultural, pois é coletivo gerando relações pessoais entre aqueles que organizam e participam das festas religiosas. Alguns destes santos são representados por imagens, tornando-se protetores ou patronos de alguns ofícios desenvolvidos pelos comunitários, como aponta (GALVÃO, 1976), o que faz com que comunitários e devotos desses locais realizem essas festividades.

São festas que apresentam liderança de uma comissão que é escolhida pela comunidade, sendo acompanhadas de perto pelos padres das paróquias e, muitas vezes pelos bispos das dioceses às quais as comunidades pertencem (ALVES, 1980). É importante salientar que não se pode colocar qualquer membro da sociedade local nesta comissão que irá liderar a organização da festividade, pois comunidade e igreja precisam dar autorização para que estes possam comandar os preparativos para o bom êxito da festa.

Contudo essas santidades fazem com que devotos acreditem em suas capacidades de efetuarem milagres e intercederem junto a Deus para benefícios a serem alcançados. Esses acontecimentos criam momentos de sociabilidade entre as pessoas que participam do ato festivo, pois as festas geram uma rede de relações sociais entre os envolvidos, sendo atos coletivos realizados por moradores das comunidades, devotos e visitantes.

2.4.5 – A festa e o lucro

Ao salientar os objetivos voltados para a geração de lucro no final da festa, configuramos que não são apenas atos religiosos, pois existem interesses coletivos e particulares sobre a renda gerada pela festividade. Tanto diretoria que visa às melhorias da estrutura comunitária e moradores que vêem como uma oportunidade de arrecadar fundos para ajudar no orçamento familiar, aproveitando a festa como uma oportunidade de ajudar na renda mensal para seus membros, o que também gera relações sociais entre as pessoas no espaço festivo.

Para Alves (1980, P. 82) os moradores dessas localidades, “aproveitam a época da festa para obter alguma renda”, fazendo comidas, doces e salgados para vender e ganharem algum dinheiro, aproveitando a vinda de pessoas de outras comunidades adjacentes que colaboram comprando. Esta situação talvez aconteça pelo fato que nessas localidades rurais são raras as ofertas de empregos, onde muitas vezes vivem apenas da agricultura familiar, artesanato e outras atividades econômicas que não suprem todas as suas necessidades, e por esses e outros motivos, aproveitam os momentos festivos para angariar algum recurso.

Mas, existem também interesses coletivos dessas festas buscando o lucro, que são traçados pela comissão organizadora e comunidade, uma vez que, praticamente todas têm objetivos de arrecadar fundos ao término dos dias festivos para as mais variadas aplicabilidades. É nesse sentido que elas não têm só objetivos religiosos,

mas, também financeiros para ajudar na estrutura social das comunidades, como afirma (AMARAL, 1998). Porém os lucros não são vistos pelo viés capitalista de festa particular que é de lucrar. Tal fato justifica-se por que o povo se apropriou da festa em benefício da própria estrutura da comunidade, fazendo dela construções de relações e afirmações sociais, realizando com intuito de preencher lacunas deixadas pelo estado (IDEM), sendo forma de solidariedade coletiva.

Nessas festas durante os dias todas as faixas etárias se fazem presentes e a noite a festividade se dirige mais aos adultos, principalmente quando as horas passam, não desconsiderando a presença de crianças nesses locais. Durante a festa “alguns moradores dispunham, na frente de suas casas, barracas de venda de comidas e bebidas, típicas ou não do período junino, para o público frequentador” (COSTA, 2011, p. 200). Tal disponibilidade acontece com objetivo de comprarem seus produtos e, principalmente guloseimas e bebidas: refrigerantes, água e cervejas. Nos salões e áreas próximas essas vendas são de responsabilidade das comissões e diretoria da festa (IDEM) afim, de ajudar no lucro festivo.

As aparelhagens musicais são contratadas em algumas ocasiões pelos próprios moradores, como aponta (COSTA, 2011), sendo que às vezes recebem patrocínios de políticos e de colaboradores dessas comunidades rurais. Sabe-se que nos bailes tem-se bilheterias na entrada dos salões, onde é cobrada a entrada de homens e mulheres com intuito de arrecadar fundos econômicos que somarão no final festivo o lucro da festa (IDEM), para em seguida ser investido conforme estabelecido nas reuniões anteriores entre comunitários, diretoria e paróquia responsável pela localidade rural.

Sabe-se que muito do que é arrecado de fundos para ajudar a realização da festa é investido na sua organização (COSTA, 2011). Tal fato se justifica quando os comunitários dessas localidades compram objetos, como foguetes que serão soltos no decorrer da festa para chamar a atenção de moradores da localidade e áreas adjacentes, na compra de bebidas, nos preparativos dos príncipes e princesa, na ornamentação da igreja e outras atividades.

Durante a execução dos torneios que ficam sobre responsabilidades das comissões do esporte dessas comunidades rurais, lucros também são obtidos com a inscrição dos times de futebol masculino e feminino, que têm uma premiação em dinheiro ou objeto no final.

Nos arraiais é o ponto de encontro entre as pessoas, como aponta (ALVES, 1980), mas também atividades de comércio ao ar livre, aonde existem barracas nos terrenos determinados antecipadamente pela diretoria, vendendo produtos de diversas ordens e gêneros, bem como barracas que são de responsabilidades das comissões, ficando localizadas em pontos estratégicos a fim, de garantir um melhor local para serem vendidos seus produtos.

Porém, esses arraiais não são feiras convencionais, mas vendas de produtos em uma festa religiosa (ALVES, 1980), pois sabem que não estão em qualquer lugar do dia a dia, mas sim na festa do santo. As características desses locais são parques de diversão, vendas de brinquedos pequeno e locais onde se vende bebidas e comidas regionais, sendo locais de encontro de pessoas das mais diversas ordens econômicas

Contudo nessas festas de santo os lucros obtidos tem por objetivo fazer investimento na estrutura da própria comunidade, quando estes são apresentados como parte do resultado final pela diretoria da festa que é decidido em comum acordo com os moradores das localidades, bem como entregar parte dos recursos adquiridos as paróquias que são responsáveis pelos povoados. E quanto ao lucro particular fruto das vendas de pessoas da própria comunidade e de outros locais, este ajuda na renda familiar e no orçamento do mês, sendo frutos de solidariedade de pessoas que visitam a festa ou até mesmo da própria comunidade. Assim em todas essas atividades que tem por objetivos gerar lucros acontecem relações sociais entre os envolvidos, na compra de produtos e nas próprias formas de abordar o comprador desses objetos vendidos.

3. DA REALIZAÇÃO FESTIVA A SÃO JOSÉ OPERÁRIO

Este capítulo faz discussões sobre os sentidos que devotos, moradores e visitantes atribuem a festa do santo padroeiro, contemplando o terceiro objetivo da pesquisa. Neste sentido versa sobre as dimensões históricas, simbólicas e sociabilidade que foram percebidos na pesquisa.

3.1 – Dimensão histórica da festa

A festa de São José Operário na Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru está relacionada com a origem da localidade, onde moradores festejavam primeiro São Sebastião que era santo de promessa e devoção da família Andrade. Este processo teria recebido intervenção da igreja católica de Parintins, na zona rural desse município, na década de 1960, época em que possivelmente ocorreu a fundação de comunidades católicas na região, como sinaliza (CAMPOS,1995). Tal situação é relatada por um entrevistado.

Bom, depois de a comunidade ser fundada na década de 1960 ainda se passou um tempo, [...] e o padre Luciano pároco do Sagrado Coração de Jesus achou por bem, como São Sebastião na época era festejado da família Andrade, santo que eles eram devotos e tinham uma crença muito grande na imagem ao santo. O pároco achou por bem escolher outro para torna-se padroeiro da comunidade. Daí para frente passou a ser São José Operário que na época era muito participado pelos comunitários e pela família Andrade [...], e com isso foi crescendo suas dimensões enquanto crenças (Manuel Soares de Andrade, 58 anos de idade, entrevista do dia 29/10/2015).

Percebemos na fala do Sr. Manuel que a festividade do santo padroeiro estaria relacionada com o processo de fundação enquanto comunidade católica que estava ligada diretamente a Prelazia de Parintins, na década de 1960. Para Campos (1995) os religiosos acreditavam que era preciso fundar essas comunidades para aproximá-las da igreja oficial. Porém, havia na localidade pessoas que praticavam o catolicismo popular, cultuando São Sebastião, fato que gerou num primeiro momento estranhamento e resistência por parte dos moradores com a chegada do novo santo.

Para o senhor Manuel Soares a festividade naquela época era mais voltada para disseminar a religiosidade, pois comunitários com o passar do tempo passaram a ser devotos de São José Operário, que aos poucos foi substituindo o primeiro santo, a

pedido do padre responsável pela paróquia do Sagrado Coração de Jesus que era ligada a antiga Prelazia de Parintins.

Neste sentido depreende-se que as pessoas da Terra Preta começaram o a fazer devoção a santidade para receberem graças e proteção, certamente influenciadas pelos princípios católicos que eram ensinados na localidade. Porém como destacamos no primeiro capítulo o santo de promessa São Sebastião não deixou de ser cultuado pelos moradores, sendo considerado pelas pessoas que vivem na localidade outro protetor. Tal fato é justificado por que as pessoas que vivem nesses povoados precisam dessas santidades para protegê-los de situações que causem problemas para suas vidas (GALVÃO, 1976).

No início dos festejos a São José Operário nas décadas de 1960/70 as práticas religiosas eram bastante perceptíveis, pois padres e os representantes da igreja na comunidade acompanhavam de perto o desenvolvimento da Terra Preta e do ato sociocultural, criando para isso grupos de leigos que eram considerados apoiadores nessas localidades, com o objetivo de transformar os comunitários em católicos praticantes e que devessem respeito aos religiosos e a igreja católica da cidade, como sinaliza (CAMPOS, 1995). Para exemplificar essa situação uma entrevistada ressalta que:

No início da festa a parte religiosa era muito mais participada, tinha mais participação dos comunitários, e com isso a gente via um crescimento muito grande, até por causa da congregação mariana que liderava a comunidade e as senhoras do apostolado que ajudavam na propagação do catolicismo e da fé cristã, era assim a participação nas novenas, nos círios e nas procissões do santo padroeiro, muito diferente do que é hoje, que tem torneios de homem e de mulher no futebol, e o baile com festa dançante, atraindo muita gente né (Genilde Batista Prestes, ex-moradora da comunidade e participante da festa, 75 anos de idade, entrevista do dia 27//09/2016).

Nessa entrevista percebemos que a festa com o passar das décadas foi agregando, além das práticas religiosas, outras experiências socioculturais como os torneios de futebol masculino e feminino, festa dançante retratada na imagem abaixo, venda de bebida alcoólica no bar da festa, diferente das primeiras décadas, que apesar de apresentar momentos de lazer e divertimento, estava mais voltada às celebrações religiosas.



Figura 9: Cantor de bolero de Parintins animando o baile.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, 2015.

Mas por quais motivos ocorreram essas mudanças no ato festivo? Seria pela chegada da modernidade ou de outros valores que foram repassadas para as novas gerações? Para tentar compreender essas mudanças na estrutura festiva dos anos de 1960/70 para os dias atuais, um membro da família Andrade que participa a 35 anos dos festejos apontou que:

A festa de antes era muito diferente dessa que é realizada atualmente, em vários sentidos por que hoje nós temos a energia do gerador local e tem o “Luz para todos”¹⁰, antes nós não tínhamos essa energia, a nossa festa era iluminada com lamparina, então era uma coisa muito simples né....e que a gente, depois veio lampião a gás e petromax, então tudo isso aí a gente usou aqui para iluminar os dias de festa. Hoje a coisa mudou muito e a participação também, você ver aí que é uma coisa moderna, bem diferente do que era no passado, novos valores e outras situações também [...] Antes já existiam pequenos torneios, festinha dançante que não era ainda com aparelho, tinha a eletrola que ela colocava e aí se fazia a festa, ou então na música mesmo regional daquela que trazia o violino, o cavaquinho e o violão, era assim que era a festa antes, mais ou menos há 30/40 anos atrás, que nem se compara com a festa de realizada hoje. Por isso que eu acho importante registrar esses acontecimentos, pois daqui a pouco pode se perder, pois as novas gerações da comunidade não sabem dessa história da nossa festa (Raimundo Lima de Andrade, morador da comunidade, 62 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

¹⁰ - Programa do Governo Federal que chegou na comunidade de Terra Preta por volta de 2011 que fez com que a localidade tivesse energia 24 horas por dia, sendo que muitas vezes acontece imprevistos, mas que são solucionados pelos funcionários da empresa responsável ou pelo gerador da escola da comunidade.

Esta entrevista aponta possivelmente que a festa ganhou proporções com o decorrer do tempo, preservando atividades realizadas no início dos festejos e acrescentando outras, como por exemplo: a animação do baile que antes era realizada com instrumentos que não são mais utilizados, uma vez que, nos dois anos que presenciamos a prática festiva, quem fez a animação foram bandas musicais oriunda da cidade de Parintins, patrocinadas em parte por alguns políticos e pelos moradores da localidade, mostrada na imagem.

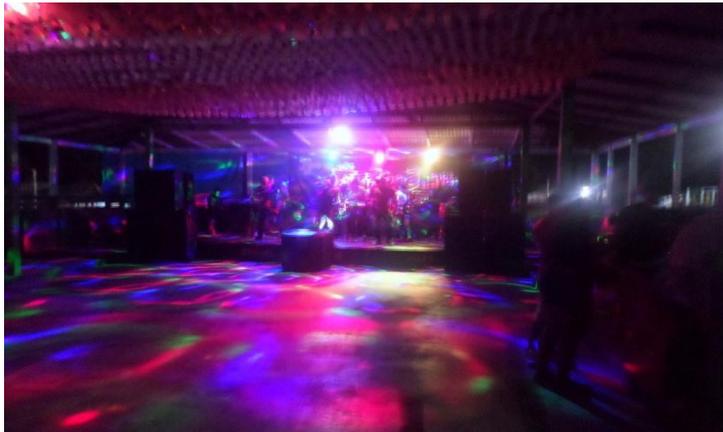


Figura 10: banda da cidade de Parintins antes do baile começar.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, 2016.

É importante salientar que o entrevistado Sr. Raimundo Lima chama a atenção para registrar a história da festa, uma vez que, ela pode se perder com o tempo, pois os mais jovens da comunidade quase não conhecem como tudo teria começado. É nesse sentido que Pollak (1989) destaca que no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento, ficando assim para sempre nos registros históricos.

Complementando a importância da festa para os moradores da Terra Preta e devotos do santo, o senhor Raimundo Lima acrescentou que se por algum motivo ela deixasse de ser realizada, sentiria uma tristeza muito grande, deixando a própria comunidade em dívida com o santo, o que levaria os comunitários a ficarem sem proteção, pois essa realização sociocultural é considerada tradicional naquela localidade.

Se a festa deixasse de ser realizada iria trazer uma tristeza muito grande, por que através da festa de São José a gente se sente alegre, se sente feliz por que nós estamos festejando um santo que a gente recebe muitas pessoas que venham para participar junto conosco e,

mesmo por que é a nossa tradição que nossos antigos deixaram que hoje a gente não pode deixar de acabar. Então para mim se a festa acabasse [...] poxa vida iria ser um vazio muito grande que iria acontecer nesse lado aí e a comunidade ficaria em dívida com o nosso protetor (Raimundo Lima de Andrade, morador da comunidade, 62 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016) (grifo nosso).

Esta fala evidencia a necessidade de preservação da tradição, uma vez que muitos atribuem sentidos históricos ao evento sociocultural, fazendo parte da própria história das pessoas da localidade, é emblemática a fala também por que traz a retórica da perda, ou seja, evidencia o sentido de preservação, a necessidade de fazer com que a história e a própria festa não acabe algum dia, pois caso haja essa ocorrência a comunidade de maneira geral viria desenvolver um sentimento de perda de uma tradição que vem há décadas ocorrendo.

As festas vão transformando-se com o passar do tempo, como aponta Rita Amaral (1998) quando estudou diversas festas no Brasil, notando algumas diferenciações das anteriores para as atualizadas, no que concernem as suas características de realização e organização. Parece que as mudanças na festa de São José são por vários motivos: poucas oportunidades de lazer, a inserção de novos valores culturais pelos jovens, a própria vinda do Programa “Luz para Todos” que colaborou para usos de eletrônicos pelos moradores: aparelho DVD que fez com que ouvissem com maior frequência músicas de todos os ritmos, televisores que deram acesso as informações do mundo e de outras partes do Brasil e, a própria implantação de objetivos lucrativos, reinventando a forma de organizar e fazê-la, com intuito de atrair mais pessoas.

Olha! Acredito que essas mudanças se deram por causa da modernidade né [...] da chegada do programa “Luz para todos” que fez com que a gente ouvisse com frequência vários ritmos, mas é claro que essas transformações não são de hoje, mas de algumas décadas atrás, principalmente quando colocamos objetivos lucrativos a festa (Manuel Soares de Andrade, participante da festa, 58 anos de idade, entrevista do dia 29/09/2015).

Ainda sobre as transformações ocorridas na festa umas das primeiras moradoras da Terra Preta, afirma que essas mudanças também foram influenciadas

pela implantação dos objetivos econômicos na década de 1980 que fez com o lado social ganhasse impulso no decorrer dos dias festivos.

Hoje mudou muita coisa, a festa começou a ganhar sua dimensão por que aí já se fez um projeto, de criar uma comissão na época que fazia a organização que tinha o presidente, o secretário e tesoureiro, na década de 1980. E ai essa comissão da festa até hoje ela se mantém, por que já se criou para buscar parceria com políticos, amigos da comunidade aonde se doava uma série de objetos pro leilão para o bingo e com isso a gente fazia aqueles leilões, que ocorre até hoje, apesar de que já caiu muito nesse período, e assim nós angariávamos mais recursos, ajudando no lado lucrativo que passou a ter bastante importância para o decorrer da festa. Fazia-se na parte social o torneio de futebol e depois o baile dançante em um barracão ao lado da escola de chão batido, mas não se compara com os dias atuais, pois não tinha instrumentos musicais eletrônicos como hoje para animar o baile, mas um pequeno grupo de pessoas que tocavam cavaquinho, violão, bumba e violino que animavam as festas, no interior de Parintins (Genilde Batista Prestes, ex-moradora da comunidade e participante da festa, 75 anos de idade, entrevista do dia 27/09/2016).

É notório em algumas entrevistas que quando se referem ao início festivo, os entrevistados valorizam mais as coisas sagradas, sabendo que situações que fugiam a religiosidade também aconteciam, mesmo não sendo reconhecidas em muitos casos. Pelo que parece às transformações festivas começaram a modificar-se com a maior valorização dos momentos sociais que passaram a ser mais praticados a partir da década de 1980, onde se colocou além dos objetivos religiosos, o lucrativo e, a própria festa passou a ser vista como forma de sociabilidade entre os participantes.

Assim uma parcela de devotos e moradores da comunidade e, até mesmo de outras localidades rurais e da própria cidade Parintins, envolveram-se na organização da festa de santo, um pouco diferente das primeiras que foram realizadas, que eram apenas os comunitários que faziam acontecer.

Contudo podemos elencar que a festa provavelmente tem dimensão histórica, pois moradores e devotos lembram-se da origem que está relacionada à presença da igreja católica, sendo considerada como um dos fatores decisivos, tanto para o estabelecimento da festa, como para o desenvolvimento de uma criação de uma identidade comunitária. O início dos festejos liga-se com a institucionalização da comunidade enquanto católica. A pesquisa mostrou que a festa foi ganhando

proporções maiores por causa da implantação de objetivos lucrativos, pois para atrair mais pessoas foi necessário valorizar as práticas sociais e, também com a chegada do Programa Luz para todos que colaborou substancialmente para utilização de novas tecnologias. Outro fator que nos levaram a perceber os sentidos históricos da festa é que os moradores da Terra Preta atribuem a esta sentimento de tradição da localidade, fazendo com que sintam a necessidade de continuar sua realização para que não quebre esse ciclo de realização e querem que as características festivas anteriores e atuais não caiam no esquecimento, e assim reforçam o sentido de valorizar e registrá-las.

3.2 – Dimensão simbólica da festa

As festividades de santo apresentam símbolos e manifestações simbólicas significativas para a vida em grupo e sociedade. Esses se constituem de igrejas, imagens de santo, terços, velas e, situações como missas, procissões, casamentos, batizados, espaços e tempo, todos tendo sentidos importantes para as pessoas que vivenciam essas festas religiosas (ALVES, 1980; GALVÃO, 1976).

As festas são constituídas também de momentos profanos, conhecidas como práticas sociais: os jogos de futebol, bailes dançantes, namoros e vendas de bebidas, não sendo qualquer atividade do cotidiano, mas situações que fazem parte do cenário festivo, funcionando como extensões do sagrado (MAUÉS, 2011). É nesse aspecto que nessas temporalidades os sentidos fazem com que essas festividades não sejam apenas simples momentos de alegria, lazer e entretenimento, mas de fé e religiosidade cristã.

Assim apresentamos os símbolos e as manifestações simbólicas da festa de São José Operário na Terra Preta. No início das atividades festivas as práticas sagradas eram entendidas pelos comunitários possivelmente como a melhor forma de agradecer ao santo pelas bênçãos alcançadas, mas precisamente nas décadas de 1960/1970.

O pároco achou por bem escolher outro para torna-se padroeiro da comunidade. Daí para frente passou a ser São José Operário, que logo foi organizado os festejos a este santo que é muito importante para todos da comunidade, uma vez que **representa a santidade e o elo com nosso bom Deus, e assim foi crescendo a dimensão e a crença no santo**

padroeiro (Manuel Soares de Andrade, participante e devoto do santo, 29/10/015) (grifo nosso).

Dessa maneira moradores da comunidade iniciaram processo de devoção ao santo para receberem graças e proteção, atitude católica que a igreja prega com intuito de dogmatizar os povoados rurais. Na localidade pessoas deixam transparecer que a santidade protege-os de males que possam vir atingir suas vidas. É nesse sentido que ao fazerem cultos e festas, as comunidades amazônicas buscam proteção ou pedem graças a serem alcançadas (GALVÃO, 1976).

São tipologias festivas que apresentam vários espaços e práticas onde devotos¹¹ e participantes¹² atribuem sentidos, pois não são entendidos como simples locais do cotidiano, mas de devoção ao santo. Assim esses lugares representam muito mais do que referências geográficas ou físico-espaciais; configuram-se como centros também no plano simbólico (PAULINO, 2011).

A festa de santo padroeiro da comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru sempre apresentou espaços e momentos citados no parágrafo anterior, que no entender dos que participam são (religioso e social) que convivem harmonicamente, não sendo antagônicas, mas complementares como ocorre nessas festas de santo, como ressaltam (ALVES, 1980; GALVÃO, 1976; MAUÉS, 2011).

Nesse sentido, supostamente as próprias pessoas que vivem e viveram na localidade por muito tempo afirmam que todas as práticas acabam fazendo parte das atividades festivas do santo São José com sentidos diferentes e importantes para devotos e moradores da comunidade. Realizam-se nos momentos denominados de religioso/ social que ocorrem de maneira simultânea em alguns casos e em outros, em tempos diferentes não sendo vistos como antagônicos.

Nos dias festivos ocorrem pagamentos de promessas, algumas pessoas andam descalças com velas nas mãos, doam dinheiro e animais para serem vendidos e leiloados, com intuito de receber ou pagarem graças alcançadas.

Nos dias de festa o povo ta ali rezando, orando para esse evento tão grandioso que é a nossa festa [...] as pessoas fazem **promessas, um pouco diferente de antigamente como a gente via, mas sem perder o sentido né, andando com os pés descalços, doando dinheiro e animais**

¹¹- São pessoas que “tem devoção ao santo” (ALVES, 1980, p. 41).

¹² - São aquelas pessoas que se dirigem a essas festas de santo para brincarem, se divertirem, mesmo não tendo nenhuma devoção ao santo.

tudo para se sentirem protegido pelo santo. Outros deixam na hora mesmo das novenas sempre agradecendo ao santo certas quantias de dinheiro, animais como é o caso do seu Nizomar e, dar o próprio trabalho ao santo, como é da dona Dêni. Essas são as formas mais típicas de promessas que tem muitos significados para todos nós devotos e moradores (Denilson Batista Prestes, Ex-morador da comunidade e devoto, 42 anos de idade, entrevista do dia 29 de Setembro de 2015) (grifo nosso).

Na entrevista transparece como eles atribuem sentidos a festa, aonde determinadas situações tem valores simbólicos. O próprio ato de pagar promessa é simbólico, pois algumas pessoas vêm de outras comunidades e da cidade de Parintins fazerem doações em dinheiro, animais e prestar trabalho colaborativo na pensão da festa, como é o caso de dona Dêni, que praticamente todos os anos se desloca de sua residência na cidade para trabalhar na pensão, fazendo comida para vender nas noites de arraial. Esses atos acontecem para darem graças a santidade protetora, pois não podem deixar de pagar suas dívidas com o santo, pois se não fizerem sua parte a santidade deixa de proteger, como aponta (GALVÃO, 1976).

Ainda sobre os pagamentos de promessas realizados durante os dias festivos, o ministro da eucaristia evidencia que não se pode brincar com São José, pois ele cumpre com os pedidos, logo as pessoas também devem fazer sua parte, pois o santo pode castigar.

Alguns gados de um fazendeiro tinham se perdido fazia três dias e ele já estava sem esperança de encontrar, ai ele falou brincando “se São José fizer o meu gado aparecer, se encontrar meus bois, eu vou dar um para ele”, acho que ele falou brincando. Quando foi no dia seguinte ele estava se arrumando para procurar, ele olhou para a fazenda e eles vinham andando [...] chegou lá entraram no curral, tudo bem, ai ele chegou e disse, falei brincando, mas santo que está lá no céu é santo mesmo, ai eu perguntei por quê? Ai ele falou! Falei brincando, sem pensar. Ele manifestou sua santidade, mandando o meu gato de volta [...] **uma prova de que pagar promessa, fazer promessa tem que pagar, por que não é com a imagem aqui que a gente se compromete, mas com o santo que está lá no céu** (Jósimo Alquim de Andrade, Ministro da Eucaristia e filho dos fundadores da comunidade, 64 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016) (grifo nosso).

Todos esses atos simbólicos e práticas católicas acabam sendo momentos aonde os sentidos religiosos florescem nas festas de santo na Amazônia e nas suas práticas cotidianas. As promessas não são feitas só pela volta de animais perdidos, mas também pela cura de doença e para boa colheita, sendo realizadas tem que ser cumpridas, caso contrário o santo não ajuda mais da próxima vez (GALVÃO, 1976).

Durante observações percebemos que na Comunidade de Terra Preta a festa inicia-se com as práticas católicas e atividades denominadas de sociais. No primeiro dia foi realizado o círio que abre a festividade, havendo pagamentos de promessas, solturas de foguetes chamando atenção de pessoas de localidades próximas que a festa estava começando. Os devotos saíram da igreja da comunidade, passaram pelo quadro comunitário da frente e detrás, foram até o campo de futebol, passando praticamente por todas as casas da comunidade, parecendo que estavam pedindo ou agradecendo a proteção dada pelo santo a localidade:



Figura 11: Círio da festa.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, 2015.

Eles levavam velas acesas, alguns estavam descalços, outros com a camisa da festa que tinha a estampa do santo na frente e carregando a imagem de São José, sendo a maioria da própria localidade, pois visitantes se deslocam a festividade apenas nas últimas noites festivas.

Nesses eventos igrejas, imagens de santos, bíblias, terços, procissões e velas são elementos sagrados com grande valor simbólico, pois tem ligações com as divindades. Existem espaços que recebem importância simbólica durante apenas a realização da festa: as vielas por onde passam círio e procissão, os próprios locais

que ocorrem o baile festivo e os torneios, pois não são atividades do cotidiano, mas fazem parte da festa do santo e tem forte ligação com o sagrado (ZALUAR,1983; MAUÉS, 2011).

Para exemplificar situação descrita acima, nos próprios jogos de futebol que o time São José da comunidade participou durante a realização da festa, fossem em amistosos ou torneios, os atletas que eram moradores da localidade utilizaram equipamentos com as cores do santo, pois acreditavam e acreditam que serão protegidos pela santidade, e assim teriam mais chances de vencer seus jogos e conquistar o torneio do santo.

Olha! Quando a gente joga partida de amistoso ou no próprio torneio do **santo a gente usa as cores de São José, até mesmo por quer o nome do time é São José, e assim nós jogadores e comunidade acreditamos que vamos receber as bênçãos no nosso santo**, por isso que você ver essas cores lindas do nosso santo protetor [...] e também por que a festa é do santo e o torneio também é do santo (Rosinaldo da Silva Prestes, morador e jogador do time, 28 anos de idade, pesquisa de campo 2016) (grifo nosso).

Percebemos que as atividades festivas têm ligação simbólica com o santo, ficando exemplificada quando o time da comunidade utilizou nos seus equipamentos as cores do santo, a roxa que significa penitência, fé, paciência e confiança, e também a cor branca que simboliza a pureza do coração de São José, como aponta (BESEN, 2011). Nos dois anos que estivemos acompanhando os torneios festivos o time São José não ganhou as premiações mais elevadas. Tal fato se justificava para alguns atletas e moradores, como nos relatou o senhor Abrão Cavalcante de Andrade que “os atletas precisavam ter mais fé no santo, acreditar nele mesmo, para podermos chegar ao ponto mais alto do torneio, ganhando as melhores premiações”. É nesse sentido que verificamos que o santo tem muita influência sobre a vida dos moradores da Terra Preta, pois acreditam que a santidade ajuda a protegê-los e a alcançarem seus objetivos, como vencer os torneios e as partidas como se verifica abaixo com o time vestindo as cores do santo na imagem.



Figura 12: time da comunidade no torneio, cores roxa e branca.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, 2015.

É nesse sentido que os elementos considerados profanos e seus lugares de realização durante a festa, não são considerados qualquer brincadeira, mas fazem parte da festa do santo, pois a festa não é algo rotineiro do cotidiano das pessoas que a vivenciam, mas algo extraordinário e simbólico que ocorre uma vez por ano (CAILLOIS, 1988; ALVES, 1980).

Em todas as dez noites festivas as pessoas se dirigiram a igreja, nas primeiras noitadas, apenas moradores da comunidade e no dia destinado ao torneio e baile a presença de visitantes oriundos de localidades próximas e da cidade de Parintins era notório. Nas novenas havia rezas do terço e pregações por parte do Ministro da Eucaristia e convidados. No ano de 2016 o pregador da novena veio de uma comunidade próxima, sendo o senhor João Batista que fez a pregação sobre o tema: “A família Santuário de Deus” e, do lema: “com fé e obediência de São José chegaremos a Deus”, que foram definidos anteriormente pela comunidade e pelo pároco de Nossa Senhora de Lourdes, momento mostrado na imagem abaixo.



Figura 13: Novena dentro da igreja.

Fonte: Gilciandro Andrade, Pesquisa de campo, 2016.

Pelas observações nesses momentos religiosos todas as pessoas que estavam dentro da igreja ouviam as palavras bíblicas em silêncio, respeitando as imagens do santo, de Cristo e Maria¹³ que se faziam presentes nas paredes do templo sagrado, pois estes são entidades divinas que protegem o povo dessas localidades amazônicas (GALVÃO, 1976; ALVES, 1980). Pelo que parece há também respeito simbólico com o pregador das novenas que se preparou para repassar os ensinamentos religiosos e suas experiências, relacionando com o tema e lema festivo.

Ao entrevistar uma moradora da Terra Preta, esta assegurou que a festa tem dois momentos importantes, porém demonstra na fala que os momentos religiosos são mais significativos durante o ato festivo, pois afirma que a festa é de santo, dando mais ênfase ao religioso, sem desprezar os momentos que ela denomina sociais.

A parte mais importante da festa é **a celebração da missa com batizado**, com a primeira eucaristia e outros sacramentos. Este é o ponto principal da festa do padroeiro, a celebração da santa missa na comunidade, esses momentos é o ponto principal da festa, pois representa uma simbologia que é o ponto forte de nossa festa, uma vez que **precisamos de São José intercedendo por nós comunitários e devotos junto de Deus**. Enquanto que a parte social é o complemento [...] isso tudo faz parte da nossa vida, pois o baile e os torneios são da festa né. **Agora temos que saber viver no meio disso, saber controlar e ter limite nas coisas que fazemos na**

¹³ - De acordo com os preceitos católicos ensinados pela igreja. Esta conclusão foi retirada em conversas informais depois do momento com os devotos do santo.

parte religiosa e social, que aí não afeta nada do nosso lado de filho de Deus, não afeta nada do que é sagrado e sim complementa a vida do ser humano (EmilianaAlquin de Andrade, fundadora da comunidade e devota, 84 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016) (grifo nosso).

A entrevista confirma a importância que os dois momentos: religioso e social têm durante a festa. Ela confirma que viver entre as duas práticas tem que ter controle e limite para que o social não gere problemas na vida espiritual das pessoas, pois considera importante por serem filhos de Deus e devotos do santo. Também evidencia a crença na intercessão do santo junto do ser supremo, acreditando que ele protege a comunidade, as famílias, sendo elo com a divindade maior, demonstrando assim o poder que a santidade tem sobre as pessoas que os tenham como seu protetor.

Percebemos na entrevista anterior que a senhora também dá ênfase para as práticas consideradas sociais, como sendo algo essencial para a vida do ser humano, fazendo com que os dois momentos existissem em um só tempo da festa, com suas manifestações simbólicas, sem antagonismo, como destacaram (ALVES, 1980; GALVÃO,1976) sobre essas festividades na região amazônica.

Durante a festa foi comum presenciar pessoas que eram devotas a santidade ajoelharem-se na sua frente, tocando no objeto e fazendo suas orações. Porém a imagem do santo não é apenas um objeto, mas algo muito maior e simbólico, não sendo uma simples matéria contida no andor, mas como se a divindade estivesse presente ali (ZALUAR, 1983), é por isso que os sentidos fazem com que devotos de São José percebam que a estatueta tem alto valor simbólico, que vai além de um simples objeto.

Olha! A imagem não é um simples objeto de madeira ou outra coisa assim, ela representa o nosso santo protetor, nós a reverenciamos e respeitamos muito a nossa santidade todos os dias, nos cultos e celebrações do cotidiano e na própria festa, que é para ele né. Assim cuidamos dela, pois é o santo que está ali (EmilianaAlquin de Andrade, fundadora da comunidade e devota, 84 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).



Figura 14: Pessoas pedindo bênçãos ao santo dentro da igreja.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de Campo, 2016.

Essa situação de devoção acontece nas localidades rurais da região por que as pessoas acreditam que o santo protege-os e intercede ao ser supremo, trazendo saúde e melhorias para todos que vivem nesses povoados (GALVÃO, 1976). Reforçando o que analisamos anteriormente algumas pessoas acreditam que o ponto alto da festa são os momentos religiosos.

Pra mim a festa de São José Operário **representa o ponto alto da minha vida, da minha família**, por que eu sempre estou ai colaborando e me pedem para ajudar, fazer um trabalho na igreja, fazer as novenas, então se torna um ponto alto da minha vida familiar por que eu falo diretamente para as famílias, então eu vejo assim que **é um ponto positivo para minha vida, para a vida da minha família, pois o santo nos protege e a própria comunidade**, então os momentos mais importantes para mim são as celebrações religiosas, sem desconsiderar o social ne! (Jósimo Alquim de Andrade, Ministro da Eucaristia e filho de um fundador da comunidade, 64 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016) (grifo nosso).

É nesse sentido que reafirmamos que a festa de São José Operário é vista como momento para prestar devoção ao santo protetor da comunidade, uma vez que, quando chega à sua época praticamente todas as famílias que fazem parte da localidade se envolvem na mesma, sendo constatado na entrevista do senhor Raimundo Lima e durante observações.

Olha! hoje eu sou devoto do Santo, eu gosto do santo, amo o santo e venero o santo. De um certo tempo já da minha vida eu passei a ter essa fé

muito grande e eu sou uma pessoa que faço as minhas coisas mesmo de coração, com amor, as vezes participando da diretoria ou até mesmo ajudando na organização da festa, e assim acredito ter a graça de Deus e do santo, eu sinto isso, quanto mais eu faço ai essas coisas, mais eu me sinto bem na minha vida e na minha caminhada. **Esses motivos também são de outras pessoas para ajudar na organização e na realização da festa, é só conversar com todos aqui da Terra Preta, pois é um momento de agradecer e prestar devoção a santidade** (Raimundo Lima de Andrade, morador da comunidade, 62 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016) (grifo nosso).

Essa fala esclarece e confirma que pessoas da comunidade acreditam que fazendo tarefas na festa do santo padroeiro, elas receberão bênçãos, a vida ficará melhor, sentem-se bem, e ficam protegidos dos males sociais e naturais. É nesse sentido que concordamos com Alves (1980) quando elenca que durante as festas religiosas na Amazônia, a devoção individual ou comunitária se faz sentir sobre as imagens dos santos católicos, aonde devotos confiam que são consideradas patronos e protetores dos homens amazônicos, sendo talvez o motivo de tanto apreço dado a São José por seu Raimundo Lima.

É assim que organizadores e colaboradores da festa acreditam que se dedicando plenamente a sua realização o santo poderá ajudar nas suas realizações do cotidiano, ou até mesmo capazes de realizarem milagres frente a problemas que poderão vir acontecer, como apontou dona Emiliana.

A festa também é um momento de agradecer as bênçãos alcançadas no nosso cotidiano, como por exemplo: quando conseguimos atingir nossos objetivos numa caçada, pescaria, ou até mesmo quando a comunidade fica em paz, nós acreditamos que São José nos ajuda nessa empreitada. Às vezes até mesmo o momento festivo sabe [...] serve como forma de pedir ao santo que ele possa combater males da natureza, uma seca grande que mata nossos peixes, um próprio temporal que às vezes cai raio na nossa comunidade por causa das castanheiras e, a festa é um momento para agradecer as coisas boas recebidas (Emiliana Alquin de Andrade, fundadora da comunidade e devota, 84 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Outra situação bastante simbólica na comunidade durante os dias festivos é a presença do padre que apenas aparece na localidade numa data previamente definida com a diretoria. Nesse dia, não pode haver venda de bebida alcoólica e atividades

que os moradores entendem como sociais, sendo que, para a igreja são coisas profanas, permitindo assim apenas as práticas sagradas. Tal situação ocorre desde o início até a atualidade, pois a comunidade é acompanhada pelos padres das paróquias responsáveis e por aqueles que representam a igreja na localidade e, assim cobram da comissão organizadora do evento e da diretoria da Terra Preta.

É bom ressaltar [...] no dia que o padre vai até a comunidade, não pode haver venda de bebida, festa dançante, apenas atividades religiosas, como: batizados, a primeira comunhão, ou até mesma a realização da crisma. Agora isso acontece um único dia durante a realização da festa, quando ele não está o ministro da eucaristia acompanha o desenrolar da festa. (Manuel Soares de Andrade, ex-presidente da comunidade, 58 anos de idade, entrevista do dia 29/09/2015).

Essa entrevista demonstra que a viagem do padre num determinado dia festivo a comunidade é bastante simbólica, pois a igreja tenta impor seu poder sobre moradores e devotos, quando afirma que as coisas sagradas não podem se misturar com as profanas, fazendo com que a festa seja um ato sociocultural em que a instituição religiosa tenta fortalecer seu poder simbólico sobre aqueles que participam do evento, como aponta (BOURDIEU, 2007).

Nesse sentido os religiosos estabelecem que o profano não faça parte das coisas de Deus e tentam valorizar o sagrado, entendendo que o primeiro é negativo a vida do cristão, sendo uma forma de exercer o poder sobre a comunidade e de demarcar/valorizar o espaço do sagrado. No entanto, pelas observações, moradores e devotos procedem de maneira diferente nos dias festivos, não observando os dois momentos como antagônicos, mas como complementares

Para exemplificar situação descrita acima, nos anos em que pesquisamos a festa, o padre da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes compareceu apenas um dia na comunidade para realizar batizados e casamentos, sendo que nesta data não deveria haver por determinação da diretoria festiva a venda de bebida alcoólica no quadro da comunidade. Porém nos dias destinados aos eventos sagrados, algumas situações nos chamaram atenção, pois observamos participantes dos festejos, entre jovens e idosos comprando bebida alcoólica em residências específicas na localidade, para consumirem durante o dia e no arraial a noite, desrespeitando a ordem da

paróquia e dos próprios organizadores que proibiram essa prática nesse dia específico¹⁴.

Assim podemos pontuar que São José Operário representa a santidade que devotos e moradores da Terra Preta, na sua grande maioria, querem para suas vidas, tendo como exemplo de pai. É um evento sociocultural que não deixa de ser um culto ao santo envolvendo práticas sagradas e profanas que são vistas como complementares, pois representa dever religioso de devotos e moradores que se envolvem com a festividade, sendo um elemento de ligação simbólica com a santidade cultuada, que por sua vez, faz ligações com o ser supremo.

Contudo as entrevistas e observações nos indicaram provavelmente a festa representa muito para os participantes, principalmente para devotos e moradores, pois marca a identidade comunitária, católica e festiva. Fazem-se presentes elementos altamente simbólicos que reforçam a relação de grupo, de pertencimento a um determinado lugar, tendo a proteção de um ser espiritual a quem se deve celebrar em gratidão, pelo espaço vivido e pelas relações estabelecidas. Esta forma de representar não fica restrita à comunidade, pois pessoas de outras localidades comparecem para testemunhar e confirmar tal sentido simbólico, pois, há aceitação interna e externa.

3.3–Dimensão sociabilidade festiva

Está cada vez mais evidente que os povos da Amazônia rural não vivem isolados no tempo e no espaço, pelo contrário, sempre estabelecem relações de trocas culturais e sociais entre comunidades durante as festas de santo. Nesse sentido essas manifestações reproduzem a vida cotidiana e situações que acabam sendo momentos que ocorrem uma única vez no ano, tornando-se dias excepcionais para aqueles que vivem. É nesse sentido que os eventos festivos nesses povoados apresentam relações sociais que chamamos de sociabilidade festiva por tratar-se de um termo largamente utilizado pelos informantes e participantes da festa.

Para compreender esses grupos sociais constituídos nas comunidades rurais é preciso conhecer seu cotidiano, é necessário considerar o contexto harmônico e contraditório no qual estão inseridas suas relações. Porém entender o modo de vida de grupos sociais amazônicos não significa apenas conhecer e descrever as riquezas

¹⁴ - Resolvemos não colocar as imagens dessas observações para não comprometer as pessoas que estavam fazendo tal prática, uma vez que a foto explícita o rosto e as casas onde eram vendidas tais bebidas.

dos seus recursos naturais, mas, sobretudo, compreender seus valores socioculturais e as relações que esses povos estabelecem entre si.

A festa a São José Operário é entendida possivelmente pelos sentidos dos participantes como forma de sociabilidade, aonde os envolvidos ficam extasiados, alegres por reverem amigos, paqueram, namorarem, tomarem suas cervejas, participarem dos atos religiosos e das práticas sociais. No momento em que tais relações ocorrem está operando o que Nobert Elias (1994) delega como sociabilidade que existe em qualquer grupo humano, podendo ser harmônicas ou conflituosas.

Notamos que as relações pessoais construídas na festa, nos dois anos de pesquisa foram harmônicas, sem deixar de registrar pequenos conflitos que foram logo resolvidos. É nesse sentido que Elias (1994) destaca que a vida dos homens em sociedade e nas pequenas comunidades não é totalmente harmônica, havendo desavenças e conflitos, gerando tensões entre os agentes que são resolvidas na medida do possível por seguranças comunitários.

A palavra festiva volta-se para atividades que ocorre à sociabilidade, como por exemplo: danças, namoro, conversas, confraternizações, torneios masculino e feminino, as atividades religiosas e nos preparativos festivos acontecem às formas de relacionamento. Para Amaral (1988) essas festas de santo geram relação de sociabilidade entre os participantes, pois pelo que parece igualavam-se momentaneamente. Os participantes desses atos socioculturais parecem não se importar nos dias festivos com situações que em dias normais gerariam diferenças e conflitos.

A rede de sociabilidade festiva pelo que as entrevista e observações nos mostraram começa com a organização do próprio evento, aonde são escolhidas comissões que lideram os preparativos, na sede da comunidade, envolvendo famílias, geralmente num dia de Domingo, quando se realiza reunião. Em alguns anos ocorrem no mês de Dezembro, outros no final de Janeiro. Nesse evento coletivo as pessoas ficam alegres por estarem tratando da festa de seu santo padroeiro, em algumas ocasiões são presenciados conflitos pela escolha, mas que ao final tudo é resolvido, chegando ao objetivo central que é a escolha dos responsáveis pela direção festiva.

Após essa definição começa os preparativos para a divulgação da festa através dos folders que são preparados todos os anos com o objetivo de apresentar a festa aos patrocinadores e a cidade de Parintins, sendo retransmitidos pelos avisos

nas rádios locais ou entregues diretamente nas casas comerciais e particulares que às vezes ajudam no patrocínio da festa, gerando uma rede de relações sociais em torno do acontecimento festivo.

Nos folders estão contidas informações sobre os dias que serão realizados a festividade, bem como o convite as outras comunidades adjacentes para que possam participar e terem momentos juntos na localidade, congratulando-se e divertindo.

Em forma de reunião, se escolhe um grupo que vai trabalhar. Essa pessoa escolhida ela fica representante de forma a sua comissão, então ela é de modo disponível, a pessoa se dispõem a trabalhar pela comunidade e aí o comunitário vai organizar sua comissão, e vai entrar outras comissões e vai reunir também os representantes do grupo que é esporte masculino, feminino e outras direções da comunidade como a catequese, agente de saúde, e outros comunitários também tem a autorização de optar na hora da escolha do representante da comissão. Quando isso não acontece à coordenação da festa, da comunidade mesmo, fica responsável pela festa. **A partir daí as comissões são definidas e, posteriormente elabora-se o folder com as informações para ir as rádios de Parintins convidar os amigos da cidade e de outras localidades rurais para que possam vim ajudar, mas também brincar, divertir e sociabilizando aqui conosco** (Aldenor de Oliveira Teixeira, organizador e participante da festa, 30 de Abril de 2016) (grifo nosso).



Figura 15: porto da comunidade no dia de festa que tem baile e torneio.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo.

Na imagem aparecem barcos que vem de várias comunidades e da própria cidade de Parintins, sendo resultado dos convites transmitidos pelas rádios para participarem da festa. Toda preocupação dos organizadores em divulgar a festa, parece está relacionada à necessidade de dar visibilidade à comunidade, através da festividade. Sendo assim as realizações e divulgações do evento de certa forma apresentam a comunidade ao meio externo, projetando-a para as demais comunidades e até mesmo para a sede do município. Desse modo a utilização dos

meios de divulgação é também para dar visibilidade externa à festa e a própria localidade, atraindo assim mais participantes externos. Esses visitantes vêm pelos dois momentos, sem visualizarem antagonismo entre eles. Assim aqueles que são devotos vêm mais pelos momentos religiosos, sem deixar de participarem de atividades esportivas/lazer e, outros que consideramos a maioria vêm pelo social (profano) sem desvincular que é uma festa de santo.

Nesse sentido, visitantes e devotos de outras comunidades aguardam ser convidados, porém nem sempre acontece, não fazendo com que essas pessoas deixem de visitar a localidade, até mesmo por que esses visitantes vêm à festa com intuito de retribuírem visitas que a Terra Preta e seus times de futebol fazem a essas comunidades adjacentes.

Olha só, pra virem, é uma parte mais por causa do torneio, quando a gente coloca uma premiação grande assim de uns 2 mil reais, as pessoas de outras comunidades sempre vem mais pra conseguir aquele prêmio que é divulgado nas rádios de Parintins e também para dançarem no baile, assim o pessoal vem mais por causa daquele dinheiro que a gente coloca na premiação e da festa em si, sempre, todo ano é isso, a maioria vem; e também porque a gente sai muito nas comunidades, **a gente gosta de ganhar visitas deles**, aí quando é pro outro ano eles **estão animados pra virem pra nossa festa pagarem as visitas**. É claro que tem alguns que vem por causa da parte religiosa, mas é a minoria, outros vem por **que gostam de rever os amigos e por causa da festa em si, a alegria e amizade que muitos tem de nós aqui, ou seja, a parte de sociabilizarem mesmo conosco** e nós temos uma boa relação com os visitantes e entre nós mesmo aqui da Terra Preta (Rosinaldo da Silva Prestes, morador da comunidade, 28 anos de idade, pesquisa de campo 2016) (grifo nosso).

Percebemos num primeiro momento que as maiores motivações para a vinda de pessoas a festa são as premiações dos torneios masculinos e femininos que passaram a ocorrer, desde o ano 2000, pois nas décadas anteriores, apenas acontecia o primeiro, outra seria o baile, principalmente se o grupo musical for bem conhecido na região. No entanto há outros motivos que precisamos elencar, pois parece que essas localidades rurais precisam está juntas, é como se houvesse a necessidade de manter uma relação social entre elas, causadas talvez pela distância ou isolamento. É nesse sentido que a festa de santo serve como momento sociocultural para reforçar e estreitar relações de sociabilidades entre comunidades rurais de Parintins.

Diante disso os povoados trocam relações socioculturais entre seus habitantes, fazendo com que essas sociedades e seus indivíduos existam a partir da presença do outro, como destaca (ELIAS, 1994). É nesse sentido que o autor sinaliza que um não pode existir sem o outro, ambos coexistem, ou seja, as comunidades

rurais precisam manter relações próximas e os moradores precisam de seus pares para conviver, havendo uma rede de relação entre esses povoados na Amazônia.

Percebemos assim que a sociabilidade festiva acontece por toda festa, sendo que nos primeiros dias comemorativos, a maioria das pessoas que se confraterniza no local festivo é da própria comunidade, colaborando com a organização e participando das celebrações religiosas e atividades de arraial: vendas de comida, bebida e bingos da festa que tem premiações variadas, doados às vezes por moradores e colaboradores da cidade de Parintins.

Nas próprias atividades que visam arrecadar fundos para ajudar na infraestrutura da comunidade e na renda familiar de quem tem suas vendas particulares, percebemos provavelmente a rede de sociabilidade, pois as vendas geram também solidariedade entre aqueles que vendem e aqueles que compram. A cada ano que passa os moradores decidem em reunião o que fazer com o dinheiro arrecadado, tanto das vendas de bebida, comida, leilão, torneios: masculino e feminino, príncipes e princesas e com o baile. Para tomada de decisão reuni-se a coletividade comunitária, anterior e posterior ao evento que decidirá os rumos a serem dados aos lucros festivos do padroeiro da Terra Preta.

Para exemplificar tal situação descrita acima, em 2015 o objetivo lucrativo da festa era melhorar a estrutura da igreja comunitária. Contudo em 2016 houve outra finalidade que serviria para comprar um terreno próximo a comunidade, como é descrita pelo entrevistado abaixo:

Bom, o objetivo esse ano da festa é pra comprar um imóvel, é um dos objetivos que a comunidade priorizou, junto com os comunitários reunidos e tiveram a idéia, pois a comunidade esta num espaço pequeno, e o terreno doado para diocese e essa parte já preenchida de casas. E então o que nós pensamos? Nós queremos expandir a comunidade e não tem pra onde expandir. Então o objetivo é comprar o terreno do seu Joaquim, pra expandir a comunidade pro lado de lá, tudo decidido em reunião sabe. Como você está vendo, esse processo de crescimento, com a chegada de energia, luz, e aí as coisas vão facilitando e mesmo que saía gente, chega gente, e mesmo os filhos dos próprios comunitários vão construindo família e não tem onde colocar esse pessoal. Por isso que o objetivo foi pensado, esse ano na festa. Mas também têm outros problemas que a comunidade pode está enfrentando, questão de recursos para o conserto do barco, também tem a situação da igreja que ano passado o dinheiro não deu para reformá-la. E tem outras situações também que os recursos podem ser redirecionados, dependendo do valor do lucro que a festa vai gerar (Aldenor de Oliveira Teixeira, organizador e participante da festa, 30 de Abril de 2016).



Figura 16: quadro comunitário, terreno ao fundo a ser comprado.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, Maio de 2016.

Em conversa com pessoas da comunidade nos meses posteriores ao término da festa no ano de 2016, constatamos que os recursos financeiros alcançados não foram suficientes para comprar o terreno mostrado na imagem, que era tão pretendido pelos comunitários que ajudaria na ampliação da localidade. Posteriormente, em reunião redirecionou os recursos para as melhorias da igreja e quadra de esporte.

O primeiro objetivo lucrativo de 2016 se justificava por que a comunidade não tem mais terrenos disponíveis para ampliar sua extensão, uma vez que, a localidade está crescendo bastante e, para que não tenha problema com as construções de novas residências, seria necessário que se disponibilizassem lotes de terras para venda junto às famílias que estão se formando para que possam ter suas próprias residências.

Para Alves (1980) essas festividades religiosas na Amazônia também ajudam os moradores dessas localidades na renda familiar, pois disponibilizam vendas de comidas, guloseimas e bebidas nas frentes de suas casas, aproveitando a presença de pessoas que vêm participar do ato festivo, que de alguma forma compram os produtos oferecidos.

É nesse sentido que os comunitários recebem pessoas de outras localidades para posteriormente venderem seus produtos no arraial festivo, com o intuito de ajudar no orçamento do mês, pois não recebem uma grande quantidade de pessoas para venderem seus produtos todos os dias do ano, mas sim, perante comemorações coletivas que envolvam outras comunidades rurais. Essa venda recebe permissão da

diretoria comunitária e da comissão organizadora da festa que autorizam em reuniões.

Toda vez que organizamos a festa, na reunião da comunidade é falado que cada comunitário que puder botar sua venda pra angariar seu próprio recurso, ele pode, atentando para os dias e o que é vendido. E aqui a gente vê que muitas pessoas vendem mingau, vendem churrasco, vendem pé de moleque, vendem outras coisas que é vendido aqui no interior mesmo, como cervejas; e esse recurso prevalece para as próprias famílias, ajudando no próprio sustento de nossos filhos, porque o meio da gente seguir a vida em frente aqui no interior. Isso é permitido porque os próprios comunitários é que fazem à festa, eles têm o direito de fazer a sua venda, por que se for pra deixar os outros de fora venderem, os próprios comunitários vendem, pois nós somos unidos, um tem que ajudar o outro (Abrão Cavalcante de Andrade, morador e vendedor da comunidade, 38 anos de idade, pesquisa do dia 17 de Setembro de 2016).

A entrevista demonstra a necessidade de alguns moradores buscarem alternativas para ajudar na renda familiar, organizando e preparando produtos que são muito conhecidos na zona rural para vender nos dias festivos. Essa venda minimiza mesmo que momentaneamente as despesas com os produtos básicos que precisam, ajudando na compra ou pagando dívidas na mercearia que têm na comunidade.

Na própria fala do senhor Abrão percebemos que há uma rede de solidariedade entre os moradores da Terra Preta durante as vendas na festa de São José, pois se unem com intuito de ajudarem na renda familiar, uma vez que sabem que não há empregabilidade para ajudá-los naquela localidade, como ocorre na maioria dos centros urbanos, entendendo que a economia da comunidade deve ser uma forma de solidariedade, fortalecendo e estreitando as relações entre os moradores.

É nesse sentido que Amaral (1998) afirma que o povo se apropriou da festa em benefício próprio, fazendo dela construções de relações e afirmações sociais, realizando com intuito de preencher lacunas deixadas pelo estado e pelas instituições sociais. Em outras acepções a festa acaba sendo uma forma dos moradores arrecadarem fundos para ajudar na estrutura comunitária, uma vez que esses povoados ainda são muito esquecidos pelo poder público, gerando também a sociabilidade entre os envolvidos.

Com relação ao dia voltado para as atividades que os moradores delegam como sociais, nos dois anos que pesquisamos não tiveram data fixa dentro das comemorações festivas. Assim atrasou-se um dia a data que se comemora o santo e,

no ano seguinte adiantou-se uma data, respectivamente, pois o dia do trabalhador caiu num Domingo, tudo isso para que possam ser realizadas no Sábado, uma vez que, oportuniza a vinda de pessoas de outras comunidades e da cidade de Parintins.

Nessa data específica centenas de pessoas vieram de outras comunidades próximas para abrilhantarem e sociabilizarem momentos de alegria e de devoção junto aos moradores da Terra Preta, pois o espaço da comunidade transformou-se numa efervescência social elevada, havendo troca de relações entre amigos, parentes, conhecidos e desconhecidos que viveram o dia destinado as essas práticas festivas.

Olha! Nós viemos da nossa comunidade pela festa religiosa do santo padroeiro, depois tem é os torneios, e outras atrações. Eu entendo que a festa religiosa é um meio da gente se confraternizar com os amigos que é onde a gente se encontra muitos amigos de outras comunidades, quer dizer ai a gente tem aquela confraternização entre amigos e ai essa festa religiosa é o encontro de pessoas, isso no dia do baile e torneio. Apesar de ser uma festa de santo, a gente sabe que a parte social influencia sim na vinda das pessoas. Não querendo tirar assim do santo e da festa religiosa, mas torneios e suas premiações e a banda faz parte principalmente para a vinda de gente de outras comunidades. Assim no momento em que nós ouvimos o convite e vimos uma premiação boa na rádio de Parintins, decidimos vir, pois a banda e a premiação do torneio são muito boas e que acabaram por influenciar nossa participação na festa, e também por que **a festa é muito importante para a gente, pois é um momento de confraternização, mas a gente entende que é também de respeito ao santo, pois ele tem que ser respeitado, tudo da festa faz parte das festividades do santo, e a gente sociabiliza com as pessoas daqui da comunidade** (Vanildo Santana Calafate, visitante de outra comunidade, 55 anos de idade, entrevista do dia 30 de Abril de 2016) (grifo nosso).

Na entrevista acima, evidencia-se que a vinda de visitantes de outras comunidades a festa, ocorre por ser uma festa de santo, levando em consideração os momentos sociais (torneio e baile) como o atrativo principal para a visita de outras comunidades da região rural de Parintins, sendo momentos de estarem juntos reunidos. Nesse sentido reforçamos a idéia de que os torneios e as bandas musicais influenciam diretamente para o sucesso quanto à participação de moradores de áreas adjacentes e distantes, não menosprezando as práticas religiosas, pois algumas

peessoas dessas comunidades visitantes participam da procissão ou só, da novena quando o dia 1º de Maio não cai no sábado¹⁵.

Porém o entrevistado parece entender que todas as atividades que fazem parte da festa são religiosas, sendo momentos em que as pessoas se confraternizam e tem boas relações de amizades e sociabilidade, como aponta (AMARAL, 1998). Assim centenas de pessoas, parentes, amigos e até desafetos de alguns moradores vêm de outras comunidades próximas e da própria cidade de Parintins para brincarem nos momentos das atividades esportivas, lazer e das celebrações religiosas católicas que a festa envolve.

É hoje, o que atrai mais o pessoal de fora a participar é a questão do torneio já no campo material, se colocarem um prêmio bom de valor de R\$ 1000/ R\$1500,00 chama a atenção de outras comunidades, fazendo com que eles venham brincar e tentar ganhar a premiação. Então quase [...] fica um pouco longe daquilo que a gente quer que é a parte religiosa, então a gente se eleva mais a parte material e social né, do que a parte religiosa, apesar de que algumas pessoas frequentam essa parte. Então eu vejo assim que as comunidades venham mais por isso, a questão do lucro né! Aí quando se coloca um prêmio de R\$ 2000,00 o pessoal vem em massa querendo ganhar o nosso prêmio e também participar da festa dançante, esta atrai muita gente, muito, muito mesmo (Raimundo Lima de Andrade, morador da comunidade, 62 anos de idade, entrevista no dia 30 de Abril de 2016).

Parece-nos que no dia do baile e do torneio essa sociabilidade fica aflorada com a chegada de pessoas que sobem o porto da Terra Preta. Assim nos dias 01 de Maio de 2015 e 30 de Abril de 2016, dias do baile, respectivamente, presenciamos a chegada de várias pessoas na localidade, desde as primeiras horas da manhã que chegaram com seus times de futebol masculino e feminino para participarem dos torneios à tarde. Estes foram bem percebidos pelos comunitários e coordenadores da festa, na área aonde encosta as embarcações, dando boas vindas e oferecendo suas próprias residências para ficarem durante as horas que ali estiverem presentes.

Pela manhã desse dia, nos dois anos que nos encontramos na Terra Preta, ocorreram amistosos com comunidades que vieram pagar suas visitas, com os times: masculino e feminino, havendo muita vibração e torcida por parte dos times que

¹⁵ - Quando o dia 1º de Maio não cai no sábado, o dia de torneio e baile dançantes é adiantado ou postergado para que esse dia fique com esse dia da semana, pois possibilita a vinda de pessoas. Acontece a procissão quando o dia do trabalhador cai no sábado, caso contrário é realizado na parte religiosa apenas uma novena.

jogavam o futebol na área conhecida como o campo São José. Por volta das 14:00hs os torneios de futebol começaram com bastante pessoas ao redor do gramado da localidade, torcendo e vibrando para que seus times fossem vencedores e assim ganhassem as premiações disponibilizadas pelas coordenações dos dois torneios que aconteciam simultaneamente, percebida na imagem abaixo:



Figura 17: Torneios de futebol: esquerdo masculino e, a direito feminino.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, 2016.

Nesse momento através de observações percebemos pessoas conversando, abraçando-se, rindo de situações que ocorriam no campo de futebol e vibrando firmemente pelos times de suas comunidades durante os torneios do santo, como é conhecido pelas pessoas que ali se encontravam. Nos anos de 2015 e 2016, presenciamos essas práticas esportivas e não verificamos brigas ou desavenças, apenas algumas reivindicações que eram resolvidas na beira do gramado, até mesmo por que nos avisos que saíram na rádio de Parintins, já chamavam a atenção para aqueles times que bagunçassem seriam excluídos do torneio sem direito a nada:



Figura 18: disputas de pênaltis das partidas que terminavam empates.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, 2016.

É evidente que conflitos nessas festas e comunidades rurais ocorrem como já aconteceu na festa de São José Operário, nos anos anteriores a pesquisa. Tal situação é justificada por Elias (1994, p.20) por que “a vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa”, levando a confusões por diversos interesses momentâneos, até mesmo por que nem todos se conheciam e não tinham laços de amizade, ficando mais propícias a esses fatos.

Nesse momento acreditamos que estava ocorrendo relações sociais entre os indivíduos que se faziam presente no campo de futebol, pois haviam regras a serem cumpridas delegadas pela comissão organizadora da festa, outras eram conversas, risos, xavecos e outras situações que ocorriam à beira do gramado. Para Elias (1994) nas sociedades a maioria das pessoas não se conhece, porém existe uma ordem oculta que não é perceptível pelos sentidos, porque cada pessoa nesse turbilhão faz parte de determinado lugar. Essa ordem é invisível, sendo uma rede de funções interdependentes pela qual as pessoas estão ligadas entre si tendo peso e leis próprias, mesmo havendo desavenças, pois as relações podem ser harmônicas ou conflituosas, como sinaliza este autor.

No ano de 2015, os times que foram campeões do torneio masculino e feminino vieram da comunidade do Maranhão, distante cerca de 1 hora de barco da Terra Preta, onde mulheres e homens ganharam as premiações no valor de R\$ 1.000,00, respectivamente. Em 2016 a equipe da comunidade do Máximo levantou a premiação mais elevada no torneio masculino e, no feminino foi à equipe da comunidade do Marajó do Rio Uaicurapá. Para Elias e Dunning (1994) o desporto

pode ser referenciado como uma prática entre os seres humanos que disputam individualmente ou em equipes, podendo ser realizado de diversas maneiras, isso traz um caráter de disputa ao desporto, onde os homens se confrontam desde os primórdios da civilização em busca da superação.

Nos dois anos as equipes vencedoras comemoraram com suas premiações à noite na própria festa de São José Operário, confraternizando e sociabilizando com pessoas de outras comunidades no arraial e no baile.

A gente fica observando quando as pessoas chegam na comunidade, elas se sentem alegre, elas se sentem felizes, a modo eu percebo que elas ficam soltas, e graças a Deus todo ano que a gente faz a festa, nunca as pessoas saíram se queixando, por que aqui elas são bem recebidas, elas vêm para se divertirem também, e a gente fica feliz por isso. Olha! No torneio, os times que são campeões gastam grande parte da premiação na própria festa à noite, como você observou quando esteve aqui, elas dançavam, namoravam, acho que estavam felizes e nós comunitários também sabe (Abrão Cavalcante de Andrade, morador da comunidade, 38 anos de idade, pesquisa do dia 17 de Setembro de 2016)..

Logo após, a esses momentos esportivos, algumas pessoas da comunidade dirigiram-se aos seus recintos e os visitantes as sua embarcações com objetivos de tomarem banhos para depois participarem do arraial. Outros sendo a maioria dos participantes permaneceram no bar da festa bebendo e conversando. Alguns se dirigiram até a pensão ¹⁶, objetivando a compra de comidas, uma vez que, a noite só estava começando para quem iria se divertir, situações demonstradas na imagem a seguir:

¹⁶ - Local da festa aonde se prepara os pratos de comida para ser vendido para as pessoas que geralmente veem de outras comunidades rurais e que ajuda no lucro da festa de santo.



Figura 19: Pessoas depois do torneio ao lado da pensão e do bar da festa.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, 2016.

No dia destinado a festa dançante em 2016, por volta das 22:00hs existiam bastante pessoas que estavam ao redor do centro social (sede)¹⁷ após a novena e arraial terminarem, essas encontravam-se arrumadas, paquerando, namorando, bebendo e dançando músicas, como: forró, lambada, calypso, brega, dentre outros ritmos musicais, apenas aguardando o início do baile. Possivelmente são nessas situações que a sociabilidade ocupa um lugar central, pois os grupos e pessoas marcam suas diferenças, expressam seu capital simbólico, sinalizam suas chances de poder, conferem sentido aos seus integrantes, apresentam suas semelhanças e fazem as relações acontecerem, pois o homem é um ser social e precisa da companhia do outro para se socializar, como sinaliza (ELIAS, 1994).

¹⁷ - Local que serve para reuniões da comunidade no cotidiano e na época da festa, de barracão para o baile dançante.



Figura 20: pessoas aguardando o baile começar.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo, 2016.

O baile dançante, por sua vez, iniciou por volta das 23:00hs no ano de 2016, aonde colaboradores vendiam ingressos no portão a preços populares para homens. As mulheres não pagaram a entrada e os aguardavam com charme, beleza e danças sensuais, chamando e sendo convidadas por seus pares para dançarem até o sol amanhecer. Dentro do salão aonde aconteceu os bailes, nos dois anos que acompanhamos a festa de santo, pessoas compraram mesas disponibilizadas pela comissão organizadora¹⁸ para tomarem suas cervejas, refrigerantes, paquerarem e se divertirem, observando os dançarinos, de acordo com os ritmos musicais que se alternaram durante a noite. É nesse momento que pessoas de todas as origens, classes e gêneros sociais se divertem nas festas rurais amazônicas, não havendo o que Wagley (1988) pontua como diferenças e hierarquias sociais entre os grupos que freqüentam a festa, mas havendo certa igualdade entre as pessoas.

Para Galvão (1976) são nesses momentos festivos de santo que toda a coletividade participa, não só na parte religiosa, mas também nos momentos sociais. É nesse sentido que na Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru visitantes e devotos oriundos da cidade de Parintins e outras localidades, congratulam-se, divertem-se e reforçam os laços de amizade e, ao mesmo tempo celebram homenagem ao seu santo protetor São José Operário, gerando a sociabilidade festiva, demonstrado na imagem:

¹⁸ - É comandada por um grupo de pessoas escolhidas pela comunidade, e com o aval do pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, que gerencia a festa e as comissões existentes durante a realização da festividade de santo padroeiro.



Figura 21- Pessoas dançando na festa dentro da sede.

Fonte: Gilciandro Andrade, pesquisa de campo.

Sendo assim provavelmente a sociabilidade festiva ocorre desde os primeiros preparativos da festa, aonde a comunidade se envolve, todos praticamente querem participar da organização, fazendo parte das comissões festivas, comandadas pela diretoria, que faz a divisão de tarefas. Logo, após a reunião que define os líderes, começa os preparativos para a organização e divulgação da festa, sendo vistas como momentos para dar visibilidade à comunidade e ao ato festivo, convidando as pessoas de outras localidades para se congratularem, divertirem e prestarem homenagem ao santo, gerando uma rede de relações sociais entre os envolvidos no evento. Essas conclusões vieram de percepções nas primeiras noitadas, aonde a maioria dos envolvidos era da própria comunidade: no círio, nas novenas e nas atividades de arraial, pois os comunitários sentiam-se bem unidos, juntos prestando homenagem ao santo e fortalecendo laços comunitários. Também nos parece que essa sociabilidade floresce ainda mais quando pessoas de outras localidades chegavam à Terra Preta, pois eram dadas boas vindas a elas, e ao mesmo tempo eram convidadas a compartilharem momentos de alegria e, até mesmo quando os moradores cediam suas residências para os visitantes ficarem durante as horas que estaria na comunidade. A rede de sociabilidade continuava com os eventos esportivos dentro e fora de campo, uma vez que, os times se respeitavam nas disputas para vencerem suas partidas, acontecendo no final de todos os jogos congratulações entre jogadores e torcedores, abraçando-se e desejando sorte no próximo jogo.

Assim sendo as trocas sociais entre as comunidades ocorrem talvez pela proximidade de parentesco, amizades e até mesmo por vontade de namorarem, estarem juntos conversando no bar da festa, dançando no baile festivo, ou no próprio

arraial e, nos momentos religiosos, pois há pelo que parece vontade coletiva de estarem próximos um do outro, pedindo proteção a São José Operário, fortalecendo as trocas socioculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender através da história da festa a São José Operário, a dinâmica das práticas festivas e os sentidos que os participantes atribuem ao ato. Para tanto foi necessário compreender o contexto que a festa foi organizada, desde sua origem até a atualidade, buscando entender os sentidos dessas práticas para moradores, devotos e visitantes.

Utilizamos a história oral temática como ponto de partida para a coleta de dados, sendo auxiliado pela observação participante para verificar o não dito nas entrevistas. Quanto às análises buscamos fazer leitura do material interdisciplinar dialogando com autores da História, Antropologia e Sociologia, para termos visões ampliadas sobre a festa. O instrumento metodológico da História Oral Temática contribuiu substancialmente para entendermos o objeto de estudo, uma vez que informações sobre a realização festiva nas primeiras décadas não foram encontradas em documentos de arquivos, imagens fotográficas e vídeos e, precisávamos de instrumento que nos trouxessem essas informações, daí pensamos nessa metodologia, aonde deixamos nossos informantes bastante livres para que essas informações fossem relatadas com interferência mínima do pesquisador, respondendo perguntas semi-estruturadas, sendo o ponto positivo.

Porém, percebemos que a história oral não trouxe todas as informações necessárias sobre a temática, pois como elenca Marieta de Moraes Ferreira esse método não nos fornece todos os dados, podendo ser auxiliado por outra técnica de coleta, sendo escolhida a observação participante. Nesse tocante o método apresentou fragilidade quanto a algumas informações que os entrevistados repassavam, mas que através dessa técnica de observação, utilizando as fotografias e relatos no caderno de campo, percebemos que na prática se comportavam diferentes, principalmente a relação da dinâmica das práticas festivas, aonde alguns entrevistados pontuavam como aconteciam, mas que na prática eram realizadas de forma diferente que as entrevistas relatavam.

A pesquisa foi desafiadora por que se tratava de um tema que achávamos que conhecíamos, pois há bastante tempo participávamos junto com nossa família, porém com o desenrolar das atividades tivemos que nos afastar ao máximo para entender os sentidos que as pessoas atribuíam às práticas festivas. Outra dificuldade foi que precisávamos dar olhar interdisciplinar sobre a situação de investigação e, por conta da nossa formação disciplinar, tínhamos a tendência de lançar estudos apenas com

olhar historiográfico, conflitos esses que, de certa forma, dificultaram o desenvolvimento do trabalho. Outra questão que nosso trabalho não deu conta de analisar com mais profundidade foi com relação aos sentidos que os visitantes atribuem a festa, até mesmo por causa do tempo que é bastante rápido no mestrado, ficando para ser pesquisado em futuros trabalhos a serem realizados sobre a temática.

Porém percebemos que ao trabalhar a dissertação com visão interdisciplinar enriquecemos nossa prática, uma vez que, observamos acontecimentos com olhares de diferentes áreas, sobre as festas de santo, o que possibilitou explicações mais abrangentes e enriquecedoras dos sentidos que as pessoas atribuem à festividade, aproximando-se da proposta do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia que tem como pilar as investigações com viés interdisciplinares, facilitando a compreensão sobre os temas amazônicos e, olhando para eles a partir de visões que explicam de forma ampliada suas narrativas. É nesse sentido que acreditamos está dentro da proposta da linha: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

Para atingir nosso objetivo tivemos que responder o seguinte questionamento: De que maneira ocorre à dinâmica das práticas festivas e, quais os sentidos que participantes atribuem a festa de santo padroeiro em homenagem a São José Operário? Respondendo a essa questão concluímos que:

No primeiro capítulo as práticas festivas têm relação com a origem da comunidade que teria iniciado com a chegada da família Andrade e com participação da igreja católica de Parintins, duas situações consideradas pelos moradores, como marco inicial para a fundação da comunidade de Terra Preta, na década de 1960, uma vez que são fatos bastante lembrados pelos entrevistados, reproduzindo o discurso oficial e dogmático religioso para a fundação dessas comunidades na zona rural de Parintins, que foi também salientado por (CAMPOS, 1995). Porém não podemos deixar de pontuar que há outros elementos que ajudaram na formação desse povoado, mas que parecem ficar há segundo plano: a presença de famílias de outras localidades que foram habitar o local e a presença daqueles considerados os primeiros habitantes da região os índios Maués que viviam ali antes da chegada da família Andrade, todos contribuíram de alguma forma para a fundação da comunidade.

Com relação às características da localidade concluímos ser típico de outros povoados amazônicos, sendo considerada pelos moradores como católica, e que

durante os finais de semanas se encontram para ir aos cultos nos domingos, rever os amigos e jogarem partidas de futebol. São nesses momentos que as pessoas vão a esses locais para rezarem, reverem os amigos e terem divertimento esportivo, mas também educam seus filhos, compartilham dos mesmos valores culturais e costumes (WAGLEY, 1988).

Com relação às santidades da localidade. A partir de análises das entrevistas e leituras, concluímos que a troca ocorreu por que a igreja de Parintins não aceitava esse santo como padroeiro, mesmo havendo resistência por parte da comunidade ao novo santo protetor, pois na época era preciso aproximar e dogmatizar com seus princípios esses povoados que deveriam se tornar católicos como tal queriam os padres de Parintins, o que fez com que com o passar das décadas as pessoas acabassem transformando São José no padroeiro da localidade e aos poucos sendo seus devotos. Porém não deixaram de cultuar e festejar o primeiro Santo, o que nos faz pensar que os moradores da Terra Preta ainda acreditam na proteção daquele que foi o primeiro protetor da comunidade ou até mesmo como forma de resistência a imposição da igreja.

No segundo capítulo a revisão de literatura fez com que compreendêssemos que as festas de santo foram implantadas durante o Brasil colonial, e que o processo de cristianização dos povos indígenas foi realizado a partir dos preceitos eurocêntricos, que negava suas culturas e identidades, chamando de povos sem almas e que precisavam se tornar cristãos, como pontua (UGARTE, 2011). Percebemos também que as festas naquela época já apresentavam elementos simbólicos e eram vistas como forma de sociabilidade entre negros, índios e brancos, aonde havia nos momentos festivos, certa igualdade. Concluímos ainda que as festas de santo na Amazônia são vistas como meios para se prestarem homenagens as santidades, momentos de se pagarem promessas por bênçãos alcançadas, fazerem pedidos de proteção para famílias, mas também para pedir paz a coletividade comunitária e, que não se deve desrespeitar as santidades, pois protegem devotos e comunitários.

No último capítulo concluímos que os participantes atribuem sentidos diferentes a festa de santo. Num primeiro momento é histórica, uma vez que, as pessoas da comunidade lembram a sua origem, afirmando que a presença da igreja católica foi fator decisivo, tanto para o estabelecimento da festa como para o desenvolvimento de uma criação de uma identidade comunitária de lugar e pertencimento. A pesquisa nos mostrou também que a prática festiva foi ganhando

proporções maiores a partir da implantação de objetivos lucrativos, pois para atrair mais pessoas foi necessário valorizar ainda mais práticas sociais. Outro fator que nos levam a acreditar que a festa tem sentido histórico é por que os entrevistados valorizam a sua origem e tem sentimento de tradição da localidade, fazendo com que sintam a necessidade de continuar sua realização, para que não quebre esse ciclo de realização, e querem que as características festivas de antes e atuais não caiam no esquecimento, e reforçam o sentido de valorizar e registrá-las.

Outro sentido percebido é o simbólico da festa, pois as pessoas, principalmente devotos e moradores da Terra Preta reforçam a relação de grupo, de pertencimento ha um lugar no mundo e que tem a proteção de um ser maior e espiritual, a quem se deve celebrar com gratidão pelo espaço vivido e pelas relações estabelecidas, no caso São José Operário. É notório também que a dinâmica entre as práticas sagradas e profanas não são vistas pelos participantes da festa com antagonismo, como se uma fosse inerente a outra, sendo percebido como forma de complementaridade. Porém nos parece que os visitantes não atribuem o mesmo sentido à festa, pois vão mais para brincar e se divertirem, sem o mesmo compromisso que devotos e moradores tem de pertencimento de lugar e com seu santo padroeiro, que objetivam a proteção da comunidade pela entidade simbólica.

Outro sentido percebido a festividade é que ela vista como forma de sociabilidade, desde os preparativos, passando pela divulgação que é vista provavelmente como meio de dar visibilidade à comunidade e ao evento, pois convidam pessoas de outras localidades para se congratularem, divertirem e prestarem reverência a santidade, gerando relações sociais entre os envolvidos. Tal fato é perceptível no círio, nas novenas e nas atividades do arraial, pois a própria comunidade e seus convidados sentem-se bem unidos, alguns prestando homenagem ao santo e outros fortalecendo os laços de amizade. A rede de sociabilidade continua com os eventos esportivos, uma vez que, dentro e fora de campo os times e torcedores se respeitam, sendo exemplificada na disputa das partidas e nos finais dos jogos, ocorrendo congratulações, abraços e desejo de boa sorte para os vencedores no próximo jogo. No próprio baile do santo ocorre a sociabilidade festiva também, uma vez que, a alegria e o divertimento acontecem envolvendo toda a coletividade no local destinado a essa prática festiva. É importante salientar também que nas próprias desavenças quando ocorrem, há também sociabilidade, pois as relações nem sempre são harmônicas, às vezes conflituosas, como pontua (ELIAS, 1994).

Assim sendo as trocas socioculturais entre as comunidades ocorrem talvez pela proximidade de parentesco, amizades e até mesmo por vontade de namorarem ou criarem outras relações, pois há pelo que parece vontade de estarem juntos, alguns pedindo proteção e respeitando o santo São José Operário e, outros fortalecendo as trocas socioculturais.

Por fim, a festa de São José Operário da Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru só é possível por que moradores e devotos atribuem sentidos de pertencimento com a localidade e festividade, pois não é qualquer brincadeira, mas a festa do seu santo protetor, aquele que irá garantir proteção aquelas pessoas durante o resto do ano, situação que para visitantes não acontece, talvez por estarem apenas brincando e se divertindo, tanto que aparecem apenas no dia destinado as práticas consideradas sociais pelos organizadores. Nesse sentido as dimensões histórica, simbólica e sociabilidade festiva estão conectadas e inter-relacionadas, pois devotos, moradores e visitantes atribuem a festa sentido de lugar/trajetória, simbólica e ao mesmo tempo de fortalecimento das relações sociais ao vivenciarem a festividade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém**. Petrópolis: Vozes, 1980.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: sentidos de festejar no país que "não é sério"**. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 1998.

_____. **Festas católicas brasileiras e os milagres do povo Civitas** - Revista de Ciências Sociais, vol. 3, núm. 1, junho, 2003, pp. 187-205 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.

BITTENCOURT, Antônio C. R. **Memória do Município de Parintins: Estudos Históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material**. Manaus: Livraria Palan Royal, 2001.

BOURDIEU, Pierre, **A economia das trocas simbólicas** / Pierre Bourdieu; introdução, organização e seleção Sergio Miceli. — São Paulo I Perspectiva, 2007.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

BESSEN, José Albertino. **São Sebastião: Soldado e Mártir**, 2ª Edição – Mundo e Missão, Florianópolis – SC, 2011.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil, **Festas religiosas e populares na Amazônia: cultura popular: patrimônio imaterial e cidades**, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Oficina do CES, 2007.

BRANDÃO, Carlo Rodrigues. **Brasil & EUA : Religião e identidade nacional** / Viola Sacha...[eyt AL]; tradução dos textos em inglês e francês Sérgio Lamarão – Rio de Janeiro: Graal, 1988.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Trad. Geminiano Franco, Lisboa: Edições 70, 1988.

CAMPOS, Manuel do Carmo. **A decadência do catolicismo popular na região parintinense (1955-1975)**. Revista de cultura teológica. 1995.

CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz de. “**Índios Cristãos no Cotidiano das Colônias do Norte (Séculos XVII e XVIII)**”. REVISTA DE HISTÓRIA, SÃO PAULO, Nº 168, p. 69-99, JANEIRO / JUNHO, p. 71, 2013.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas**. 2 ed. Manaus: ProGraf- Gráfica e Editora, 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORRÊA, Rosimay. **Festa de santo: o pagamento de promessas em Parintins-AM**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas, 2011.

COSTA, Antonio Maurício Dias. **Festa de santo na cidade: notas sobre uma pesquisa**. etnográfica na periferia de Belém, Pará, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 197-216, jan.- abr. 2011

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade ; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos)

DEL PRIORE, Mary, **Uma breve história do Brasil** / Mary del Priore, Renato Venancio. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1994.

ELIAS, Norbert. “**A Sociedade dos Indivíduos**”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 11-66.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Novos domínios da história**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/** Antônio Carlos Gil.- 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Deborah de Magalhães; ALENCAR, Edna Ferreira. **Histórico da ocupação humana e mobilidade geográfica de assentamento na várzea do médio Solimões**, 2005.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia**. Belém: Cejup, 1995.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. Revista Norte Ciência, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar** / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. – 2 ed. 1ª reimpressão – São Paulo : Contexto, 2011.

PAULINO, Antonio George Lopes. **Um santo, dois altares: divisão simbólica e espacial na festa de São José**. Trabalho apresentado no GT 11 – Festa, cidade e religião, durante o XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Salvador-BA, no período de 07 a 10 de agosto de 2011.

PEZZELA, Sóssio Pe. **Do mar de Nápoles ao Rio- Mar**. Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado, Cultura, Turismo e Desporto. Manaus, 2002.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3-15, 1989.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.

PROENÇA, Wander de Lara. **O Método da Observação Participante: Contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro**. Revistas Aulas. ISSN 1981-1225. Organização: Karina K. Bellotti e Mairon Escorsi Valério. Dossiê Religião N.4 – abril 2007/julho 2007

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **História do Amazonas** - súmula para professores. 4ª edição. Manaus: Valer, 2008.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **Além da conquista: guerras e rebeliões na Amazônia Pombalina**. 2. Ed. Francisco Jorge dos Santos. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

Sérgio Ivan Gil Braga y Rodrigo Pollari Rodrigues (2009). **Santo Antônio de Borba: devoção e festa**. XXVII Congreso de la Asociación Latino americana de Sociologia. VIII Jornadas de Sociologia de La Universidad de Buenos Aires. Asociación Latino americana de Sociologia, Buenos Aires.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paíz do Amazonas**. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ Uninorte, 2004.

SOUZA, Tadeu de. Missão Vila Nova – **Parintins (Dos Jesuítas aos Missionários do PIME)**. Parintins: Gráfica João XXIII, 2003.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “**Alvores da conquista espiritual do Alto Amazonas (século XVI-XVII)**”. In: SAMPAIO, Patrícia Melo; Erthal, Regina de Carvalho (org.). Rastros da memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia/ Patrícia Melo Sampaio e Regina de Carvalho Erthal (org.). – Manaus, EDUA, 2006.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem dos trópicos**. Tradução de Clotilde da Silva Costa. -3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 1983.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DA VOZ PELA TRANSCRIÇÃO

Eu, _____ doravante denominado AUTORIZANTE, e Gilciandro Prestes de Andrade, doravante denominado AUTORIZADO, que ao final subscreve, através deste termo tem entre si justo e combinado o seguinte:

Pelo presente instrumento, O AUTORIZADO recebe do AUTORIZANTE a autorização expressa para veicular e utilizar som da voz, através de transcrição ou não, de todo ou em parte, nome e dados biográficos revelados em depoimento pessoal concedido e, todo e qualquer material e documentos apresentados, para inseri-los em obra intelectual ou para fins acadêmicos, especialmente para publicação em eventos, livro, e Da dissertação de Mestrado do PPG/SCA da UFAM.

O AUTORIZADO poderá utilizar as entrevistas do AUTORIZANTE em eventuais publicações, criação de outras obras intelectuais, inserção em obras coletivas ou criação de obras derivadas.

O AUTORIZANTE permite o autorizado a utilizar todo ou em parte o material, imagem e ou/voz da forma que melhor lhe aprouver, através de qualquer método ou meio de exibição, utilização e distribuição da imagem e/ou voz, tanto em mídia impressa, como também em mídia eletrônica, Internet independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, em território nacional, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

O AUTORIZANTE, neste ato, declara expressamente que a seu nome e/ou voz não possuem nenhuma proibição ou impedimento no sentido de sua publicação e divulgação.

A presente autorização é dada a título gratuito, nem tampouco será devida pelo AUTORIZADO qualquer remuneração ao AUTORIZANTE pela utilização dos direitos autorizados.

O presente instrumento particular de Autorização é celebrado em caráter definitivo, irrevogável e irretroatável, obrigando as partes por si e por seus sucessores a qualquer título, a respeitarem integralmente os termos e condições estipuladas no presente instrumento.

Por esta ser a expressão da vontade do AUTORIZANTE do uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, assinam a presente autorização.

Parintins, _____ de _____ de _____

AUTORIZANTE

CPF/RG: _____

Autorizado

Gilciandro Prestes de Andrade CPFº 83611290220



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados pessoais:

Nome:

Data de nascimento:

Profissão:

Estado civil:

Escolaridade:

Endereço:

- 1- A quanto tempo você vive na comunidade?
- 2- Relate como correu o início da comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru?
- 3- Antes da família Andrade chegar a localidade havia pessoas habitando a região?
Quem?
- 4- Como ocorreu a organização da comunidade, desde a década de 1960 até a atualidade?
- 4- Relate como é a vida cotidiana dos comunitários dessa comunidade?
- 5- Fale sobre as principais atividades econômicas dos comunitários no dia a dia?
- 6- O que a festa de São José representa para você?
- 7- Relate como ocorre a organização das festividades a São José?
- 8- O santo representa para você?
- 9- Como ocorre a participação de pessoas nas atividades da igreja e arraial durante a realização da festa de santo padroeiro?
- 10- Qual a função de cada comissão na festa?
- 11- A partir de que mês as atividades de organização festiva se intensificam na comunidade?
- 12- Relate sobre os objetivos que a festa deve atingir no seu final de realização?
- 13- Qual é o seu envolvimento com a festa?
- 14- Para você existe alguma prática mais importante da festa?

15- O que você sente ao contribuir para a realização deste evento?

16- O que chama mais a atenção das pessoas para que elas venham de outras comunidades para participem da festa?

17 - Você é devoto ou apenas participa da festa?